

Entrevista com a Técnica de Radiologia Catarina

Local de Trabalho: Serviço de Imagiologia do Instituto Português de Oncologia de Lisboa

Vínculo à Instituição: Quadro

Sexo: Feminino

Idade: 40 anos

Categoria Profissional: Técnica de Radiologia Especialista

Anos de Serviço: 17 anos

- Exerceu alguma actividade antes de ser Técnica de Radiologia?

Não.

- É sócia da ATARP?

Sim.

- Quais são as suas habilitações literárias?

Tenho a Licenciatura em Radiologia e depois já não como habilitações literárias, mas pelo facto de estar a desempenhar a função de coordenação tem uma componente de gestão fortíssima fiz uma pós-graduação em Gestão e Administração em Saúde.

- Qual foi a duração dessa pós-graduação?

Foram 2 semestres. Em estrutura modular.

- Onde é que decorreu?

Na Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa.

- Passando para a caracterização das formas de conciliação da vida profissional com a vida familiar. Possui duplo emprego ou em alguma altura da sua vida em que o possui?

De 1991 a 1999 eu fui trabalhar para uma instituição privada a HOSPITAC e fui trabalhar na área em que trabalhava aqui no IPO em TAC.

- Quais foram as vantagens e desvantagens que obteve dessa situação de duplo emprego na sua vida?

As vantagens a primeira foi económica, não é? Mas eu resisti durante muito tempo a ter um segundo emprego, apesar de ter tido como todos os colegas da minha faixa etária e que passaram

por uma situação em termos de profissão diferente, em que havia falta de Técnicos em que eu fiquei logo muito vocacionada para a área de TAC, com um mundo de privadas a abrirem com TAC, tive vários convites para ir trabalhar quase sempre para essa área. Recusei. Porque sou casada, tenho uma filha, porque... queria qualidade de vida e estava muito de facto dedicada à minha área profissional aqui nesta instituição. Só que... falaram-me num projecto a... que envolviam uma componente de formação muito grande, trabalhar com nomes de referência em termos de... radiológicos, mais da área de Neurorradiologia. E foi mais o projecto em si o ir fazer um tipo de exames variados com uma patologia completamente diferente do que tinha aqui na instituição.

- Como é que conseguiu conciliar nessa altura a sua vida profissional com a sua vida familiar?

(risos) Eu penso que é tudo uma questão de organização. Eu trabalhei aqui no Instituto sempre à tarde, portanto o meu horário era um horário de tarde. Estava habituada a ter as manhãs para mim e nessa altura tive de me organizar durante algum tempo eu fazia as manhãs todas na privada e as tardes todas aqui no IPO, depois impus como condição para continuar na instituição privada passar lá trabalhar a meio tempo, portanto passei a fazer só 2 manhãs na privada porque precisava de facto de tempo para mim e estava a ser extenuante, esta a ser cansativo e não dava, porque se estava a reflectir a nível pessoal e eu parei.

- Que implicações é que isto teve na sua vida que a levou a posteriormente deixar essa vida de duplo emprego?

Eu acabei por deixar a privada um bocadinho porque foi no ano em que eu concorri para a Licenciatura em 1999. E aí não dava porque de facto ou fazia bem feito ou não fazia!... E achei que era demasiado na altura. Depois todo o grande atractivo que a privada tinha para mim, no sentido de uma patologia diferenciada, de estar a trabalhar com Médicos, estava a fazer publicações de determinados casos clínicos onde eu participava também... a isso caiu um bocadinho na rotina. Já não era também aquele desafio que representava quando eu fui trabalhar para lá e portanto... não foi assim muito difícil deixar aquela privada e depois com a Licenciatura nem nunca mais me lembrei, (risos) sendo muito sincera, o tempo faltava-me para tudo (risos).

- Ao fim deste tempo todo como Técnica de Radiologia, caracterizando o perfil profissional, o que é para ti ser Técnico de Radiologia?

Antes de mais ser um profissional de saúde, numa área extremamente especializada em como a componente tecnológica é cada vez mais avançada, mas que talvez por isso mesmo, a... o conceito do utente, do cuidar do utente, do humanismo dos cuidados tem que estar cada vez mais presente. Eu acho que isso é ser profissional, ser Técnico de Radiologia é ser um Técnico de saúde que põe

todas as suas competências e o humanismo ao serviço de um utente, de um bem maior que é a saúde.

- Como é que teve conhecimento desta profissão?

Perfeitamente por acaso. (risos) Aliás eu nem sabia a profissão, para ser sincera... eu acabei o 12º ano, tinha a noção que queria trabalhar numa área da saúde, mas o referencial que conheciam era a Medicina e a Enfermagem. A Enfermagem não me dizia rigorosamente nada, para Medicina não tinha média para entrar, por isso decidi parar um ano para fazer melhoria de nota para concorrer para Medicina. E parei um ano, e melhoria de nota é que não fiz (risos) e... mas como foi um ano que de facto acabei por estar parada, que isto de contarmos com o nosso tempo para tudo, às vezes não dá os melhores resultados. E como pensei: *bom eu vou de facto entrar para Medicina, mas para tal vou ter que me organizar, mas não posso estar assim, não posso estar parada senão acho sempre que vou ter tempo para estudar mais tarde, portanto vou-me inscrever num curso de saúde* – e resolvi ir-me inscrever em Enfermagem e perfeitamente por acaso, e por acaso soube da Escola, da nossa Escola. Na altura a nossa Escola Técnica dos Serviços de Saúde e... fui lá ver que cursos é que havia. De todos os cursos que lá estavam, os único que eu conhecia, que sabia dizer qualquer coisa era Fisioterapia e Análises Clínicas. A Fisioterapia não me interessava, Análises Clínicas não queria de todo, a... e depois vi algo que eu achei muito engraçado que era a Radiologia, a Radioterapia e Medicina Nuclear (risos) e eu achei que isto parecia uma Ciência ao serviço da saúde, que devia ser uma coisa interessante. Concorri para Enfermagem e concorri para a Escola para Radiologia. Entrei para Enfermagem e entrei para a Escola. Como Enfermagem de facto não me dizia grande coisa, pensei: *não, vou para Radiologia!* Mas sempre com a ideia que: *vou para Radiologia, mas vou melhorar a minha nota para concorrer para Medicina.* E depois foi uma surpresa! Gostei do curso e... nunca mais pensei em Medicina (risos) e não estou minimamente arrependida pela opção que fiz!

- Como é que foi o seu 1º contacto coma profissão?

O meu 1º contacto com a profissão foi no Hospital Pediátrico D. Estefânia. Foi o meu local de estágio. A... já tinha tido um contacto com a profissão enquanto utente, mas não a conhecia do lado profissional, portanto, não ouve conhecimento da minha parte, não sabia que profissão era aquela, não é? E depois foi de facto enquanto estagiária, durante o tempo de estágio no D. Estefânia...

- Partindo para as qualificações e competências do profissional. Na sua opinião, quais as competências de um Técnico de Radiologia no seio de uma equipa multidisciplinar?

Tem que ter competências relacionais, que são imprescindíveis! Porque de facto a equipa ou é funcional ou não é, e... é evidente que é uma equipa multidisciplinar, com graus de autonomia e de responsabilidade muito diferenciados ou diferenciados, mas com uma independência e recursos que só existe, nós só conseguimos funcionar de facto partilhando os recursos que temos e, nesses recursos estão as competências e os conhecimentos e portanto eu acho que, além das competências, das atitudes que se têm que ter em termos da afirmação da profissão, de saber exactamente qual o nosso papel no seio da equipa, temos que ter também toda uma série de competências técnicas, de conhecimentos muito seguros, muito precisos e sempre uma predisposição grande para aprender e para ensinar, no fundo para partilhar informação.

- Para se ser “bom” Técnico de Radiologia está associado ao facto de se ser homem ou mulher na profissão?

Não. Não acho que seja algo que tenha a ver com o sexo, embora ache, o ser bom Técnico não! Embora ache que sendo uma profissão maioritariamente feminina são concedidos aos homens eventualmente mais facilidades em termos de progressão na carreira. Que não tem a ver com competência!

As mulheres ficam com a gravidez, não é? A... é logo um factor que muitas vezes, em termos de determinadas valências de prestações, pelo facto de ser normalmente a mulher que dedica mais do seu tempo à família que acompanha mais as crianças e de uma série de coisas, em termos de oportunidade de carreira, eu acho que é mais em termos de oportunidades de carreira, é talvez mais difícil.

- O que é que pensa acerca do exercício inqualificado na nossa profissão?

Acho que é um horror! E acho que de uma vez por todas tem que ser tomadas medidas corajosas para acabar ele.

- E acha que esse panorama manteve-se ou modificou-se em Portugal?

Eu acho que... atenuou-se, mas mantém-se, só que numa forma mais escondida, mais envergonhada, ou seja, há mais a desculpa logo de dizer: *eu tenho aquela Técnica que não é Técnica! Mas porque já trabalhava...* enquanto antes não havia sequer esta preocupação do ser Técnico, não ser Técnico... eram pessoas que estavam a trabalhar para eles. Para eles, quando eu digo eles, os Médicos! Não é? Eu penso que neste momento está talvez mais mascarado, não acabou! Mas está mais mascarado. Mas também depende... há falta de coragem de muitos Técnicos! Eu tive muitos convites para trabalhar em sítios que recusei porque a minha primeira condição seria sempre quem não era Técnico não trabalhava lá! E no entanto há pessoas que até considero bons

profissionais, mas que pactuam com este tipo de situação, cedam então trabalhar com pessoas que não têm as qualificações para. Independentemente de serem ótimas pessoas ou más pessoas, bons ou maus executantes, não Técnicos! Ponto final!

- Mudando de temática novamente, partindo para o desenvolvimento profissional, assistiu a evoluções tecnológicas no seio da profissão. Em que circunstâncias é que ocorreram essas evoluções no seu Serviço?

Bom, em relação aqui a este Serviço estamos neste momento a digitalizar todo o Serviço. Estamos a implementar o Sistema PACS, o mamógrafo já é digital, começamos por ter a estereotaxia digital, o mamógrafo já é digital, os equipamentos que temos de raios X já são ambos digitais, já são todos de exposição directa, só vamos ter IP's os doentes intransportáveis e no pavilhão de Medicina porque é um posto avançado que há lá de Radiologia. O custo era muito alto para nesta primeira fase avançarmos já para uma digital directa. Em termos de TC, eu quando vim trabalhar para cá, tínhamos um equipamento de 3ª geração, entretanto tivemos uma TC helicoidal, agora já temos a helicoidal e o *multi-slice*, e o *helicoidal* já esta mais que desactualizado, o próprio *multi-slice* também já está. Já estava cá quando fizemos a aquisição da Ressonância Magnética e depois há toda uma série de avanços tecnológicos que têm sido feitos. E eu quando vim trabalhar para cá, tínhamos no TAC uma cuba, iam-se revelar as películas à câmara escura, passámos disso para uma multiformato, agora temos as lasers, portanto há toda uma série de coisas quer em termos de pós-processamento, pós-processamento de imagens, portanto há toda uma série de... evolução.

- Essa necessidade de evolução partiu de que tipo de problemas? Surgiram para solucionar que tipo de problemas?

Eu não sei se tem a ver com problemas, tem a ver com desafios, de facto, com actualizações e... nós somos um hospital que quer assumir, não é o caso, porque isto é um instituto, portanto que deveria estar vocacionado para a parte da investigação oncológica, para a formação oncológica. A... temos tantos doentes, que neste momento a nossa maior vertente é assistencial, mas continuar a ser um hospital de referência em termos de formação dentro da área oncológica, e de facto não fazia sentido com uma actualização constante a nível tecnológico, que nós não tirássemos partido desse avanço tecnológico e porque tudo isso implica em termos de dosagem dos utentes, para nós, para a actualização de conhecimentos, obrigar a ter tudo isto a mexer um bocadinho, porque está a ser extremamente interessante ver como é que os Técnicos mais velhos, de uma geração mais velha, que nunca tinham sequer mexido num computador, portanto, passaram de uma mesa, alguns passaram de um sistema de revelação mesmo de câmara escura com revelador, fixador, para

estarem a trabalhar com um equipamento digital. (risos) são desafios! São desafios e nós temos que acompanhá-los.

- Estas evoluções que ocorreram modificaram os seus objectivos profissionais?

A... em parte. Porque... ao descentrar... vamos lá a ver, nós estamos sempre a evoluir, não é? Os objectivos em algo que nós, ou ano a ano, ou seja como for, é algo que parte de um plano de desenvolvimento profissional pessoal que fazemos. Ao mudar toda uma série de tecnologia, ao mudar até de relações de trabalho, porque o papel... alteram-se papéis, não é? Com equipamentos cada vez mais sofisticados há papéis que ficam... por exemplo, auxiliares de acção médica, já não são necessários em termos de funções que estavam a desempenhar, portanto são reaproveitadas para um outro tipo de funções, portanto, tudo isto tem sempre implicações, quer em termos de trabalho, quer em termos de organização dos métodos de trabalho. E portanto há um... talvez um enfoque maior em determinados critérios de controlo de qualidade, de uma série de protocolos estabelecidos, que agora podemos tirar partido e que na altura não poderíamos: registo da dosagem, há toda uma série de pós-processamentos que são feitos, que têm implicações em termos de objectivos comuns e do Serviço.

- Qual a importância, para si, da formação no desenvolvimento da nossa profissão?

A formação é sempre importante! Extremamente importante. Agora não pode ser formação por formar, na minha opinião, claro! Porque pode ser formação de coleccionar diplomas. Penso que nós podemos fazer opções, temos que tentar ser coerentes com as opções que fazemos e que temos que ir procurar formação adequada, formação rigorosa e formação credível. E que essa formação tem de facto impacto, em termos da nossa prestação e em termos da imagem do Serviço onde estamos inseridos e tem que ser uma formação de facto adequada.

- Que tipo de actualizações ou formações realizou ao longo da sua vida profissional até ao dia de hoje?

Pronto, eu vim trabalhar aqui para o IPO por um convite da... do que é na altura não era a designação de coordenador, da antiga Chefe de Serviço. O meu 1º contacto com o IPO tinha sido pela Mamografia porque estive cá a fazer um estágio de 2 meses. A... assim que acabei o curso fui trabalhar para o Hospital de Vila Franca de Xira, adquiriram um equipamento de Mamografia e fui indigitada pelo Director de lá, para abrir eu aquela valência de Mamografia. Como tal, vim para cá fazer um estágio de 2 meses. Foi o meu 1º contacto com a Instituição. No ano a seguir, já não estava a trabalhar em Vila Franca, já estava no Curry Cabral e tive um convite da então Chefe de Serviço Técnica Catarina Lopes para vir trabalhar para o IPO. Foi um convite e foi um desafio. Estar cá um

mês e, ou serve ou não serve! Curiosamente, eu pensei que era para ir para a Mamografia, não era!... Era para ir para TC, que na altura ainda era um bocadinho aquele sítio mais... não queria chamar elitista, mas era um bocadinho mais... 2 ou 3 pessoas é que trabalhavam ali. E eu fui trabalhar para uma tecnologia que eu não conhecia, que tinha tido uma cadeira no curso, uma cadeira semestral, que se chamava Novas Tecnologia da Imagem, que a única coisa que vi, que foi uma ida a S. José, mostraram-me: *Isto é um equipamento de TAC!* – E eu: *Bom! Que giro!* Mas de facto de TC não sabia rigorosamente nada!... E fui colocada a trabalhar na TC, portanto, toda a minha primeira, todo o meu primeiro esforço de formação foi no sentido, primeiro dominar a tecnologia, saber trabalhar no equipamento de TC e depois a formação que eu fiz de facto, foi muito rigorosa, muito vocacionada para a área em que estava a trabalhar, que foi TC, e quase toda a minha formação foi muito ligada à área de TAC. Entretanto como qualquer elemento fixo no TAC acabei por ficar responsável pela gestão dos recursos associados, quer dos materiais, quer pela área de formação dos colegas que iam aprendendo TC. Portanto comecei a sentir necessidade também, ah! E também fui monitora na Escola, fui monitora no módulo de TC. Comecei a sentir também necessidade, para além do TAC, de ter conhecimentos na área de formação pedagógica. Portanto, fui... para além de aprender os cursos e toda uma série de livros, apesar de ir aos congressos, às jornadas, aos seminários, livros que adquiri, formação que fiz, a... estágios que procurei noutros hospitais, foi muito vocacionada numa 1ª fase para TAC. Depois para a parte da formação, nunca esqueci muito a Mamografia, apesar de tudo, porque é uma área de referência aqui no Instituto e porque tínhamos um responsável da *Mama* que nos impulsionava muito também para a área da Mamografia. A... em 1998 colocaram cá a Ressonância Magnética, comecei a investir mais em formação em termos de Ressonância Magnética. Depois com a Licenciatura fiquei portanto, alerta para a questão da Qualidade e para o Controlo de Qualidade. Fiz também formação nessa área, onde fui responsável da tarde do TAC, depois responsável do TAC e da Ressonância, depois responsável do turno da tarde; comecei então a procurar formação na área da gestão e quando assumi a coordenação, foi essencial de facto, a formação em termos de gestão e administração. Toda a minha formação mais actual tem sido nessa vertente.

- Esse investimento na formação foi por motivos de auto-realização profissional ou por questões de necessidade do Serviço?

Acho que foi uma mistura das duas coisas! Eu não consigo conceber enquanto profissional o estar a fazer algo, para o qual não estou preparada, que não sei fazer ou que posso adquirir competências que me permitam fazer melhor, portanto eu penso que foi um bocadinho o entrecruzar das duas coisas: realização, porque quero saber como é que se faz, mas estou a fazê-lo porque a própria dinâmica do Serviço me proporcionou que eu chegasse a determinado lugar e porque a pessoa tem

que ser pró-activa em termos profissionais, não é? Eu penso que seja uma mistura das duas coisas, realização profissional, dinâmica do Serviço, a... curiosidade em relação a determinadas áreas da formação, de temáticas que embora não esteja envolvida directamente, mas que fazem, que me dizem qualquer coisa, uma mistura de tudo! (risos)

- Quais são as suas actuais expectativas profissionais, chegando a esta etapa?

Neste momento, muito sinceramente, eu estou num hospital em que... o valor central deste hospital, está escrito logo a seguir à nossa missão, é a orientação para o utente. Eu acho que nunca tanto se falou na humanização dos cuidados de saúde e na importância do utente e também ao mesmo tempo isso se está a esquecer tanto. Penso que a orientação para o utente era de facto uma mais valia em termos de hospital. E foi o que me fez escolher ficar a trabalhar neste hospital. Foi porque de facto, revia-me a maneira como se trabalhava aqui, na maneira como se lidava com os outros grupos profissionais, como se lidava com o utente, e havia todo o clima, toda uma cultura da organização virada de facto... porque lá está! Por ter este carácter de Instituto, de ter dependido durante muito tempo do Ministério da Educação, portanto, havia uma componente de investigação, uma componente pedagógica muito grande. A... isso foi-se perdendo um bocadinho com a passagem do hospital a SA, a... acentuou-se ainda mais. Portanto começou-se a falar em indicadores, indicadores económicos, resultados, indicadores, resultados, e de facto, os números encarados numa perspectiva errada, o entrar e sair pessoas sabendo... profissionais! Sabendo que as perspectivas de ficarem na Instituição eram muito poucas e que até a própria maneira de como eram encarados era um bocadinho como o dispensável, era o contracto, vem... pode ficar, não pode... cria de facto, pouco vínculo dos bons profissionais à Instituição. E portanto as minhas expectativas profissionais, é que de facto, a orientação para o utente seja de facto, algo que esteja interiorizado em todos os grupos profissionais e que o utente que aqui entra sinta isso, que estamos todos a trabalhar para ele.

- Como perspectiva o futuro da nossa profissão em Portugal?

Eu neste momento estou muito baralhada. Em relação ao futuro da nossa profissão. Acho que... não estamos se calhar a conseguir a articular a... quando eu digo nós, todos os profissionais, não é? Não estamos se calhar a conseguir articular muito bem todo o conjunto de informações, de formações, de autonomia, de papéis que se conseguiam, de pessoas que se foram afirmando na profissão, a... e portanto nós inevitavelmente vamos crescer! Vamos crescer enquanto grupo profissional, agora nós... continuo a achar e penso que o futuro se... espero que o futuro traga isso! Falta-nos maturidade profissional! Falta-nos ainda consciência de classe profissional e espero muito sinceramente que o futuro da profissão seja que as pessoas ganhem essa maturidade profissional que nos falta...

- Enquanto sócia da ATARP qual é que acha que tem sido o papel da Associação ao serviço do desenvolvimento da nossa profissão?

(risos) Neste momento, estou um bocadinho desligada da ATARP. A... neste momento vejo a ATARP mais como... e com mágoa! Mas vejo a nossa Associação, mais como uma entidade que organiza eventos, iniciativas e pouco... activa ou então não esta a ser eficaz na forma como poderia mobilizar os associados, no sentido de por toda uma série de dinâmicas em acção, de saber como é que são as várias realidades dos vários hospitais, o que é que se conseguiu fazer num sítio, o que é que os profissionais conseguiram fazer noutro e... portanto, a Associação para mim, neste momento, é uma entidade, mas uma entidade no qual eu não me revejo completamente (risos).

Local de Trabalho: Serviço de Imagiologia do Hospital Santo António dos Capuchos (Centro Hospitalar – Zona Central)

Vínculo à Instituição: Quadro

Sexo: Feminino

Idade: 48 anos

Categoria Profissional: Técnica de Radiologia Especialista

Anos de Serviço: 25 anos

- Exerceu alguma profissão antes de ser Técnica de Radiologia?

Sim. Fui castigada quando chumbei no 5º ano (risos) e trabalhei numa loja.

- É sócia da ATARP?

Sou sócia da ATARP, não pagante (risos).

- Quais são as suas habilitações literárias?

Curso Geral dos Liceus.

- Tem outra formação académico-profissional?

Sou Técnica de Radiologia.

- Não fez nenhum curso de pós-graduação?

Fiz um curso de Gestão, mas não posso considera-lo que seja de pós-graduação.

- E qual foi a duração desse curso?

Ah... 6 meses.

- Onde decorreu? E como decorreu?

Na Escola, na ESTeSL e... era todos os dias da semana... já não sei quantas horas... umas 3 horas, 4 horas, 5 horas... não sei, eu posso depois trazer o número de horas, se for necessário.

- Ah...

E passei! Com uma nota boa! (risos)

- Isso é que é importante.

- Possui duplo emprego? Ou nalguma altura da sua vida possuiu?

Neste momento não. Mas durante toda a minha vida possuí duplo emprego.

- Por onde passou? E em que valências é que teve os seus segundos empregos?

Consultório Dr. Luís Aires de Sousa, na Radiologia Convencional. Em Moscavide, num Consultório que não me lembro o nome do Dr. Ah... Oliveira Alves, na Radiologia Convencional. Clínica de S. João de Deus, Mamografia. (ah...) Foi aí que fui coordenadora do Serviço.

- Quais as vantagens e desvantagens que você, ao longo da sua vida de duplo emprego encontrou?

Vantagens. O dinheiro, a experiência, ah..., o conhecimento, ah..., o trabalhar com outro tipo de doente, outro tipo de médicos, ah..., e a realização pessoal, que acho que foi muito importante.

- Como é que conseguiu conciliar este tipo de vida, com a sua vida familiar?

Às vezes foi difícil, era difícil. Ah... tinha empregada em casa. Por vezes, o dinheiro que dava à empregada era mais do que quase aquilo que ganhava, mas enfim. Trabalhava, ah... aprendia, estudava, ah... enfim... fazia outras coisas porque nunca gostei muito do trabalho de casa. Com os meus filhos, ah... todos os tempos livres, constituí família, acho que vivíamos em família, sim... acho que... não trouxe problemas para os meus filhos e para a minha vida em casa também não, nem para mim própria porque... acho que para mim foi muito melhor aquilo tudo o que eu fiz tudo o que eu trabalhei como Técnica de Radiologia do que ser propriamente a dona de casa. Eu orientava e... havia alguém que trabalhava.

- E Então? Que implicações é que acha que isto trouxe para a sua vida? Ao fim ao cabo como resumo?

Acho que... me deu melhoria de vida. Melhoria pessoal. Eu acho que pessoal ah... o meu ego, ah... aquilo que eu sou hoje devo a tudo isso que fiz, se eu tivesse ficado só no hospital e não tivesse feito mais nada, sentia-me... acho que me sentia... agora... mal... acho que... isso deu-me... eu aprendi muito trabalhando no hospital e fora do hospital, ah... eu sinto-me... sinto-me... como é que eu hei-de dizer... uma pessoa ah... realizada no meu campo profissional.

- Para si o que é ser Técnico de Radiologia?

Ah... ser Técnico de Radiologia... é muito importante! Acho que a Radiologia não era nada sem os Técnicos. Acho que só nós, nós é que podemos dar o bom à Radiologia porque somos nós é que executamos todas as técnicas. O médico consegue fazer o diagnóstico, mas... sem o nosso saber, eles não o conseguiam, se nós não fizermos bem os exames, se nós não tivermos capacidade de

sabermos aquilo que estamos a fazer, ah... eles não conseguem fazer um bom diagnóstico e o clínico, sem um bom diagnóstico, não consegue totalmente ah... saber o que é que o doente tem. Por isso acho que... Técnico de Radiologia é... apesar disso não ser muito visível, acho que... acho que é muito importante e... acho que saber muito e sabermos fazer muito bem toda a técnica e sabermos e termos alguns conhecimentos de patologia para podermos dar um bom diagnóstico, eu acho que é muito importante na medicina.

- Quais são então os aspectos que considera mais importantes na caracterização da nossa profissão? Mais importantes? Acho que é realmente o saber fazer. Sabendo fazer, ter os conhecimentos de diagnóstico, ah... e depois a humanização que, tem que ser junto com o saber fazer e com os conhecimentos de diagnóstico, da doença, daquilo que estamos exactamente a fazer, acho que isso é muito importante na nossa actividade profissional.

- Como teve conhecimento desta profissão?

É assim, ah... eu era para ser professora primária... (risos) depois o meu namorado na altura foi para o Hospital de Santa Maria tirar o curso (risos), namorado na altura e namorado no final, até ao final ... e então, ah... ele achou o curso muito giro, porque ele também gostava muito ah... do curso que tirou e gostava muito de fazer Radiologia e... então entusiasmou-me e... eu nunca tinha entrado num hospital, cheguei lá a primeira vez, fiquei horrorizada, fiz exame de admissão e... (onde?) em Santa Maria e depois comecei a gostar, comecei a gostar e gostei tanto ou tão pouco, que fui mandada para a cabeça do touro que, antes de acabar o curso já estava a trabalhar sozinha, que muitas vezes já me deixavam sozinha a trabalhar no Serviço Central de Santa Maria à tarde. E pronto entusiasmei-me de tal modo que ainda hoje gosto muito de Radiologia.

- Na sua opinião, quais são as competências de um Técnico de Radiologia numa equipa de Saúde multidisciplinar?

As competências... a principal competência é o fazer e saber fazer, depois há ... sei lá como é que vou dizer isto. Há o saber estar com os outros ... e o saber trabalhar em equipa, que eu também acho que é muito importante o relacionamento e... depois no saber fazer é preciso que os outros também vejam em nós aquilo nós sabemos, aquilo que nós fazemos e... haver uma ligação de inter ajuda porque senão, não há equipa, não há equipa multidisciplinar, não há equipa no trabalho, se cada um trabalhar por si, não estamos a fazer bem ao doente antes pelo contrário.

- Para se ser bom Técnico de Radiologia está associado ao facto de se ser Homem ou mulher na profissão?

Não. Homem ou mulher desde que queiram, desde que gostem e para mim é muito importante o gostar daquilo que se faz porque se nós gostarmos daquilo que fazemos nós fazemos bem, tentamos fazer melhor e estamos sempre a aprender todos os dias e... Homem ou mulher pode fazer tão bem radiologia, tanto o Homem como a mulher, claro!

- O que pensa acerca do exercício não qualificado na nossa profissão?

Penso muito mal...

- Na sua opinião este panorama mudou ou manteve-se em Portugal?

Mudou um bocadinho, mas só um bocadinho mesmo porque acho que ainda há exercício inqualificado... É assim, se eu concordasse com ele, eu tinha um filho a trabalhar como Técnico de Radiologia. Que ele bem que ele gostava de Radiologia e no entanto, a única coisa que ele sabe fazer é revelar exames porque... eu nunca concordei com o serviço inqualificado.

- Assistiu a diversas evoluções tecnológicas no seio da profissão. Em que circunstâncias ocorreram essas mesmas evoluções nos diversos locais de trabalho por onde passou?

... É assim... sempre que há evolução a... há um medo, existe um medo, os profissionais têm medo! Têm que adquirir novos conhecimentos, não sabem se são capazes a... acontece a todos os níveis. Tanto a nível técnico, como até a nível, já falo em nível auxiliar porque... as novas tecnologias também o auxiliar também tem que aprender pronto a... a manusear os equipamentos e muitas vezes para ajudar a tirar o doente a... e até a nível médico por isso, a... toda a evolução... eu sou muito positiva, como sou e... ao longo da vida tenho tentado acompanhar a evolução... por isso... eu acho que é sempre uma mais valia, saber mais, aprender mais, apesar das dificuldades e dos medos que as pessoas vão sentindo no seu dia-a-dia e quando começam e quando estão a aprender e... mas eu acho que é uma mais valia é... o saber mais, têm é que se aplicar, estudar manuais, enfim... trabalhar-se para se conseguir... continuar nessa evolução.

- E aconteceram circunstâncias específicas para haver essas evoluções?

A... circunstâncias específicas?... (necessidades a...) sim é claro, claro que... isto antigamente, quando eu comecei... TAC apareceu pouco tempo depois em Portugal a... a mamografia, a mamografia também era... fazia-se Xerorradiografia que por acaso nunca fiz, já não sou desse tempo, mas até os próprios mamógrafos tiveram muita evolução até a própria estereotaxia que antigamente fazia-se com um prato sólido com uns buraquinhos e ali é que se tentava colocar a agulha no sítio que nunca se sabia exactamente as coordenadas, nunca se sabia as coordenadas da lesão, está a ver... um processo arcaico de fazer o que nós hoje fazemos...

- Estas evoluções modificaram os seus objectivos profissionais?

Ai!... Eu sempre tive muitos objectivos profissionais! Toda a vida... Eu nunca quis ficar quieta... Eu sempre, eu sempre, sempre fui uma pessoa que lutou muito pela Radiologia e... Mesmo quando eu fazia radiologia no início, fazia radiologia convencional e só fazia radiologia convencional, ai eu tinha muito prazer em mostrar bons exames e... em fazer bons exames e saber aquilo que estava a fazer, por isso as novas tecnologias para mim é evolução, é o continuar e espero não parar por aqui, apesar de agora estar aqui num gabinete horrível (risos) e pessoal.

- Qual a importância da formação para o desenvolvimento da profissão?

É muito importante, é totalmente importante! Sem formação as pessoas estancam como acontece com muitos, com muitos?! Alguns dos nossos colegas mais idosos assim! Alguns da minha idade (risos). As pessoas estagnam... entram numa estagnação que não, não, não tem cabimento as pessoas nem sabem e... se não houver formação, se as pessoas não forem, não fizerem formação... as pessoas o que aprenderam é o que sabem, se aprenderam bem é assim... fazem, se aprenderam mal também fazem assim, por é preciso e, e é assim... e há e porque eu acho que na nossa profissão há uma constante aprendizagem, por isso eu tenho tentado fazer isso.

- Que tipo de actualizações ou formação realizou ao longo da sua vida profissional até à actualidade?

É assim (risos), as jornadas e os congressos a... ouvia o que me interessava, mas era mais o social (risos). No que diz respeito a formação propriamente dita, fui a acções de formação a... tirei cursos a... tenho tentado acompanhar a evolução e... tenho... e agora neste momento... interessa-me muito mais coisas mais a nível de gestão, de organização, tenho tentado escolher exactamente formação nesse tipo a... gerir conflitos a... tenho tentado, tento acompanhar a minha formação a... àquilo que eu necessito de fazer no hospital que é onde eu estou agora.

- Esse investimento na formação foi por motivos de auto-realização profissional ou por questões de necessidade do Serviço onde esta inserida?

A... sinceramente?... Auto-realização (risos) que eu gosto muito... (risos) eu gosto muito de... eu... (risos) o meu ego tem que estar sempre muito elevado, ele tem que estar sempre lá muito lá em cima... eu se puder estar um bocadinho acima do normal, eu estou (risos), eu tento, eu faço... na minha vida eu sou assim... às vezes soffro!... Mas eu sou assim...

- Actualmente quais são as suas expectativas profissionais?

A... pois... as minhas expectativas profissionais... (mantiveram-se ou alteraram-se desde que é Técnica de Radiologia?) Ah... é assim... as expectativas não se alteraram. Eu sempre pensei vir a ser líder, sempre pensei em ser considerada uma ótima Técnica a... sempre lutei por isso. Por isso as coisas não se alteraram, eu tenho feito por isso! A... se calhar podia ter estudado um bocadinho mais a nível académico, que não fiz... foi borrada! Mas... a nível profissional a... sempre tentei chegar e quero chegar mais além do que aquilo que estou, apesar de ver que há algumas dificuldades a... porque eu não acompanhei o meu nível académico junto com o nível profissional e isso está-me a trazer dificuldades e um certo número de problemas.

- Como perspectiva o futuro da profissão Técnico de Radiologia em Portugal, neste momento?

Neste momento... neste momento eu estou um bocadinho preocupada porque... vejo muitos doutores, muito pouco, muito poucos Técnicos a fazerem os exames correctamente, a pensarem que... eles escolheram como profissão o ser Técnico de Radiologia e... descurarem um bocadinho nisso que... isso não nos traz nada de bom à profissão porque nós devemos... o saber fazer muito bem para que... os outros, vamos chamar lobies (risos) que tentam sempre que nós não sejamos nada porque lhes interessa, interessa-lhes pagar o menos possível, interessa-lhes que... porque nós é que executamos, eles a... se nós dermos um bom diagnóstico, quase que não é preciso o Médico Radiologista e... porque o clínico já vê muitos exames e já sabe ver muitos exames e... mas se nós o fizermos mal feito e que aquilo passe pelo Radiologista, nós automaticamente somos um bocado... ah! Não sabem fazer... não sabem executar... não sabem não sei o quê!... Isso está mal feito!... Repita!... E eu, o que eu tenho medo neste momento é que eu acho que isso anda um bocadinho a acontecer, as pessoas andam a desprezar a parte técnica e... podem-nos pegar por isso. Eu acho que nós podemos ser bons, podemos ser doutores naquilo que nós fazemos que é o saber fazer, o saber estar em equipa e o saber ser Técnico, que é muito importante e muito bonito. Respondi à pergunta? (Sim)

- E por último, para finalizar, qual tem sido o papel da ATARP ao serviço do desenvolvimento da profissão em Portugal? Na sua opinião...

Na minha opinião... é assim a... eu e a ATARP não somos muito amigas a... a ATARP cada vez mais está a... ao nível, acha... eu acho que há um certo megalomanismo, não sei se posso dizer esta palavra assim, na ATARP a... coisa que não acontecia à uns anos atrás. Acho que... a ATARP vai fazendo uns cursos, vai fazendo uns congressos, vai fazendo umas jornadas a... o social é ótimo da ATARP, mas depois há coisas que... eu acho que deviam fazer mas que não o fazem como se calhar perceber mais as dificuldades que nós temos na nossa profissão, perceber melhor os problemas que nós temos ao nível profissional com os médicos com... com a estrutura em que

estamos, enfim... a ATARP como associação não consegue dar a conhecer a nossa profissão ao, ao... público, aos utentes, às pessoas que precisam de nós, tanto aos que... aos doentes, utentes, como propriamente aos médicos, aos engenheiros, aos... às outras pessoas. Acho que não há uma divulgação da nossa profissão, eu acho que a ATARP tinha o dever de demonstrar melhor o que nós fazemos, o que nós somos dentro de uma equipa multidisciplinar como é, como existe na saúde. Somos as meninas, somos os meninos, somos eles, elas, as enfermeiras, os doutores, nós somos tudo e a associação como associação devia a... demonstrar e mostrar, nem que fosse gastar-se dinheiro, às vezes vez de se gastar dinheiro em jornadas de grande porte, em grandes hotéis, se calhar fazer um bocadinho de publicidade, ir para a rua, ir demonstrar o que é o Técnico de Radiologia, o que é os Técnicos de Diagnóstico, isso é que eu gostava que a associação fizesse. Acho que é isso.

Duração: 23min e 53 seg.

Local de Trabalho: Serviço de Imagiologia do Hospital Dona Estefânia

Vínculo à Instituição: Quadro

Sexo: Feminino

Idade: 44 anos

Categoria Profissional: Técnica de Radiologia Principal

Anos de Serviço: 22 anos

- Exerceste alguma actividade antes de seres Técnica Radiologia?

Não.

- És sócia da ATARP?

Sou. (risos)

- Quais são as tuas habilitações literárias?

Licenciada em Radiologia

- Tens outra formação académica para além da licenciatura em Radiologia?

Não.

- Entrando no campo da caracterização das formas de conciliação da vida familiar com a vida profissional. Possuís duplo emprego ou em alguma altura da tua vida profissional possuíste?

A, grande parte da minha vida profissional possuí duplo emprego. Tive períodos que não, exactamente pela dificuldade que tinha em conciliar duplo emprego e família.

- Ao longo de, desde 1983, por onde passaste e em que valências é que dedicaste o teu segundo emprego?

Eu comecei simultaneamente em duplo e, assim que saí do curso. A... comecei por fazer Convencional, depois fiz... Mama, Osteo, Angio, TAC, mais nada!

- Durante essas alturas em que mantinhas o regime de duplo emprego na tua vida, quais são as vantagens e desvantagens que... conseguiste avaliar durante esses períodos? O que é que te trouxe de bom e o que é que te trouxe de mau?

Pronto... se formos ver em termos pessoais a... muitas vezes trouxe-me a vantagem de trabalhar em valências que não dispunha no local de trabalho principal, portanto no hospital. Portanto o lidar com

outras tecnologias, ter uma aprendizagem profissional mais abrangente do que teria só no hospital. Isso talvez fosse o ponto forte do duplo. A... no entanto, e para mim sempre foi não uma satisfação profissional, mas sim uma necessidade por os Técnicos de Radiologia não ganharem o suficiente no seu principal emprego. Nunca foi uma opção por outro motivo que senão o monetário.

- E... para além disso, nenhuma outra desvantagem apontada para além da questão monetária?

Exacto. De resto não vejo assim... também ao longo do tempo soube que... comecei a aprender a negociar a forma de contratação da privada. Portanto terei que ter a privada cada vez menos absorvente em termos de horário, mais flexível, na possibilidade exactamente pela conciliação com a família, mais flexível, mas menos idas, portanto não um duplo emprego daqueles igual ao primeiro. Portanto um duplo emprego com carácter mesmo de biscate, que é o que neste momento eu tenho. Portanto, vou quando posso, quando quero, quando preciso, a... posso aí jogar entre a necessidade monetária e a necessidade da vida do dia-a-dia.

- A... ao longo destes anos como é que conseguiste conciliar a vida pessoal e a vida profissional?

Ainda por cima com duplo foi muito difícil. A... faz-se com um grande esforço, muitas vezes esquecendo-se de nós próprios. A... vivendo muito mais em função das necessidades da família e as minhas necessidades pessoais, muitas vezes postas em segundo ou terceiro ou inexistente plano. A... que é aquilo que mais, de certa maneira, olhando, fazendo uma retrospectiva, fico mais triste não é? Abdiquei de muita coisa pessoal, que gostava de fazer, que não havia tempo, mas consegui de certa maneira conciliar a vida familiar, principalmente e nível dos filhos, com o duplo. Tenho a vantagem de ter um marido que também é Técnico de Radiologia, que portanto, entende perfeitamente bem este tipo de horários, este tipo de vida e que não levanta objecções aos problemas ao tipo de vida quer forçosamente a gente tem de ter. A... e isso facilitou-me imenso, portanto havia uma cumplicidade das necessidades.

- E a título de síntese, que consequências é que isso trouxe na tua vida? Positivas ou negativas...

Em síntese, eu não considero que fosse muito negativo. A... é assim, eu quando saí para ser Técnica de Radiologia, saí da Escola, a... em termos pessoais foi uma opção, portanto, não fui para Técnico de Radiologia porque era o que havia. Fui para Técnica de Radiologia por opção, sabia perfeitamente o que era ser ter Técnico de Radiologia, não fui colocada por uma vaga, a... fui portanto, de opção pessoal, sabia perfeitamente, (interrupção) sabia muito bem o que era ser Técnica de Radiologia, portanto eu sou filha de Técnicos! Portanto, não foi uma opção que não soubesse a... inclusivamente foi uma opção contra a vontade dos meus pais, que quereriam já que já que queria ser das Tecnologias da Saúde então que fosse de outra especialidade qualquer que não

fosse Radiologia, portanto foi por opção e isso trouxe com que eu encarasse tudo isto com alguma... portanto em termos pessoais realizei-me profissionalmente, a... continuo, não posso dizer que terminei essa realização, ainda tenho muitos projectos profissionais para continuar, para fazer. A... profissionalmente eu acho que consegui fazer aquilo, que dentro daquilo que me era possível, dentro das limitações pessoais que todos nós temos, consegui isso, dá-me alguma a... paz interior em termos da realização profissional. Em termos da realização pessoal e familiar não creio que tenha gerido isto muito mal. A... já tenho dois filhos, um com 20 e outro com 17, portanto... já estão crescidos... a... não os vejo a queixarem-se de eu ter pouco tempo para eles. O tempo não se mede em quantidade, mas em qualidade e... portanto a parte familiar não vejo muito prejudicada. Num contexto geral, pensando que ainda tenho tantos projectos para fazer e que hei-de fazê-los a... estou bem! Estou bem... (risos) Não foi mau!

- E falaste que sabes o que é ser Técnico de Radiologia. Então o que é ser Técnico de Radiologia para ti?

Para mim ser Técnico de Radiologia envolve várias facetas, a... a faceta de um conhecimento de uma ciência, das Ciências Radiológicas que sempre me... em termos das áreas científicas, vamos lá... de... disciplinas... bases eram disciplinas, que para mim eram sempre preferidas, as físicas e as matemáticas, juntamente com o lado que eu gostava imenso das anatomias, das biológicas e portanto dessas, eu consegui juntar as áreas todas numa única, em termos dos conhecimentos, numa única área de conhecimento, todas as outras envolventes que eu gostava e ser Técnico de Radiologia é ter todo esse saber juntamente com o saber-saber não é? E o saber-fazer. O saber-fazer não é só da execução, de ser um Técnico de perfeição, tem uma outra envolvente que é a envolvente da... vamos lá, da nossa matéria-prima que, para mim é a forma de eu estar com o doente que eu mais gosto. Eu vou dar um exemplo. Não me agradava imenso a ideia de ter de estar em contacto com o doente tempo demais de forma a envolver-me e aí abrangeria a enfermagem, as fisioterapias, em que eu tinha uma envolvimento com o doente, que talvez pelo meu... a minha forma de ser a... me doesse mais. Portanto, a minha envolvimento com o doente é de passagem. Portanto tenho uma envolvimento com o doente momentânea, com... apenas com uma coisa que se calhar para mim era muito importante. Contribuir em grande para o diagnóstico e portanto a partir do momento em que eu contribuo para se descobrir o que é que o doente tem, para ajudar a continuar para... aí passo para... para mim já perdeu o interesse. E o interesse é mesmo a busca do diagnóstico e aí era através da Radiologia que o conseguia mais facilmente a minha independência; é das profissões mais independentes dentro das tecnologias. Portanto a... a autonomia apesar de ser contestada, mas para mim eu acho que temos muita autonomia, tirando em algumas áreas, todas as outras somos completamente autónomos e... isso agrada-me.

- Então... enumerando, quais são os aspectos importantes na caracterização da profissão? Quais as palavras-chave que descrevem o que é ser Técnico de Radiologia?

É um pesquisador. Uma pessoa humana na relação com o doente e... sei lá! É sempre em busca, portanto, um pesquisador, a relação humana é muito importante, é assim eu considero isto importante apesar de não estar a arranjar um adjectivo que é o brio do que se faz.

- Já sei como é que tiveste conhecimento da profissão. Quando é que foi o primeiro contacto, quando é que te apercebeste desta realidade da nossa profissão?

Esta realidade... eu nasci nesta realidade! E portanto, não posso estar a demarcar que fui a um hospital e fiz uma radiografia em mil e novecentos e troca o passo, a... não! Para mim a realidade de um hospital, de um grande hospital principalmente e aí fundamentalmente um grande hospital. Portanto os meus pais eram do hospital de São José, fui criada no infantário do hospital, passei para a escola da Rua da Palma onde fiz a escola primária e ia almoçar ao hospital e fazia os trabalhos de casa na biblioteca do hospital e quando tinha férias ia na carrinha dos mortos recolher os mortos era o passeio preferido a todos os outros hospitais. Portanto a realidade do hospital, para mim, nunca constituiu grande diferença, eu quase que não sabia o que era viver de outra maneira, sem o hospital. Em relação à profissão propriamente dita, eu sempre fui uma pessoa extremamente curiosa, a... e curiosa no sentido de olhar para o mundo e ver e portanto observava todos os... muitíssimo bem todos os papéis dos vários intervenientes numa equipa multidisciplinar. E como gostei sempre da independência e da autonomia, achava que era a pessoa mais independente e autónoma daquela grupo todo, talvez o médico o fosse acima, mas não gostava muito porque tinha ali uma parte, que talvez eu como não apanhava tanto, talvez eu aí desconhecesse. Sempre gostei da imagem, a... lembro-me nas memórias que tenho, mais antigas em termos da Radiologia é o adorar revelar à mão. A... eu com 5, 6 anos revelava à mão e achava aquilo um máximo o estar à espera de ver as imagens a surgir a... aquilo para mim encantava-me, sempre me encantou, a... sempre gostei e portanto, a curiosidade veio por aí, porque... é toda uma envolvente que me satisfazia em todos os níveis, a minha curiosidade, o meu gosto, é difícil de explicar, mas... é por aí.

- Há pouco falaste na equipa de saúde multidisciplinar. Na tua opinião quais são as competências do Técnico de Radiologia numa equipa deste género?

Portanto, todas as competências de um Técnico de Radiologia são aquelas que estão inerentes à sua área de conhecimento, pronto ponto final. Mas as áreas de conhecimento hoje em dia cada vez são mais... sobreponíveis em alguns campos a... e que exactamente, se é uma equipa multidisciplinar não pode haver uma... na minha opinião uma estratificação assim... eu faço isto até aqui, depois ir

buscar a compressa já é competência do Enfermeiro, pois se eu estou ali e se a compressa está ali ao lado eu posso pegar. A... eu posso segurar um doente provavelmente não será da competência de um Enfermeiro ou de um Médico, mas se estivermos numa equipa multidisciplinar, não vejo nenhum inconveniente em ele fazer isso, ou seja, a... a equipa tem de estar toda apenas com um único objectivo, que é o objectivo final de acudir àquela situação, àquele doente e portanto os comportamentos que cada um tem é... motivados pelos seus conhecimentos bases da sua formação e depois todo o conhecimento do dia-a-dia, a interdisciplinaridade do fazer e portanto, não há o eu faço aquilo, o outro faz aquilo, eu acho que isso não funciona. Eu sei fazer isto, o outro sabe fazer aquilo e o outro saber fazer acolotro, eu posso ajudar o outro a fazer a outra coisa e o outro pode-me ajudar a fazer aquilo que é meu, sem uma grande estagnação em relação aos actos, no entanto cada um tem as suas áreas de conhecimento e isso é que é indiscutível, não é? Ninguém me vem ensinar a fazer radiografias, eu também não vou ensinar a suturar uma cabeça, nem vou ensinar a fazer um penso, mas no entanto posso ajudar a fazer um penso e os outros podem-me ajudar a fazer uma radiografia.

- Para se ser um bom Técnico de Radiologia esta associado ao facto de se ser homem ou mulher na profissão?

Não. Que disparate?! (risos) Não vejo razão nenhuma, eu acho que é assim a... todas estas coisas que eu anteriormente disse em relação ao que é ser Técnico ou o que é gostar ou que é necessário ser a... tanto se encontra isso no sexo masculino como no sexo feminino, não acho que nós mulheres sejamos melhores nem eles sejam melhores, acho que é indiferente. E se vamos a falar então em algumas tecnologias, estou-me agora a lembrar que selectivamente é uma área das mulheres da Radiologia e muito menos dos homens que é a Mamografia eu discordo porque Ecografia Mamária é realizada perfeitamente por um Médico homem porque é que a Mamografia da senhora, tudo bem, a manipulação é diferente na execução da Mamografia, o Técnico manipula mais do que o Médico a fazer a Ecografia, mas é uma questão de postura, então também há Ginecologistas homens também lá têm que meter a mão! Eu não consigo perceber!

- Passando para outro campo, o que pensas acerca do exercício inqualificado da nossa profissão em Portugal? Na tua opinião este panorama mudou ou manteve-se?

É assim, o exercício inqualificado é um cancro na nossa profissão. Não é só na nossa, mas em todas as áreas das Tecnologias da Saúde, a... é um cancro que estamos a tentar mudá-lo, estamos a tentar mudar este panorama a... mas que é difícil porque esse exercício basicamente é na privada, em que... o factor monetário da senhora da limpeza que ganha o ordenado mínimo nacional e que no intervalo até faz umas radiografiazitas fica bem mais barato que um Técnico e é isto que leva a

manter-se e a criarem até novos postos para pessoas inqualificadas e depois temos o tradicional profissional que aprendeu a fazer, já está a fazer há 20 ou 30 anos e que até faz muito bem segundo o senhor doutor Médico Radiologista. A... e isto é problemático! É problemático porque não há denúncia conveniente porque a população não tem informação disso, portanto há o desconhecimento da população sobre o profissional que está à frente de si, se é ou não uma pessoa creditada para o exercício e... portanto isto só se consegue mudar através da denúncia por um lado e por outro lado também temos que admitir... este panorama vai mudar brevemente! Que é o facto de também não haver um número de Técnicos suficiente para substituir esses todos inqualificados, mas como isto em 1 ano ou 2 vai até haver para mais, andarão aí aos pontapés. A minha esperança é que quando estiverem aí aos pontapés comecem as denúncias. Nem que seja por parte desses que estão aos pontapés.

- Assististe a evoluções tecnológicas no seio da profissão. E falando nas evoluções tecnológicas numa perspectiva de desenvolvimento profissional, em que circunstâncias é que ocorreram essas evoluções no teu local de trabalho? Ou seja, se assististe em que circunstâncias ocorreram, porque é que ocorreram essas evoluções?

Bem, eu ao longo... desde que acabei o meu curso basta dizer que, quando eu estava a fazer o curso se falava que TAC era uma tecnologia que existia nos Estados Unidos, que cortava axialmente o doente e que apareciam umas imagens muito engraçadas. Isso na parte final do curso. Na parte final mesmo quando estava a terminar aparece o primeiro em Portugal e portanto, daqui se pode ver o que é que se avançou depois disso, não é? Portanto surge o TAC, surge a Ressonância, a Angiografia deixa de ser convencional e passa a ser digital, aparece a Osteo, desenvolve-se a Mama como um rastreio generalizado à população a... portanto estás a ver, eu acabei o meu curso na pré-história e estou agora na época que estamos praticamente. É assim, isso é que me encanta na minha profissão. É que eu sei que na minha profissão daqui a uns anos estamos a dizer outras coisas e este crescimento acentuado das tecnologias, da... da forma de trabalhar, das potencialidades do trabalho, isto é alucinante, mas é aliciante, não é? Tudo isto cresceu nos meus locais de trabalho em necessidade de resposta da população e dos doentes às novas tecnologias, portanto, mais devagar ou mais depressa, acabam por surgir porque se há oferta, há procura e a procura gera mais oferta e isto anda num ciclo. Portanto acaba por surgir inevitavelmente mais rápido ou mais devagar acaba por surgir, daí eu ter dito à entrada em relação ao duplo emprego, muitas vezes ter ido buscar as novas tecnologias à privada para aprender porque ainda não tinha no Estado porque normalmente no Estado as coisas andam um bocadinho mais lentas a entrar, no mercado concorrencial da privada não. O topo é logo para sair, pronto! Agora é assim, todo este percurso é natural é... se nós

pensarmos bem entre aquilo que tínhamos quando acabei o curso e o que eu tenho hoje, é mesmo a pré-história e a actualidade.

- Estas evoluções modificaram os teus objectivos profissionais? Se sim, em que sentido é que ocorreram?

Elas não alteraram os meus objectivos porque à partida quando se escolhe esta profissão e que se sabe que se está a trabalhar com tecnologias e que as tecnologias... a característica de trabalhar com tecnologias exactamente a constante evolução. A... portanto nada disto é surpresa! Portanto é esperado, é querido, é bem-vindo, portanto... não... não mudou! É isto mesmo! E continuo a querer mais!

- Qual a importância da formação para o desenvolvimento da nossa profissão?

Pronto, exactamente! Se a tecnologia e se o desenvolvimento das necessidades daquilo que a gente... do nosso saber vai da pré-história à actualidade, logicamente eu tenho de ter durante estes vinte e poucos anos a formação profissional a nível da pré-história até agora, porque... é assim, nós nunca terminámos a nossa formação, nunca está terminada. Primeiro por causa da permanente evolução do material com que nós trabalhamos, tudo com que nós trabalhamos, as novas tecnologias, as novas coisas, portanto é assim, ninguém pode parar a formação! Porque no dia que parar é na reforma e não sei se na reforma eu não irei fazer uns cursitos de formação porque não vai haver uma técnica nova que eu não saiba! Isso, eu nem questiono, nem que eu vá de bengala aprender! (risos)

- E agora fazendo uma retrospectiva destes 20 anos. Que tipo de actualizações ou formações realizaste ao longo da tua vida profissional até ao dia de hoje?

Bem, para falar nisso talvez tivesse que ir buscar o meu curriculum pá, e trazia-te a lista telefónica pá e dizia-te as formações todas que fiz, mas eu basta dizer isto, se tal como eu frisei há bocado quando termino o curso ainda não havia praticamente nem TAC em Portugal, portanto acho que é dedutível como é que eu hoje ainda continuo a estar a trabalhar, estou no activo, domino minimamente (nunca ninguém domina completamente) todas as técnicas que estão implementadas neste momento. Portanto é só fazer para aí umas contitas, uma lista telefónica talvez chegue.

- E esse tipo de actualizações? Foram cursos?... Congressos?... Jornadas?... Estágios?...

Passou por tudo isso! Estágios, Jornadas, Congressos e Cursos e Formação no Serviço.

- Esse investimento que fizeste de formação foi por motivos de auto-realização ou por questões de necessidade do Serviço?

Por auto-realização primeiro que tudo. A necessidade do Serviço, muitas vezes eu aproveitei as necessidades do Serviço para fazer a minha auto-valorização (risos). Estou a ser honesta apenas! (risos) Só estou a ser honesta! Há que aproveitar as situações, mas primeiro que tudo para mim.

- Quais as tuas actuais expectativas profissionais, chegando a este patamar da tua carreira?

Primeiro chegando a este patamar, ainda só sou Principal! Em termos de carreira se é que a gente pode pensar que pode continuar a haver uma carreira... Se eventualmente continuar a haver uma carreira, se for esta carreira, ainda tenho muitos degraus para subir, se não houver esta, há-de haver uma outra qualquer com alguns degraus para subir, isto em termos curriculares, em termos de carreiras, em termos de posição hierárquica, entre aspas no contexto dos Técnicos. Em relação aos contextos do trabalho, do saber fazer, do saber-saber, eu espero e isso é inevitável... que a nossa profissão vai continuar a evoluir como evoluiu nestes últimos 20 anos, e cada vez mais e porquê? Porque nós dependemos cada vez mais do computador e à velocidade que nós sabemos que... a evolução do computador é diária e constante, uma coisa vertiginosa! Portanto nós vamos ter que continuar com esta mudança vertiginosa! Portanto eu hei-de como eu te estava a dizer há bocado, mesmo depois de reformada, se houver uma nova tecnologia eu quero aprender!

- Como perspectivas o futuro da nossa profissão em Portugal?

É assim. Eu não sou pessimista! Eu como sou optimista por natureza, portanto eu vou contrariar o que a grande maioria diz que vai ser uma desgraça porque vão sair muitos Técnicos, que vão para o desemprego, que vai ser o caos, que os duplos empregos vão acabar, que vai ser a desgraça total!... Pronto... a... em relação a isso, sobre o facto de virem muitos Técnicos para o mercado de trabalho não me assusta. Não me assusta pessoalmente! Se calhar se eu fosse esses Técnicos novos estava assustada, não estes agora mais um ou 2 ou 3 anos, mas depois... talvez ficasse assustada... mas... neste momento não estou assustada. É mais um reforço de que eu tenho que continuar a fazer formação porque quando há muitos Técnicos, nesse caso quando há muito profissional no mercado de trabalho tem emprego quem vale mais! Portanto eu não tenho que ter medo da concorrência, é estimulante e não é de forma nenhuma destabilizadora, pelo contrário, pode fortalecer e estabelecer ainda mais o meu valor! Portanto não me preocupa! Em relação, portanto aos novos que chegam à profissão, também não vejo grande drama nisto! As próprias privadas vão acabar por ter menos alunos porque os alunos vão para lá porque há necessidade de trabalho e quando deixarem de saber que ali há abertura de trabalho vão escolher outro trabalho. Isto é trigo limpo e farinha amparo! Por isso não vamos por ali... O mercado vai regular isto tudo! O próprio mercado de trabalho vai

regular isto tudo! Se pensarmos com... e lá esta o meu lado optimista, que Portugal vai evoluir, que vai ser um país como os outros, que vai ser um país mais perto da CE etc.... se a gente pensar tudo isso, também penso que os cuidados de saúde primários vão evoluir, vai haver cada vez mais a necessidade de centros de saúde com tecnologia, não se admite que um centro de saúde que não tenha uma Radiologia e umas análises, pelo menos... não é centro de saúde, ninguém atende ninguém. Hoje em dia, nós não somos... nós deixamos de ser Técnicos de Diagnóstico e Terapêutica para ser Técnicos de Pré-Diagnóstico e Terapêutica e portanto ninguém sabe fazer um diagnóstico sem fazer uma radiografia e umas análises! E portanto se todos os centros de saúde, de cada freguesia, os mais importantes tiverem uma pequena unidade de radiologia a funcionar as 24 horas, tenha uma pequena unidade de análises aberta 24 horas, abre-se um mercado de trabalho enorme, se retirarmos todos os inqualificados do caminho e pusermos e substituímos por profissionais, se os duplos empregos passarem a ser só duplos e não triplos, quádruplos e quintos e não ter horas para dormir como algumas pessoas têm a... isto é assim, o primeiro impacto vai ser a... porque não estamos habituados, portanto o primeiro impacto nos próximos 3 anos vai ser problemático! Mas depois tudo se ajeita e tudo se alinha e tudo entra nos contextos. O que se vai passar daqui a poucos anos na Radiologia e não só!... em todas as outras áreas das Tecnologias da Saúde, não é nada mais nada menos aquilo que aconteceu com o professores. Havia falta de professores e as mãezinhas e os paizinhos disseram para os meninos: - meninos vão para professores! E os meninos escolheram para professores e agora temos não sei quantos desempregados. Mas agora podemos começar a pensar uma coisa... quantos professores foram professores no desemprego e que tinham dois dedos de testa e continuam à espera para serem professores... quem tem dois dedos de testa vai fazer outra coisa! Quando acontecer isso aos Técnicos de Radiologia que se formarem podem ser outra coisa! Nós temos montes de coisas para fazer ainda! Além de fazer radiografias! Porque é que não investigação nos laboratórios da Siemens, da Philips, etc., aplicações dessas utilizações. Porque é que têm que ser Físicos, só Físicos?!... E Srs. Engenheiros da caca feita?!... Porque é que não são Técnicos de Radiologia?!... Porque é que não são os Técnicos de Radiologia que invadam por esse lado?!... Porque é que não vão vender cateteres?... Não vão vender contrastes iodados?... É desprestigiante?! É uma área da nossa área, não?! É isso que eu digo! Não vejo isto como a desgraça que aí vem. Não se adivinham tempos fáceis, mas também se calhar não são tão difíceis... se calhar eu quando saí da Escola se calhar via o panorama dos Técnicos de Radiologia pior do que vejo agora... e isso as pessoas se esquecem... eu quando saí da Escola, vi o panorama, que éramos 30 pessoas acabadas de sair da Escola com uma formação de base que temos na nossa Escola, num mundo adverso! Num mundo em que os outros Técnicos de Radiologia nos viam como inimigos públicos nº. 1... Vêm os meninos da Escola que têm a mania que são espertos e querem-nos tirar o lugar!... Vou boicotá-lo!

E nós temos de conquistar o nosso espaço! E nós tivemos que provar que não queremos tomar o lugar de ninguém que íamos tomar o nosso próprio lugar e que isto ia crescer e não sei quê... não foi fácil quando nos primeiros Técnicos das nossas Escolas quando vieram para o mercado de trabalho... nada fácil!... Nós éramos vistos como os inimigos... portanto, se calhar isto é sempre assim... hoje por um motivo, amanhã por outro... pá! As coisas... portanto é assim... o futuro que eu vejo é o futuro! Futuro é sempre o futuro! Ninguém gosta de antever um futuro em mudança... a... porque a mudança assusta porque a mudança isto, aquilo, etc. aquelas histórias todas que sabe teoricamente sobre a mudança... mas a mudança é essa mesma! Também passa pela mudança da mentalidade, de... tu tiraste um curso de Técnico de Radiologia, podes não ir fazer aquilo rigorosamente para que fostes a... pensastes que ias! Podes ir perfeitamente para um laboratório fazer investigação científica... sobre uma nova ampola, uma não sei quê... claro! Que se calhar não der ser neste pobretanas deste país... mas tudo bem há outros países!... fazer formação em... instalar coisas em países subdesenvolvidos... oh pá! Se conseguirmos abrir a nossa mente vemos campos de trabalho enormes. Não tem de ser só fazer Radiologia dentro de um hospital, há muita coisa para o Técnico de Radiologia! Ele tem é de se afirmar nesses postos! Já falei demais... (risos).

- Qual tem sido da ATARP ao serviço do desenvolvimento da nossa profissão em Portugal?

É assim! Eu vejo a ATARP como a coisa que depois de a gente ter saído da Escola foi o melhor que podia ter acontecido à profissão! E é assim, uma associação de um grupo profissional não é uma coisa que faça falta, é uma coisa indispensável! A... muito pontapé da esquerda, muito pontapé da direita, muito erro, muita cabeçada, mas existimos! Existe uma Associação, existe união entre os vários profissionais, entre um grupo profissional de forma a que a Associação exista. Neste momento, de há uns anos para cá a associação funciona. Mal ou bem, ninguém é perfeito, nada funciona perfeitamente, quando funcionar perfeitamente, deixa de existir porque é tudo tão perfeito, não faz falta! Pronto, a... e é por aí que temos que ver... pena é a que eu tenho... muita pena por todos os outros grupos profissionais das áreas das Tecnologias da Saúde não terem também uma ATARP deles, porque poucos têm! Por isso tenho muito orgulho na ATARP! E é assim, essa história de que... ah! Mas está lá este e devia ter feito aquilo. Não estás de acordo, propõe-te! Há eleições! Estamos num país democrático! Faz melhor! Não critiques! Produz! É o que eu digo a quem diz mal! A... Aí ou no Sindicato, seja onde for. Portanto estamos num país democrático em que há eleições e as pessoas se podem propor às eleições, formar um grupo e propor-se, fazer uma proposta de trabalho, apresentar um programa, candidatar-se e ir. Ou então, se não está de acordo dizer: olhe, não estou de acordo! Acho que deviam fazer isto, isto e aquilo, mas dizerem! Não estarem só a cortar pelas costas! Ajudarem, contribuírem com as críticas e as alternativas e... é indispensável, isto! Têm é que avançar! Temos que ir para outros voos! Temos que avançar no

sentido de uma Ordem. A... a forma da Ordem é controversa. Uma única Ordem com vários Colégios, uma Ordem para cada especialidade, e que isso eu acho que é por enquanto se estiver a remar por esse lado não se vai a lado nenhum! A... e pronto, os Fisioterapeutas querem ir sozinhos, então boa viagem! Não preciso deles! A... eu estava de acordo com uma Ordem em que... tal como a dos Médicos, uma Ordem dos Técnicos e os Colégios das Especialidades, cada um com a sua e as Associações também, faz falta! Toda a gente faz falta! Faz falta e há campo para todos eles, cada um tem as suas funções e portanto a Associação tem de avançar no sentido de uma Ordem. Tem todo o apoio do Sindicato, reforço mil vezes que é necessária! A... a ATARP sabe que nós estamos do lado deles para formar uma Ordem, sempre que houver azo a que haja uma intervenção sindical ela une-se com toda a certeza, quando vamos a qualquer lado dizemos a mesma coisa, se estamos todos a batalhar para o mesmo lado! Cada um tem a... as competências e as áreas de cada um, não é? Como é óbvio!... Estamos incondicionalmente ao lado da Associação, de todas as Associações como Sindicato, na ânsia de vermos uma Ordem! Para por ordem nisto!

Entrevista com o Técnico de Radiologia António

Local de Trabalho: Serviço de Imagiologia do Hospital Curry Cabral

Vínculo à Instituição: Quadro

- Percurso Profissional

Em primeiro lugar vamos ser sintéticos, certo? A... portanto tenho 52 anos e sou de 1973, o ano... portanto o meu curso foi o último dos cursos que se faziam pelos hospitais. E fora os que deram a servir de experiência para se iniciarem as escolas superiores. O director que eu apanhei foi o primeiro director da escola de Lisboa. A... o engraçado da situação é que serviu de experiência... do meu, foram 46 pessoas a concorrer, a... chegaram ao fim 3 pessoas do meu curso. Um deles está lá para o norte que é o Luís Assis Pacheco, que aliás ele ficou com a minha bolsa de estudo a... e portanto o meu curso durou 2 anos, não foram 6 meses, 1 ano ou 3 anos, não! Foi 2 anos e incluiu depois um estágio de 6 meses não remunerado... na ocasião foi na urgência. A... depois fiz... a entretanto pedi adiamento para o serviço militar porque no nosso caso, não no vosso, mas no nosso (risos), tínhamos que fazer serviço militar e fui parar a Angola e... na ocasião também fiz o curso militar, uma vez que já tinha o curso civil, mas tive que fazer o curso militar. Pedi adiamento para fazer o exame e vim cá faze-lo, entretanto fui lá para a guerra do Ultramar e regresssei no final. No final como tinha a vaga em aberto porque eu tinha a... ficado nas vagas, mas nunca cheguei a exercer no quadro antes de chegar. Quando cheguei após o 25 de Abril, deu-se o 25 de Abril e essa coisa toda, portanto iniciei as minhas funções na Urgência do Hospital de São José. A... na ocasião ainda havia encarregados de câmara escura que era... havia encarregados de câmara de escura e Técnicos a... a percentagem era 10% de Técnicos e o restante eram encarregados de câmara escura. A... passados 2 anos fui nomeado chefe de equipa, até porque era o único que era Técnico, Técnico,

Técnico! Eram muito poucos Técnicos na Urgência, haviam 6 ou 7 Técnicos na Urgência de São José. A... quem era na ocasião a coordenadora era a Técnica Laura, que aliás estava metida também nos cursos e portanto era a Laura... e o Mateus, o Técnico Mateus... ainda o vi... a... passado depois 3 anos houve a possibilidade de haver concurso para Técnicos de primeira. Concorri com os restantes que havia, portanto e passei para Técnico de primeira na mesma ocasião que passou a Etelvina e outros do meu tempo. A... continuei na Urgência, 5 anos depois, mais ou menos 4, 5 anos depois... não posso precisar bem a... houve a possibilidade de... já como Técnico de primeira, 6 anos depois, é o que é, mais ou menos, de abrir... de fazer as rectificações a nível nacional da reestruturação das carreiras. Deixou de haver os encarregados de câmara escura, portanto eram a extinguir... foi uma coisa a extinguir. A... para deixar de haver encarregados de câmara escura, os auxiliares passaram a fazer o que os encarregados de câmara escura faziam, que era o caso da revelação mesmo com a daylight eles passaram a meter as películas. E foi nessa ocasião que... o TAC de São José aberto à Urgência foi aberto, portanto... no meu tempo iniciou-se, iniciou a Urgência também a fazer rotações à TAC. A... primeiro só de manhã e de tarde e depois noite no final... a... já agora só uma aparte! Eu vim parar ao Hospital Curry Cabral senão ainda hoje estava em São José porque eu e o Jorge que morreu, que era um colega do 1º Curso criámos uns protocolos em TAC que instalámos porque que vinham da Holanda para instalar protocolos para fazer o Abdómen, com o Dr. Ribas Freitas ou isto assim ou isto assado, nós conseguimos perceber como é que se criava os protocolos e modificar o sistema e modificámos! Mas devido a um médico que ficou muito indignado porque os Técnicos utilizaram coisas que deviam ser só da sabedoria deles, participou em relação à Directora de Serviço que era a Dra. Maria do Carmo. Por causa disso é que me quiseram de lá para fora e foi a razão que depois vim abrir a Urgência do Hospital Curry Cabral vários anos depois. A... mas antes, voltando atrás... muito rapidamente nessa ocasião, a... nessa ocasião a nível nacional com as reestruturações das carreiras a... passou a haver... porque isto terminava em Técnico Principal, não havia mais! Terminava em Técnico Principal, mas na ocasião abriram as vagas para Técnico Principal, eu já tinha uns anos de Técnico de 1ª e concorri contra 110 Técnicos a nível nacional para 7 vagas. A... fiquei na 5ª vaga, fiquei na 5ª vaga porque o júri não foi isento. Eram 2 Médicos e um Técnico que era o Técnico Fernandes que, momentos antes do exame a... para conseguir que alguém ficasse nas vagas do conhecimento deles com menos aptidões, quer em termos intelectuais, quer a... físicas, no aspecto de trabalho, mas como eram sobrinhas e não sei quantos, apesar de já serem pessoas com alguma idade, tentaram por todos os meios possíveis e imaginários a... que... a minha vaga não fosse, mas felizmente como era muita gente a concorrer, como era um anfiteatro muito grande e como o que está escrito não pode ser negado nem com a presença de tantas pessoas não podiam... era altamente escandaloso se eu ficasse abaixo dessa nota, tiveram que aceitar-me nas vagas, apesar de ficar em 5º a... tiveram que

comer essa! (risos) Mas como não estavam satisfeitos com a mudança do protocolo depois a... mandaram-me para um Serviço de poucos Técnicos, que era o Serviço de Angio, que na ocasião era um escamoteador do Serviço 10 de Neuro, Neurorradiologia, ou seja, de Neurologia, mas que da nossa parte era a Neurorradiologia. Foi aí que desenvolvi portanto o conhecimento e umas determinadas aptidões, portanto, em relação à Angio com o escamoteador, claro! Porque os angiógrafos têm poder de tempo real, parece-me que havia um, mas não era nos Civis. A... estive lá 2 ou 3 anos, já não me lembro bem... Não, não! Estive lá menos tempo! Estive lá 1 ano só! Porque eu não gostava daquilo. Mandaram-me para lá para chefiar aquilo, mas com 3 pessoas e 3 delas passavam a vida a faltar. Quer dizer, aquilo era um vazio absoluto, não me sentia bem e... arranjei um processo de me por a andar de lá para fora, entretanto... entretanto depois a... houve ali uma fase em que a Urgência ficou sem... sem o Técnico Chefe de lá, que na ocasião estava na Urgência porque foi para outro hospital ou porque reformou-se, não sei bem... já não me lembro bem... e... nessa altura, na ocasião a... portanto havia um médico que era, que era, que era... bem! Que era o Director da Urgência, a ver vamos... em relação ao curriculum que eu tinha teve que me admitir como responsável da Urgência, concorri ao lugar e... o Arlindo Também ficou lá, na ocasião... fiquei como 1º responsável e ele como 2º responsável até porque ele era menos graduado que eu, na ocasião em relação, em relação à hierarquia normal da nossa carreira. Não nas aptidões técnicas dele que são muito boas, mas em relação à parte curricular estava um bocadinho... em relação à nossa carreira ficou assim. E por lá estive até me conseguirem despachar para aqui porque abriram a Urgência para aqui, então com um conjunto de vários Técnicos, que foram 7, a... deram-me as guias de marcha dos colegas e apresentamo-nos aqui. Quando chegamos aqui ao Hospital Curry Cabral tivemos a possibilidade de ver um Serviço completamente obsoleto. Tivemos que ver que estávamos 30 ou 40 anos atrasados em relação a São José que já tinha alguns atrasos. Mesmo assim já tinha alguns atrasos... a... na ocasião foi dito ao Director de Serviço, que era o Dr. Santos Coelho que tinha que se modificar muitas coisas para que a Urgência comesse a trabalhar a... no Curry Cabral porque não havia Urgência neste hospital. A... e... esses pedidos não foram aceites ou foram ignorados ou demoravam a ser realizados. As condições de trabalho eram muito más, então escreveu-se uma carta para a Administração, directamente para a Administração, com resposta para dar em 15 dias, resolverem vários problemas, quer da higiene, quer das dimensões mínimas. Foi-se buscar essa lei à... ao instituto do trabalho que era na praça de Londres, foi-se buscar tudo o que havia sobre segurança radiológica, passou-se isso tudo para papel e deu-se 15 dias por carta registada à Administração para resolverem isso aos Técnicos e ar-condicionado etc. porque senão íamos para os órgãos de comunicação. Isso valeu-nos uma guerra sem quartel durante 2 anos com o Director, que apesar de deixar de falar com os Técnicos da Urgência a... e acusando de ter destruído aparelhos por causa de uma desmontagem... que isso agora não tem nada a ver com o

caso, foi um bocado difícil lidar com esta situação e com a falta de lisura, de na ocasião, os médicos, ou seja, do Director deste Hospital, na ocasião, foi muito difícil lidar com eles a... mas a verdade é que fizemos valer os nossos direitos e estou-me a reportar há 15 anos atrás, que isto é muito importante em que havia um poderio quer médico, quer de outras especialidades, ou seja, dalguns elementos do CA. Foi uma guerra muito diferente do que poderia ser agora. Agora são mais abertos, são obrigados a estar mais abertos, mas naquela altura foi uma guerra muito difícil. Teve custos, mas a verdade é que conseguimos realizar os padrões mínimos aceitáveis começou a exercer a sua actividade e dignidade humana! A... na ocasião, tivemos um problema, que tínhamos cá Técnicos que eram Técnicos a... exerciam a função, mas eu não sei até que ponto é que eles exerciam bem a sua função de Técnicos, mas faltava-lhes o aspecto social de... eram extremamente... era humilhante ver o modo como eles se relacionavam com os Ortopedistas! Era extremamente humilhante! Só faltava baterem com a cabeça no chão! Uma pessoa deve ser educada, mas a humilhação perante outras classes profissionais é uma coisa que eu nunca suportei durante a minha vida e... então até rectificar essa situação, que me valeu mais umas tantas guerras, muito difíceis... muito difíceis e até conseguir que essas colegas regressassem à ARS que eram origináveis porque lá não estavam tão expostas agora a um novo modelo que se queria implementar que era a funcionalidade da Urgência, a profissionalização da Urgência, já era pensado há 15 anos atrás, não foi agora. O processo da profissionalização da Urgência, eu achei muita piada quando começaram nos jornais a aparecer há 10, 12 anos com o Correia de Campos, já eu tenho trabalhos feitos e apresentados ao Conselho de Administração acerca do que era uma profissionalização da Urgência e da necessidade que isso existisse. A guerra foi lenta, foi a pouco e pouco, foi-se trepando os degraus a pouco a pouco, sempre marcando as diferenças, mas com respeito uns pelos outros. Foi muito difícil mudar as mentalidades e ainda hoje é difícil mudar as mentalidades, mas pouco a pouco têm-se mudado as mentalidades. Agora a nova guerra, que vai ser a vossa guerra não vai ser já com os Médicos, não vai ser com o Conselho de Administração, a vossa guerra vai ser com a Enfermagem. Neste momento o poderio da Enfermagem está-se a sobrepor até ao, próprio... próprio corpo médico! Porque neste momento, desde as Comissões que se estão a criar para se introduzirem em qualquer sector, para conseguirem controlar todas as situações é uma coisa evidente. Na minha perspectiva, é que daqui a 5, 10 anos ou há um travão muito efectivo das outras profissões, no nosso caso de Diagnóstico e Terapêutica, Análises, Radiologia, todas as nossas e Fisioterapia ou há um acerto e uma força muito grande de dignificar a nossa profissão e saber exactamente onde é que começa e acaba as nossas responsabilidades, muito embora elas estejam definidas pelo Diário da Republica, mas que na prática não estão a ser aplicadas porque eles têm e uma das coisas prioritárias às nossas carreiras é conseguir ter um Técnico Director no Conselho de Administração porque só... (telemóvel tocou) ... em relação a... aos padrões de responsabilidade

só vamos conseguir mudar, penso eu, a nossa atitude a... não! As atitudes podemos nós mudar, mas a atitude do conjunto de Diagnóstico e Terapêutica em relação a qualquer a... eu não digo imposição, nós não temos que impor nada! Mas, mas a dar a opinião sobre determinados sectores, sobre os nossos sectores isso podemos ter. E para isso, é imprescindível a... termos uma pessoa no Conselho de Administração. Aliás como existe um Enfermeiro Director. Não é um Técnico Director por especialidade! Nem pensar nisso! Um de Radiologia, um de Fisioterapeuta, um de Análises porque aí nós não vamos chegar a lado nenhum. Isso posso garantir-lhe que não vamos chegar a lado nenhum! É um que represente toda a classe! O método de nomeação não me interessa saber. Isso há quem discuta e pode ser discutido durante muitos anos ou... muitos anos não! Ser discutido durante muitos anos não porque pretendia-se que isso se conseguisse resolver a curto/médio prazo porque senão vamos perder muito, muito, muita capacidade de opinião, de resolução... seja do que for. Há alguns Hospitais que já têm... que já são ouvidos nos Conselhos de Administração, são! É verdade e... são muito ouvidos no Conselho de Administração, outros menos e outros se calhar nem têm autorização para abrir o bico! A... eu honro-me!... Porque neste Conselho de Administração, não sou eu que vou ao Conselho de Administração para discutir os assuntos. Quando tenho assuntos eles vêm aqui ao meu gabinete discutir esses assuntos. Eu fico muito honrado nisso! Mas porque houve a demonstração da profissionalização em relação aos objectivos a atingir... criou-se objectivos, mandou-se para lá que iam-se atingir esses mesmos objectivos, muito antes até de sair, portanto, o novo, o novo processo que está a ser aplicado na Enfermagem e não na nossa profissão, portanto, que é as eleições por objectivos, e... é assim. Isso estava feito, foi apresentado a... e eles admiraram-se muito que isso tivesse sido feito e verificaram que depois os resultados. A... há casos curiosos que eu podia citar, mas não porque eu estou em síntese e não lhe vou falar nisso apenas lhe posso dizer que é isso e que pode ser comprovado. Neste momento, neste hospital do Curry Cabral o diálogo que se tem com a Administração não só é consultivo que é muito importante que é aquilo que a Enfermeira Directora está a fazer... é pena que isto não tenha passado a todas as especialidades daqui. Por exemplo a Fisioterapia aqui acho que está bastante mal porque tem um Director que também é um prepotente! Tem as colegas que não conseguem resolver nem dar a volta porque... não sei, nem me quero meter nisso! Eu sei onde é que estão os erros, mas não me compete a mim ser conselheiro nessa área, terão que ser eles a resolver isso. A... e portanto, mas de qualquer maneira continua a história de isto estar errado. Não é um sector ter o problema resolvido e todos os outros não terem resolvido. Não! É uma das prioridades que, penso eu nas carreiras de Diagnóstico e Terapêutica é lutarem por um lugar consultivo no Conselho de Administração e de um Técnico Director representativo de todas as especialidades Técnicas. É a única maneira! Não cabe na cabeça estarem 6 ou 7 Técnicos Directores ou então só terem uma nomeação por questão de dinheiro, isso, isso não funciona! Não funciona! Nem é lógico! Então na ocasião dos apertos muito menos! Quer

dizer... ter só o nome só para receber mais; é Técnico Director mas está lá no lugar e continua a fazer a mesma coisa. Não... isso é ridículo! Então mais vale trabalhar-se por objectivos, cumpro os objectivos e levo um incentivo, que serão distribuídos por toda a equipa. Acho que isso é que está correcto e defendo muito isso! A... e aliás é uma maneira de premiar quem, quem tem bons desempenhos e penalizar quem tem maus desempenhos, uma vez que não os conseguimos por na rua. Neste momento, agora em relação aos estágios profissionais, se é bom para os Hospitais SA que só pagam 30%, na verdade é que eu estou muito contente com essa situação. Nem é por causa dos outros 30%! Não é por causa de alguma percentagem de dinheiro paga em relação aos monitores, não é por causa disso, sabe porquê? É porque aí uma pessoa tem a capacidade de analisar durante 9 meses, as pessoas estão cá e este Conselho de Administração, por exemplo, no meu caso, permite às pessoas que tiverem uma avaliação positiva durante 9 meses de desempenho e, não é um mês, nem 2, nem 3, 9 meses que dá para conhecer perfeitamente o suficiente do perfil da pessoa, que no curriculum isso não entra. Da para perceber o que é que ela consegue desempenhar, qual é o interesse, a maneira como é que ela se relaciona com o doente e com a equipa e... ao fim de nove meses se a pessoa teve um tudo positivo e, e interessa realmente ao Hospital, chegam ao Conselho de Administração, olhe faça o seu contracto! E está-se a fazer contractos a essas pessoas, as que não interessam a... fez o estágio profissional e vai-se embora e está o assunto arrumado! E isso... se quer que lhe diga a... eu acho que funciona! E pronto, e isso pode ser uma opinião que pode ser polémica, mas eu neste momento a... em relação aos assuntos do Hospital. Quanto a radiografias, eu há muito tempo que não faço radiografias, neste momento sou mais um gestor, a nível de gestão do que radiografias. E posso lhe dizer que, a...desde que me tornei coordenador aqui a... que na ocasião... em relação à... portanto àquilo que se fez, que é contabilizado e eu sei exactamente o custo da produção em relação aos anos anteriores e em relação às despesas posso-lhe dizer que o encaixe normal, em escudos, anda mais ou menos entre os 7 mil a 10 mil contos por ano de ganho. A produção é a mesma e melhorou a qualidade, portanto, não se pode dizer que as coisas estejam mal, está a perceber? (risos) A... mais alguma duvida que queira saber?

- O que é para si então ser Técnico de Radiologia?

Ser Técnico de Radiologia é... portanto uma missão virada às tecnologias e para o doente, para mim é isso e ponto final.

- O que pensa acerca do exercício inqualificado da nossa profissão em Portugal?

Não... o exercício inqualificado a... neste momento estamos em 2005, eu julgo que já não haja... eu julgo! Eu julgo!... Que já não haja casos de pessoas a exercer sem qualificações. Eu estou... eu

não acredito que neste momento exista. Pode haver eventualmente... eu sei casos de pessoas, de alguns colegas que eventualmente estejam a trabalhar nalgum consultório ou nalguma clínica privada, nos hospitais públicos não. Porque isso tem que estar tudo completamente legalizado, mas posso eventualmente aceitar que haja alguns casos, mas para eles estarem a fazer isso, tiveram de certeza alguma coisa que lhe permitiu a... estar a trabalhar! Não quero acreditar que, neste momento e estamos em 2005, que continuem a haver pessoas inqualificadas.

- Qual a importância da formação no desenvolvimento da nossa profissão?

Não... a formação tem que ser uma constante! A formação tem que ser constante, mas também com algumas diferenças em relação ao modo que está a ser actual. Portanto o processo de investigação, por exemplo, agora que se estão a desenvolver nas Escolas peca! Peca! Peca por... é extremamente... quase digamos burocrática e pouco realista, vou-lhe mencionar! A universidade como todos nós sabemos e as faculdades, tudo isso tem que estar... posso-lhe dar um exemplo para perceber melhor! Os colegas da Higiene e Saúde Oral da Medicina Dentária, esses criaram a... estão virados para a população em geral que recorrem, portanto à Escola para fazer os seus exames e vários consultórios propõem que se obtenha determinada pesquisa em determina coisa, em... qualquer coisa, em desenvolvimento. E é a própria Escola que vai assumir com os seus alunos um projecto de desenvolvimento, como se fazem em outras tecnologias. No caso da Radiologia, que é agora o que isso que me interessa no caso da Radiologia há muita coisa para investigar ainda, há muita coisa para investigar! Há muitos processos! Pode-me dizer... então mas diga-me um! Pode-me dizer isso! Eu posso-lhe apresentar um ou dois casos, por exemplo, tem o caso do Arlindo! Que realmente até criou uma incidência e tal (risos), mas eu agora não estou... e agora até meio a brincar, não estou a dizer isso! Mas, a... estarem mais virados em relação aos resultados e perceberem o que é que se está a passar em relação ao... e... e... trabalhando para o público. Arranjem por exemplo uma sala e trabalhando para o público, estarem mais perto e as coisas começam a aparecer, há muitas coisas que começam a aparecer... estarem num campo ligado, por exemplo, à... imagem, à aquisição da imagem, à digitalização da imagem, na digitalização da imagem há muitas coisas que se podem melhorar, e é esses grupos de estudo na, nas Escolas é que podem incentivar aquilo que deve ser aplicado e criar planos estratégicos para serem implementados, por exemplo, numa Urgência devia ser uma digitalização assim ou uma digitalização assado e porquê! Nuns Serviços Centrais ou assim ou assado. Num Hospital do norte ou da província assim e assado e explicar porque é que a digitalização deve ser esta e não aquela, fazer estudos nesse sentido, nos sentidos práticos, e depois ir juntos às firmas, à Siemens, à Kónica, à Minolta, todas essas firmas e criarem grupos de trabalho, coisas práticas! Não estou a dizer que as outras não tenham o mesmo valor. Não estou a dizer isso! Mas serem mais práticos e realistas!

Mudar mais... aproximar mais da realidade, mais da realidade e estarem mais perto da... daquilo que se vai realizar, que seja palpável, que seja mais prático. Por exemplo, a medição das radiações, se as salas estão a... funcionar bem ou não, isso é importantíssimo! Mas tem que se... não é só fazer o estudo apresentar e acabou e depois eventualmente... Não! É ir muito para além disso. Por exemplo, eu tive aqui uns colegas que fizeram esse estudo e que apresentaram, que fez parte do estudo deles, na ocasião, fez parte da investigação, a... que eles andaram para aí e fizeram uma série de testes e ficou tudo muito bem, ficou extremamente delineado, foi extremamente interessante os resultados, muito interessantes os resultados! Só que! ... terminaram aí! Agora é que como é que se aplica um estudo verdadeiro e que é extremamente importante para os Técnicos que estão a trabalhar, como é que se vai aplicar num Hospital? Como é que se motiva uma Administração, como é que se motiva uma Direcção, como é que se obriga um Hospital a implementar o que o estudo a... diz e que depois está validado por físicos, etc. esse estudo terá que ser validado e penso que esteja, digo eu... porque senão o estudo morreu. Foi um estudo com muito valor, mas morre! Morre na praia! Está a perceber?

- É sócio da ATARP?

Sou, sou.

- Enquanto sócio da ATARP, o que é que acha que tem sido o papel da associação para o desenvolvimento da nossa profissão?

A ATARP é assim... a ATARP é como os carros ou gosta-se ou desgosta-se, a... como os modelos de carros ou gosta-se ou desgosta-se. A... toda a gente critica ou a ATARP ou as associações sindicais, mas quando lhes pedem para se disponibilizar tempo, para estarem ou num lado ou noutro, as pessoas não têm. Querem ter tudo feito. A... e provavelmente quem fica a gerir as associações acabam por ser as pessoas que mais se empenham, mais se empenham para o lugar. O que é que me interessa a mim ser um crítico ferraz... contínuo, que aquilo é assim e funciona mal e que aquele não sei quê, não sei quê... se depois eu próprio não tenho disponibilidade. Isso não interessa nada! A... passa pela disponibilidade da luta, a disponibilidade de um grupo de pessoas interessadas com os mesmos objectivos, e então vou à luta porque, mas tenho disponibilidade! Pelo que eu tenho observado... é que ao longo de já bastante tempo vejo que, de vez em quando aparecem determinadas pessoas a lutar pelos lugares da Direcção da ATARP ou dos Sindicatos, mas agora estou a falar na ATARP, e vejo que nem todos a... mostravam verdadeiramente, quer dizer, interesse mostravam de ir para lá, mas provavelmente não era o interesse geral, era... também pecavam por interesses particulares! E isso... podem enganar uma vez meio mundo, duas vezes, mas não engana o mundo todo! Está a compreender? O problema está aí. Muito embora sei que, é

essencial que uma pessoa ter disponibilidade. São 2 coisas que parecem sequência uma da outra, alguns que aparentemente têm muita disponibilidade, mas também procuram interesses pessoais, privados e aí temos de discernir e dizer o nosso não!... mas há outros que se vê ou que nos parece terem bastante disponibilidade, muito embora se depois façam ou não uma gestão que não nos agrada, na verdade é que eles têm tempo, podemos não concordar com tudo, podemos não concordar, por exemplo, com os preços que eles levam a... divulgar a formação e as informações... De ser muito caro e não sei o quê e... ter umas condições muito ótimas, mas pagar-se muita coisa. Mas é a gestão deles e é a disponibilidade e é assim... por isso é que eu digo, pode-se gostar... é como os carros, ou gosta-se muito ou não se gosta nada (risos), mas isto é a análise que eu faço.

- Todos nós sabemos que a maioria dos Técnicos têm duplo emprego. Alguma vez o possuiu? Como é que conciliou? Que vantagens e desvantagens poder retirar dessa experiência?

Isso é assim... uma pessoa com duplo emprego... o duplo emprego é muito, é muito... é muito particular porque... uma pessoa na vida como tudo, tem que fazer opções. Uma pessoa faz a opção se quer casar, uma pessoa faz uma opção, no caso das mulheres se quer ter filhos, uma pessoa faz uma opção se quer comprar casa, uma pessoa faz uma opção se quer comprar um carro, é tudo uma questão de opção na vida... se as pessoas porventura optam pelo duplo emprego, quero acreditar, eu quero acreditar... que foi o meu caso, mas o meu caso não são os casos! Mas julgo que conforme o meu caso é o de muitos outros que andam aí. A... há pessoas que... têm dificuldades financeiras são obrigadas a recorrer ao duplo emprego porque o nosso pagamento não é milionário, como todos nós sabemos, não é só o nosso, como há outros que não o são. E provavelmente as pessoas para terem que aquilo que aparentemente lhes impuseram como padrão social para ter a sua casa, a... provavelmente se calhar só um ordenado não dava para, para pagarem a prestação à casa. Agora neste momento o juro está baixo, mas não foi o caso de há uns tempos atrás. Se uma pessoa se casa e provavelmente, nem sempre a esposa ou o esposo, no caso de ser Técnico ou Técnica, muitas vezes o outro lado às vezes não tem um rendimento económico que a gente gostava que ele tivesse. E alguém vai ter que pagar isso se quisermos atingir objectivos na vida. Agora o mal disso é isto: há outros que se viciam em ganhar dinheiro também há outros, também há o caso, que não tem nada a ver com isso, que conseguem cumprir os objectivos, mas e depois habituaram-se a nível de vida que não querem prescindir. No meu caso, é a minha vida a... porque precisei porque a minha primeira mulher morreu que era minha colega de Análises, morreu quando nasceu o meu filho e eu tinha uma casa já, que era para pagar e enfim, o meu ordenado e o dela dava perfeitamente e a opção era só um único emprego. Dedicar 100% do tempo à actividade profissional. Fiquei com 2 filhos e sem mãe, tive que optar por ir trabalhar para outro lado. Concorri para a Mundial Confiança com bastante gente pelo anúncio de jornal, foi selecção curricular e entrevista era das únicas pessoas que

tinha grande experiência de Bloco Operatório e eles queriam iniciar as cirurgias a... e fiquei logo lá e na ocasião pagavam bem e mantive-me lá durante 10 anos que foi exactamente aquilo que precisava. 10 anos até resolver a minha vida. Quando resolvi a minha vida optei aqui por me dedicar a 100% à actividade, é o que eu faço. Pedi entretanto à Administração para me darem tempo prolongado, acrescido e foi-me dado e deixei as outras actividades, mas o meu caso, portanto é o meu caso, há outros casos e cada caso é um caso.

A... vantagem... a eu não sei se diga que é uma vantagem... isso depende de qual é a actividade profissional que se tem no lugar público ou no privado onde estão a exercer. Vamos supor que uma pessoa que normalmente está no público e como opção faz o privado, faz... vai para outra clínica, é que são duas opções diferentes. Se uma pessoa está num hospital público só se não quiser é que não toma conhecimento das várias tecnologias existentes, sobre a evolução das novas tecnologias. Claro que não estou a falar de uma pessoa que se mete no central a fazer um determinado exame e toda a vida só faz aquele exame naquele aparelho. Isso é um erro! Nos grandes hospitais isso não acontece, num hospital como talvez o Santa Maria ou o de São José que é, sei eu bem. Havia vários tipos de equipamentos, várias especialidades, havia... todo o tipo de equipamentos e isso comprometia que as pessoas tivessem actualizadas em relação aos equipamentos, não era preciso irem para os privados para se actualizarem em qualquer coisa. A... e neste momento no público é mais ou menos isso, com excepção à Ressonância porque aí os Públicos ainda não têm muita Ressonância. Aí sim, acredito que a acumulação do público com o privado para uma pessoa ter um bem acrescido de conhecimento da Ressonância seja importante, porque não existe no público! A... em conjunto geralmente vão ganhar dinheiro. Quando eu estive em duplo emprego, não foi por causa de... tinha um bem acrescido porque a grande escola era o Hospital Público de São José que servia de referência, quer... aliás tanto serviu que me pediram lá para ir implementar o funcionamento da Radiologia na Mundial Confiança, no Hospital da Mundial Confiança porque acreditaram na nossa experiência e aliás e... foi isso. Quando eu deixei de ir lá, muita da metodologia que se segue no Bloco Operatório e do tipo de equipamento foi precisamente da experiência trazida pelo público. Neste momento, poucos dados acrescidos há no privado em relação ao que existe no público, salvo alguma excepçãozinha porque neste momento encontramos nos públicos, nos hospitais públicos tudo aquilo que há na privada. Portanto em crescido o estar a trabalhar num lado e noutro, não estou a ver... não estou a ver qual seja. A... e... a desvantagem, a desvantagem é uma pessoa chegar a casa mais cansado porque não é por causa disso que as pessoas não devem continuar a fazer formação contínua porque se as pessoas estiverem interessadas, continuarem a fazer e se, se esforçarem, isso fazem-no! Portanto isso não é desvantagem uma pessoa trabalhar neste regime. É uma opção que uma pessoa faz a... pronto... por necessidade de estar a trabalhar em 2 lados, agora o que a pessoa deve ter consciência é que chega cansado, fez uma opção, mas é obrigado a continuar a sua a...

actividade formativa e... fazer vários estudos até em relação àquilo que faz e apresentar... uma das coisas que eu fazia já em São José e continuei a fazer aqui, era de xis em xis de tempo, 2 em 2 meses, 3 em 3 meses, não mais porque realmente a disponibilidade dos Técnicos parece-me... que são um bocadinho pouco disponíveis. A mim mete-me pena! Mas só obriga a que eles apresentem trabalhos... aqui mesmo no hospital! Trabalhos em PowerPoint, em coiso... fazer apresentações. Até para... quando aparecerem em alguns Congressos, estarem preparados para irem a público. Metade dos concursos que têm sido feitos e, eu fiz 92 concursos, uma das coisas que tenho sempre dito a todos os Técnicos que têm que fazer apresentações, é fazerem estudos e passarem para o Curry Cabral que está disponível. Já fiz isso para São José, antes de eles irem fazer os Cursos e suas apresentações, investigou-se que fizessem preparação para determinados trabalhos e é isso que nos tem dado um grande prazer e é pelo menos a minha grande orientação em relação a isso porque também tenho prazer nisso!

- Fazendo um balanço da sua carreira quais são as suas actuais expectativas profissionais? Mantiveram-se ou alteraram-se ao longo dos anos?

As minhas actuais expectativas profissionais... é melhorar ainda mais, ainda mais... o processo de aceleração técnica, social e financeira deste Hospital e desta Radiologia.

As minhas expectativas evoluíram... apesar de... continuo a achar que foi muito lento... porque acusam-me às vezes de andar com velocidade a mais a...acusam-me muito de velocidade a mais e às vezes sinto que me falta tempo para as coisas, falta-me tempo para as coisas, mas... não me queixo, não me queixo! Eu gostava que as coisas ainda avançassem muito mais depressa, só que às vezes damo-nos com portas que são muito difíceis de abrir e é a pouco a pouco a empurrar, é que eu acho que uma pessoa as consegue abrir. Felizmente tenho um diálogo muito aberto agora com este novo Director que me permite ter um grande avanço e ainda mais... uma coisa que me deu um grande prazer!... Foi... isto não se deve dizer! Mas em privado, modelar portanto o Director tanto às competências e funções absolutas, técnicas e à gestão técnica. E! E... conseguir orientar os Médicos do Serviço a deixarem de ser prepotentes!... Em relação ao modo como dialogam com os Técnicos e eu respeito-os muito! Os Técnicos têm que respeitar muito com quem trabalham, mas têm que ser muito respeitados! E neste momento tenho aí uma grupo de Técnicos que são... os pivots dessa batalha que, dia-a-dia se esta a ser lutada de mês a mês. Eu penso que daqui a um ano o respeito destes Médicos que estão aqui Radiologistas e de alguma prepotência existente vai deixar de existir! Certo?

Entrevista com a Técnica de Radiologia Leonor

Local de Trabalho: Serviço de Imagiologia do Hospital Santo António dos Capuchos (Centro Hospitalar – Zona Central)

Vínculo à Instituição: Contrato em termo certo (renovável de 3 +3 meses)

Sexo: Feminino

Idade: 24 anos

Categoria Profissional: Técnico de Radiologia de 2ª Classe

Anos de Serviço: 2,5 anos

- Exerceste alguma actividade antes de seres Técnica de Radiologia?

Não.

- És sócia da ATARP?

Sim

- Quais são as tuas habilitações literárias?

Licenciada

- Tiveste outra formação académica ou profissional durante a tua vida, sem ser licenciada em Radiologia?

Não.

- Rute. Possuís duplo emprego ou nalguma fase na tua vida tiveste?

Sim.

- Onde? Em que valências?

Na Clínica de Santa Maria de Belém. Na mamografia e na Radiologia Convencional.

- Quais são as vantagens e as desvantagens que tu apontas nesta tua situação de duplo emprego?

A vantagem é nítida! É o dinheiro. A desvantagem é que acabamos... como é que hei-de dizer... não damos muito valor nem a uma situação nem a outra porque andamos sempre a correr de um lado para o outro e acabamos por às vezes pecar um bocadinho aqui, um bocadinho ali devido à pressa e à correria com que estamos, mas acabamos por trabalhar em duas situações diferentes, que são completamente distintas, um particular de um público e... é vantajoso por esse lado também conseguir distinguir essas duas ideias, essas duas vertentes.

- Perante esta correria, como é que tu consegues conciliar os teus empregos, com a tua vida pessoal e familiar? E quais as implicações que isso tem ou já teve na tua vida?

É assim, também procuro que o meu duplo emprego não me ocupe a semana inteira. Mas há alturas em que ocupa e torna-se muito complicado porque fica-se sem tempo porque trabalhar num central é diferente se fosse em urgência porque acaba-se por ter mais tempo, mas no central como é o meu caso e fazer o duplo emprego todos os dias é impossível tratar de assuntos pessoais como simplesmente ir ao banco ou ir aos correios, isso é completamente impossível! Por isso tento não... ocupar os meus dias todos.

- O que é para ti ser Técnico de Radiologia?

O que é para mim ser um Técnico de Radiologia... (uma vez que estás a exercer esta profissão, o que é isso para ti?) a... para mim é... ajudar as pessoas, é tentar dar um diagnóstico, ou seja, o que nós damos é tentar dar um diagnóstico, tentamos dar um diagnóstico e, com isso acabamos por ajudar as pessoas ou ficam... a... não ficam alegres e contentes, nem muito tristes com a ajuda que

nós damos às pessoas e... muitas vezes quando as pessoas são internadas, enquanto fazemos o exame podemos dar um bocadinho de atenção, conversar um bocadinho com eles, que eles às vezes são... sentem-se um bocadinho abandonados, acabamos por fazer um bocadinho de psicólogos... um bocadinho (risos) ... mas, nós somos se calhar um dos principais porque sem o nosso trabalho, muitas das coisas não seriam descobertas, acabamos por ser nós muitas vezes a dar a ajuda ao médico, para eles saberem o que é que o doente tem ou não e acaba por ser, acho que é um trabalho bastante... responsável, com muita responsabilidade e ao fim ao cabo pois também nós ajudamos um bocadinho com a vertente psicológica porque o tempo que doente está podemos ouvi-lo um bocadinho e falar um bocadinho porque também distrai.

- Então assim, quais são os aspectos que consideras importantes e que caracterizam a profissão? Sintetizando...

A... os aspectos importantes... acho que a nossa profissão é caracterizada por muitos aspectos é... o principal é a responsabilidade que temos que ter perante o doente e perante o trabalho que estamos a fazer, temos que saber ter conhecimentos daquilo que estamos a fazer, os conhecimentos teóricos, os conhecimentos práticos e... temos que tentar manter sempre esses conhecimentos actualizados porque se é uma coisa que evolui temos que procurar sempre acompanhar essas evoluções. Depois temos outros aspectos psicológicos, que rondam também um bocadinho de Psicologia acho que toda a Saúde ronda um bocadinho a psicologia, o saber ouvir, o saber falar porque muitas vezes os doente que chegam ao pé de nós a... com já diagnósticos feitos vêm muito debilitados e às vezes precisam de uma palavra amiga.

- A... antes de vires para a profissão, como é que tu tiveste conhecimento desta e qual foi o teu primeiro contacto com a profissão?

Foi quando fui fazer aqueles tóraxes rotina que toda a gente fazia e na altura andava a... pronto... na escola tínhamos aqueles aconselhamentos e andávamos a ver as profissões... para mim tinha dado a área de ciências e depois começamos a ver os cursos... Uma vez fui fazer um tórax de rotina e achei que isto era capaz de ser engraçado e fui investigar e pronto lá estava a nossa escola e depois candidatei-me.

- Na tua opinião, quais então as competências de um Técnico de Radiologia numa equipa de saúde multidisciplinar?

As competências acho que cada um... deve ter bem definidas as competências e não deve avançar para as competências do vizinho do lado. Porque às vezes isso acontece um bocadinho a... acho que nós fazemos praticamente o nosso trabalho de Técnicos, que é o posicionamento do doente, mexer

nos aparelhos a... .. é... então é... em várias vertentes, em várias salas, podemos falar um bocadinho das CPREs... é o dar a imagem, trabalhar com o aparelho, tudo isso... a protecção do doente em termos de radiação, tudo isso é da nossa competência. É a nós que nos compete. Por exemplo, no TAC o punccionar o doente, o contraste, a administração do contraste devemos ser nós que o administramos, mas não por nossa ordem acho que não devemos calhar nesses campos, devemos fazer apenas aquilo que nos compete e não avançar mais do que... já basta às vezes porem-nos responsabilidades que a nós não nos compete em si.

- Para ti ser um bom Técnico de Radiologia está associado ao facto de se ser homem ou mulher na profissão?

Não. ... Porque isso depende muito de... cada pessoa em si, da aptidão que as pessoas têm para a profissão que exercem e muito mais... Fala-se muito da Mamografia, dos homens não fazerem porque possam as pessoas ficar mais envergonhadas, os doentes. Penso que, porque se for uma pessoa que tenha um cuidado... por vezes os homens acabam por ter mais cuidado com as questões femininas do que a própria mulher, acho que desde que saibam o estejam a fazer e que consigam por uma pessoa à vontade, acho depende muito da pessoa ser talhada ou não para o que faz. Como por exemplo, os Médicos Ginecologistas, há quem se sinta mais à vontade com eles do que com as mulheres, isso tem tudo a ver com o que a pessoa possa ou não fazer...

- O que pensas acerca do exercício inqualificado na nossa profissão?

É mau! Acho que qualquer pessoa que estuda o seu curso, acho injusto porque nós estudamos e sabemos os cuidados que devemos ter e as condições que devemos praticar o exercício da nossa profissão, e essas pessoas não tiveram o mesmo ensinamento que nós e acabam por fazer as coisas um bocadinho à toa porque não tiveram... foi alguém que chegou e que lhes disse carregas aqui, mexes ali, fazes assim, mas depois muitos dos cuidados porque... trabalhar com as radiações não é a mesma coisa que trabalhar com água e implica muitos cuidados e precauções que acabam por... essas pessoas desconhecem e não as porem em prática, fora o resto...

- Na tua opinião este panorama mudou ou manteve-se igual em Portugal nos últimos anos?

Eu acho que o trabalho inqualificado diminuiu um pouco, penso que tenha diminuído um pouco porque cada vez há mais pessoas licenciadas e não só, com cursos, com cursos e que... acaba por haver já gente a mais e acaba por se tentar tirar do mercado essas pessoas que estão inqualificadas porque provavelmente... se não... se não se tivesse hoje em dia já tantos... tantos Técnicos se calhar nem ligavam tanto a isso, mas o mercado também começa a escassear e acho que as mentes hoje em dia já estão mais abertas, o que é ter uma pessoa que não sabe muito bem lidar com o que

está a fazer, é só carregar no botão e fazer o exame. Acho que já envolve um bocadinho mais que isso...

- Já assististe a evoluções tecnológicas no seio da nossa profissão. Em que circunstâncias ocorreram estas evoluções no teu local de trabalho?

No meu local de trabalho as evoluções tecnológicas que eu... foi uma ligeira computorização, digamos assim, do Serviço e... em termos de progressão a Mamografia e um... caminhar para a digitalização, pelo menos com o aparelho novo. O TAC também é minimamente recente, mas ainda temos alguns problemas...

- E em que circunstâncias é que achas que ocorreram essas evoluções no Serviço?

Eu penso que aqui no Serviço... os equipamentos que estavam, já estavam tão degradados, chegando ao ponto que tinham de ser substituídos, e já que substituí, acho que há que acompanhar minimamente a evolução e adaptar as coisas para ficarem ou não adaptadas para uma evolução ainda maior e penso que também há também já um... de quem encomenda, de quem fala, com quem se... quem deve colocar os aparelhos novos já... já sabem que deve de haver uma maior evolução tecnológica e que temos que ter novos aparelhos e se calhar já fazem... junto da administração outro tipo de... projecção de escolha de modo a que eles consigam entender que se calhar, por eles punham uma coisa mais barato, se calhar até já uma usada, mas se calhar quem chega a eles consegue transmitir a ideia que afinal se calhar podia-se apostar numa coisa um bocadinho melhor porque afinal não estamos só a trabalhar, podemos trabalhar de outra maneira e as coisas evoluem.

- Estas evoluções tecnológicas modificaram os teus objectivos profissionais?

... Em parte sim. Com os melhores equipamentos acaba-se por... se conseguir fazer coisas diferentes ou melhorar, mas em tudo termos de... equipamento porque as coisas que se fazem é... os exames que se fazem são praticamente os mesmos, é só investir um pouco mais na parte tecnológica digamos assim, mas já se consegue digamos assim com um exame apenas trabalhar a imagem em equipamentos, em computadores consegue-se ir buscar mais informação a... do exame e... pronto temos que apostar todos na nossa evolução, tentar aprender novas coisas...

- Falando na aprendizagem... Qual a importância da formação no desenvolvimento da nossa profissão?

A formação é muito importante! Tal como disse há pouco se a ciência está em evolução nós temos que acompanhá-la... se não o fizermos porque se temos um curso de 4 anos... e acabou. Depois

temos que procurar aprender mais e tentar acompanhar essa evolução, fazendo cursos, fazendo... todas as coisas que se possam fazer de modo a acompanhar essa evolução. Novos cursos sobre determinadas áreas ou até áreas paralelas que possam ajudar a nossa profissão... a subir um bocadinho (risos).

- Que tipos de actualizações e formações realizaste até à actualidade na tua vida profissional? E se esse investimento na formação a... foi por motivos de auto-realização ou por questões de necessidade do Serviço?

É assim... eu já fiz algumas actualizações sobre imagens e patologias do tórax, algumas sobre o TAC, a... já fiz algumas que agora assim não me estou a lembrar de todas, mas já fiz algumas, que não foram assim tão poucas como isso... E foram todas porque eu... porque eu achei por bem fazê-las, por achar que... preciso de me actualizar e de aprender um bocadinho mais porque há coisas que se esquecem. Acaba-se por se trazer uma mais valia ao Serviço se nós tivermos mais conhecimentos e maiores destrezas em determinadas áreas, mas nunca foi nada imposto pelo Serviço ou que tenha sido sugerido pelo Serviço.

- As actualizações que efectuaste foram de que tipo?

Foram cursos, basicamente de exposição e foi apenas um que fiz na Escola e que tinha uma pequena... uns pequenos testes. De resto foi basicamente de exposição.

- Quais as tuas actuais expectativas profissionais? E se essas se mantiveram ou se alteram desde que és Técnica de Radiologia?

É assim, nós quando vimos, quando entramos na Escola é nos incutido muita coisa, que temos muito trabalho, vamos ganhar muito, mas quando começamos a trabalhar começamos a ver também não são tão bem assim, e também lá está nós também temos que escolher um bocadinho o que queremos para a nossa vida, se queremos passar a vida a trabalhar e nunca ir a casa, se queremos ter vida e se queremos trabalhar. A... mas eu basicamente gostava de subir na carreira, de evoluir, a... não me estou a ver assim com grandes cargos de chefias e de burocracias que é uma coisa que não gosto muito. Acho que há pessoas que têm, que estão mais talhadas para isso do que eu e... eu gosto da profissão que faço e por isso gostava de ir subindo até onde puder, mas sem... como eu disse, sem esses cargos de chefias e burocracias que para mim não estão talhados para isso. (E sempre foram essas as tuas expectativas? Ou já se modificaram desde que trabalhas na profissão?) É assim eu penso que isso... se manteve relativamente à... ou seja, se calhar é mais a minha ambição de querer subir e de ter todos... e seguir os passos da carreira em si. Não... é óbvio quando nós estamos a... antes de começarmos a trabalhar há muitas coisas que nós não temos noção, por

exemplo, não temos se calhar a noção da dificuldade que é alcançar esses passos, nós não temos essa noção, é óbvio que quando começamos a trabalhar no mercado com muito mais gente, começamos a ter noção que se calhar as coisas não são tão fáceis como isso e que temos que nos aplicar e estudar muito mais e apostar na carreira porque não é só ficar sentado à espera. Temos que apostar na carreira, temos que apostar nos novos conhecimentos para conseguirmos subir... temos que apostar na formação digamos assim.

- Como perspectivas o futuro da profissão em Portugal?

Há uns anos atrás achei que fosse um bocadinho melhor, mas hoje em dia acho que há uma grande quantidade de Técnicos, um excedente! Estamos a começar... dantes havia muita falta, estamos a começar a ficar com excedentes e... isso muitas vezes acaba por não dignificar tanto a profissão porque em vez de nos andarmos, não digo ajudar-nos uns aos outros, mas estarmos unidos, formarmos uma profissão unida, concisa e com... e com objectivos, acabamos por andar todos a lutar um bocadinho uns com os outros e se calhar sacanear, passar a perna uns aos outros porque eu quero o lugar que tu tens ou andamos todos se calhar, um bocadinho a dar facadas às costas uns dos outros porque já começamos a haver demais e se calhar... eu quero o lugar que tu tens, mas tu até ganhas muito eu chego lá e digo: eu faço por metade... e acaba por não dignificar tanto e... é gente a mais... acho que devia de haver uns limites e depois acaba... é como em todas as profissões, acabam por chegar a um ponto que é tudo um bocado a luta da sobrevivência.

- Última pergunta... Perante essa perspectiva que tu traçaste, qual tem sido o papel da ATARP, e porque és sócia, ao serviço do desenvolvimento da nossa profissão?

É assim, a ATARP contesta a sua parte por culpa dos excedentes, acho que não tem muito a ver com isso. A única coisa que se tem visto que eles têm feito... vão dando alguns cursos, vão fazendo algumas coisas em que as pessoas podem, podem apostar e podem fazer e sempre é mais uma mais valia de aprendizagem, mas quanto à carreira em si eu acho que eles falam, falam, falam e muitas vezes não fazem nada (risos). A única coisa no campo em concreto que eu vi, que penso que tenha dado se calhar algum resultado foi do trabalho não qualificado em que se calhar espicaçaram um bocadinho as pessoas e levaram as pessoas a contribuir para isso porque de resto penso que andam sempre a falar da mesma coisa, parece que não vejo assim grandes afazeres, mas também não participo activamente na vida da ATARP e das reuniões deles, mas cada vez que há um congresso em que falam de alguma coisa, acabam sempre por falar da mesma coisa é porque provavelmente ela não está resolvida, como tal... penso que se calhar deviam fazer mais do que aquilo que fazem...

Duração: 19min 54seg

Entrevista com o Técnico de Radiologia Bernardo

Local de Trabalho: Serviço de Imagiologia do Hospital de Curry Cabral

Vínculo à Instituição: Quadro

Sexo: Masculino

Idade: 58 anos

Categoria Profissional: Técnico de Radiologia Principal

Anos de Serviço: 34 anos

- Exerceu alguma actividade profissional antes de ser Técnico de Radiologia?

Não.

- É sócio da ATARP?

Sou.

- Quais são as suas habilitações literárias?

O antigo 5º ano do Liceu.

- Tem outra formação académica para além de Radiologia?

Não.

- Possui ou alguma vez na vida possuiu duplo emprego?

Sim. Duplo emprego...

- Ao longo da sua vida por onde passou e em que valências exerceu o seu duplo emprego?

Na Radiologia Convencional, porque em 1971 era a Radiologia Convencional, depois a partir de 1973... fiz Angiografias, Angiografias Cerebrais pelo método de punção das Carótidas, um método um bocadinho arcaico, depois mais tarde a partir de 1981 inclusivamente estive em Espanha, e foi em Espanha que isso aconteceu, tive uma formação de TAC, daqueles TAC's muito... dos primeiros TAC's que apareceram no país. Mais tarde, não sei bem a data, mas talvez por volta de 1983 tive contacto com a Angiografia pelo método de Seldinger, que eram feitas precisamente para o Hospital do Curry Cabral por causa das transplantações renais feitas nessa altura pelo Professor Matos Ferreira, foi ele a primeira pessoa a fazer isso e nós então fazíamos as Angiografias para ver se o rim estava em condições. Depois mais tarde pelo método de Seldinger, mas com a Angiografia Digital e depois tínhamos uma coisa curiosa, é que muitas das nossas Angiografias fazíamos pelo método intravenoso e que nalguns casos dava uma imagem tão boa como o método de Seldinger. Depois mais tarde, em 1977 entrei e fiz carreira hospitalar. A minha carreira hospitalar começou em 1973. Em 1977 ingressei no Serviço do Hospital S. José onde me mantive até à 11 anos atrás. A... no Hospital de S. José, comecei evidentemente como Técnico de segunda, Técnico de primeira, fui responsável já nessa altura do Serviço de Radiologia até vir para a aqui no Serviço de Radiologia da Urgência. Depois com a unificação do Serviço de Radiologia da Urgência passou então nessa altura a D. Etelvina a chefiar o Serviço, e foi quando nós viemos para aqui, eu e mais sete colegas para pôr-mos este Serviço aqui do Curry Cabral... para abrir-mos o Serviço de Urgência do Hospital

Curry Cabral. E pronto aqui passei o resto da minha vida profissional é evidentemente que sempre com o duplo emprego. Também a partir de 1995 ou 96, no privado faço a Radiologia pelo método digital e aqui neste momento estamos há 4 ou 5 dias a utilizar agora o método digital. Por isso é que ainda estamos nesta fase assim de adaptação (risos).

- Quais as vantagens e desvantagens para a sua vida de duplo emprego? O que é que ganhou ou o que é que perdeu com esta situação?

Eu?! É evidentemente que com o duplo emprego, uma pessoa não ganha muito. Profissionalmente não ganha muito... eu por acaso ganhei!... Eu ganhei porque permitiu-me estar... e a colega ainda é muito nova, não se lembra disso... que era a melhor escola de Radiologia do país e isso é evidentemente que foi... foi extraordinário para mim. Foi lá que comecei, foi lá que... onde fiz... onde fui pioneiro de muita coisa, por exemplo, da Xerorradiografia, das Pielografias pilotadas, das Nefrotomografias, na Angiografia Digital de subtracção, o próprio TAC, se bem que mais tarde o TAC apareceu nos Hospitais Privados a partir de 1981 nos Hospitais deve ter aparecido 10 anos depois... e era isto que tive possibilidades na... enfim, na Radiologia privada. Coisa que só agora é que estamos... portanto, tanta coisa que apareceu nos Hospitais, eu tive essa sorte! É evidentemente que uma boa parte dos colegas e que eu conheço, a Radiologia que faziam aqui é a Radiologia que faziam no privado. Sabe porque é que eu digo isto? Não é? É evidente que o Dr. Idálio de Oliveira, enfim...que aliás, foi Director do Serviço do Hospital dos Capuchos durante muitos anos e era ele que era pioneiro em todas essas coisas, enfim... para não falar de outras coisas como o Acelerador Linear, que foi o primeiro da Península Ibérica, o TAC dele foi o primeiro, a Angiografia, pronto dessas coisas todas... que já sabe dessas coisas. Nisso é que realmente me trouxe muita vantagem. E quando eu cheguei a S. José, eu tinha uma bagagem muito superior, isto enfim... à parte a modéstia e de outros colegas é que realmente sabia de outras técnicas que a maioria dos Técnicos não sabiam. Por isso a vantagem que me deu foi isso, porque realmente a gente trabalhar no duplo emprego anda sempre à pressa, a gente nunca se pode dedicar porque uma pessoa tem de ir aqui ou porque deixou o doente pendente ou porque àquela hora de nos irmos embora que... não é eu, eu enfim... se pudesse hoje optar e voltar à minha vida, optava ou pelo publico ou pelo privado, aliás neste momento já pedi exoneração do privado porque acho que realmente estar aqui nestas condições, ter que andar a fugir para o privado e já estou à espera desde o dia 7 de Março da exoneração das actividades privadas, lá do consultório também já deixei...

- Como é que conseguiu conciliar os seus empregos com a sua vida familiar?

Mal. Muito mal... eu na altura em que fazia urgências chegava a estar 36 horas por semana sem ir a casa. 36 horas sem ir a casa... hora isso já foi há alguns anos atrás e hoje acho que isso não é

conciliável ter uma família com uma criança pequenina e estar 36 horas sem ir a casa, acho isso terrível, mas isso hoje ainda acontece com os nossos colegas. Isso realmente, enfim... tive uma mulher muito compreensiva e felizmente estou casado há 27 anos e as coisas têm corrido bem (risos).

- Agora passando para outra temática, ao fim de mais de 30 anos de profissão, o que é para si ser Técnico de Radiologia?

Olhe! Cara colega... eu hoje ao fim dos anos que disse de profissão sinto-me cansado. Sinto-me cansado... mas há uma coisa que ainda, com 30 anos de profissão, tenho mais... há certas coisas que vão aparecendo novas que nos vão estimulando, que vai aparecer tecnologia nova, que nos vai estimulando porque se nós estivermos 30 anos sempre a fazer a mesma coisa cansa... sobretudo num Serviço de Urgência dos Hospitais, com os doentes que a gente conhece, doentes em mau estado, doentes politraumatizados, aquilo cansa... e o que nos move realmente é a evolução da tecnologia, que nos vai depois... aprendendo cada vez mais e essas coisas que vão aparecendo, essa tecnologia nova que vai aparecendo que nos dá ainda um ânimo para a gente continuar mais tempo, mas acho que realmente ao fim de 30 anos uma pessoa satura, sente-se cansada, sobretudo quando se faz 12 horas por dia a trabalhar durante este tempo todo.

- Como é que teve conhecimento desta profissão?

Como lhe digo, tinha familiares e um deles era o Dr. Idálio de Oliveira, depois tive um tio que foi coordenador deste Serviço, depois tenho um primo que também é o Fernando Lage do IPO, depois tenho o meu primo Carlos Lage que tem um consultório na outra banda, enfim nós somos quase uma família de Radiologistas (risos) e foi um pouco por causa disso que eu vim para a Radiologia. Foi influência familiar...

- Quando é que teve o primeiro contacto com a profissão?

Eu comecei a apanhar radiações para aí com 7 ou 8 anos, não é? Quando ia ao consultório dos familiares, mas eu penso que a partir de talvez... dos 15 anos eu... era uma coisa que eu gostei. E antes disso uma pessoa não tem muito bem a noção... mas quando comecei na profissão, gostava muito dela. Hoje não desgosto, mas adorava, adorava! E eu lembro-me perfeitamente quando isso... eu hei-de escrever um livro sobre isto que desde logo no princípio é claro que enfim, não tenho a capacidade para escrever esse livro, mas... mas, era uma coisa que me entusiasmava muito. Eu gostava realmente disto! Eu gostava realmente da Radiologia! Pronto, e assim fui passando e olhe e foi para aí a partir dos 16 anos, 17 que eu comecei realmente a ter gosto pela Radiologia, mas mesmo no princípio, muito gosto pela Radiologia.

- Se tivesse que descrever a alguém a profissão. Quais eram os aspectos com que descreveria a nossa profissão?

Olhe... o profissional, primeiro deve ser uma pessoa competente. Eu vejo muitas vezes ... e em relação aquilo que tenho, que sou monitor de alunos, quer da Escola Egas Moniz, quer da Atlântica, eu acho que, eles hoje... eu enfim, não queria dizer isso, mas penso que têm uma formação, sobretudo a vossa, já até falei isso com uma colega, com a Dália, quando chegam... já chegam ao 3º ano acho que vêm com uma formação um bocadinho diminuta no que respeita à anatomia descritiva e depois à Radiológica também e depois têm dificuldades quando se fazem perguntas eles não sabem. Mas por isso eu acho que deve ser uma pessoa competente, é fundamental que goste da profissão, isso é fundamental e que... seja tolerante porque quando se faz Urgência e se trabalha nos hospitais, para aqueles doentes que por vezes nos aparecem, quer em estado de embriaguez, quer às vezes saturados pela própria doença, de estarem à espera e nos temos que ter realmente paciência para estas pessoas. Enfim... muitas vezes não ligar muito àquilo que eles dizem porque... enfim, a gente ao fim destes anos todos compreendemos o que é estar doente, o que é muitas vezes estar à espera, muito tempo à espera para que sejamos atendidos.

- Na sua opinião, quais as competências de um Técnico de Radiologia numa equipa de saúde multidisciplinar?

É evidentemente que... as condições de um Técnico são fundamentais. São fundamentais numa equipa multidisciplinar, mas há uma coisa que eu hoje verifico que o Técnico de Radiologia começa agora a ser falado, quer... enfim, pelos médicos, quer pelas pessoas e a colega sabe que muitas vezes nós ou somos médicos ou somos enfermeiros, não somos Técnicos de Radiologia. Agora já começamos a ter Radiologia e mesmo quando vimos alguém que precisa de abrir um hospital, é médicos e enfermeiros, o resto todas as outras profissões são postas de parte. Penso que isso agora já não é assim. Inclusivamente ouvi uma vez a Ministra Manuela Arcanjo sair do Hospital de Cascais e disse: O que me preocupa agora são os Técnicos de Radiologia! Pela primeira vez ouvi dizer isso, sobretudo a um governante e lembro-me de ouvir isso. Mas que ela é importante é, ainda hoje não se faz nada sem a Radiologia. Eu até acho que... enfim, hoje até se exagera um pouco nos pedidos radiológicos, mas enfim, isso é um problema médico e eles, e só eles é que poderão resolver esse problema. Nos temos que muitas vezes um pouco contrariados, mas contrariados porque achamos que às vezes não é necessário. A... são eles que terão de decidir sempre essas anomalias que se passam e pronto, porque é isso que acho que agora a partir de uma certa altura sim, mas se realmente que na altura quando eu comecei, o Técnico de Radiologia era ignorado em todas as coisas. Veio progredindo e hoje não. Hoje mesmo a nossa carreira... neste Serviço não é o

Director que diz que dá falta, que dá folga aos Técnicos ou que diz que o Técnico vai para ali é o Coordenador de Serviço. Por isso, nós hoje, que elaboramos as escalas, o trabalho e os postos, tu vais para ali este para acolá, já não é o Director de Serviço como era antigamente. O Director de Serviço era realmente dono e senhor no Serviço de Radiologia, hoje já não é assim, o Director de Serviço não tem, não é achado para qualquer decisão que a gente possa tomar em relação aos Técnicos de Radiologia.

- Para se ser bom Técnico de Radiologia está associado ao facto de se ser homem ou mulher na profissão?

Não. Não está. Eu a... quer dizer... há mulheres... na nossa profissão predominam as mulheres não sei muito bem porquê. Agora o que eu sei é que é uma profissão desgastante. A Radiologia é uma profissão desgastante. Eu talvez diga isto porque tive muitos anos em S. José, e realmente S. José era um terror, naquela época era um terror. E é evidente e é só porque é uma profissão muito desgastante, mas ser homem ou mulher nós estamos... eu conheço algumas colegas Técnicas muitíssimo boas Técnicas como conheço também homens ou rapazes que também são muitíssimo bons Técnicos, por isso acho que não tem qualquer influência. É realmente desgastante para uma pessoa que depois vêm os filhos e por aí fora, é capaz de ser uma profissão desgastante. Mas enfim, é uma profissão bonita e por isso a escolhi, acho que não...

- O que pensa acerca do exercício inqualificado da nossa profissão? Na sua opinião, este panorama mudou ou manteve-se em Portugal?

Não. Acho que o panorama mudou. Eu neste momento não conheço hoje, eu não conheço, não é? Claro, que nos Hospitais isso não é permitido, mas mesmo no privado não tenho conhecimento que agora admitem pessoas nessas condições. É evidente que antigamente existia. Antigamente existia porque havia sempre certos Médicos de Radiologia que gostavam das pessoas a trabalharem ao gosto deles. Os Técnicos ou os falsos Técnicos adaptarem-se ao gosto deles. Claro que a gente sabe se hoje, os Técnicos também vão adquirindo os benefícios, não é verdade? Ou porque é assim ou porque no sítio tal faziam assim, hoje já não são moldados ao gosto do Radiologista. Antigamente não, vinham e eram moldados ao gosto deles e às vezes saíam excelentes pessoas, excelentes Técnicos porque faziam aquilo que realmente o Médico gostava e queria e às vezes eram excelentes Médicos Radiologistas. Embora, hoje não se justifica, nem penso que isso hoje aconteça, embora eu conheça alguns sítios onde isso funciona.

- Assistiu a diversas evoluções tecnológicas na nossa profissão?

Assisti desde os Tomógrafos que a gente tinha que os empurrar à mão até aos Tomógrafos a... enfim hoje, os Tomógrafos Eléctricos digamos assim, porque antigamente eu comecei a fazer

Tomografias empurrando os Tomógrafos. E as Angiografias tirava-mos o chassis, um de cada vez, e o disparo a fazer-se, quer dizer, e hoje nada disso se passa hoje.

- Em que circunstâncias é que ocorreram essas evoluções no seu local de trabalho? Porque é que houve estes saltos na evolução?

Falei agora no Tomógrafo era assim que eles vinham, não eram eléctricos, nós tínhamos que o empurrar para fazer a Tomografia. As Angiografias eram... enfim o mesmo método que eu já fazia isto em 1973, coisa que o Egas Moniz fazia em 1926, que era a punção na Carótida e nós tirávamos um chassis, mais um disparo, tirávamos os chassis, tudo isto manual. Claro que tudo isto foi evoluindo, hoje o Técnico não está ali a apanhar com a radiação, nem a empurrar o Tomógrafo e eu parece-me que me perdi um pouco na pergunta...

- Quando esses saltos evolutivos o que é que aconteceu no Serviço para que houvesse essa evolução?

Não... foi as técnicas que começaram a aparecer. Toda a evolução da tecnologia foi melhorada e tudo isso melhorou os trabalhos, melhorou a qualidade. Não só a qualidade de vida porque os Técnicos apanhavam muita radiação nessa altura, como a própria, as próprias radiografias, os exames radiológicos melhoraram, pois com certeza.

- Estas evoluções modificaram os seus objectivos profissionais? Quando elas surgiam?

Não. Deram-me ânimo para continuar. Estas evoluções só dão ânimo para continuar e depois também a juventude que muitas vezes também nos dá ânimo, estarmos aqui rodeados hoje com colegas de vinte e poucos anos... isso dá-nos um certo ânimo para continuarmos. Mas é isso que às vezes nos faz ainda continuar também a juventude que nós hoje estamos rodeados.

- Qual a importância da formação para o desenvolvimento da nossa profissão? A importância do Técnico formar-se.

Claro que isso é importantíssimo. Eu hoje ao fim deste tempo todo não sei tudo, ao fim destes anos todos, 40 anos, 30 e poucos anos de profissão, eu não sei tudo, até inclusivamente as novas tecnologias, apesar de tudo, não as conheço tão bem como conhecia as antigas, apesar de tudo, não. E acho que a formação que é importante, a formação é importante. A formação continua é importante.

- Que tipo de formações e actualizações realizou de há 34 anos para cá?

Muitas... (O que escolheu? O que é que procurou fazer?) Olhe... fiz... tenho vários trabalhos apresentados em congressos. Tenho a incidência de perfil da anca, que não está descrita, a

radiografia feita em decúbito dorsal da anca, se bem que se faz o perfil da anca deitado com aquelas coisas que vêm descritas, mas esta não está descrita. Enfim, tenho talvez umas... 300 a 400 horas passadas em jornadas e congressos e toda essa coisa. Enfim, e também tenho para aí umas 12 publicações feitas desde a Xerorradiografia até recentemente à incidência da anca que foi a última coisa que eu apresentei nos congressos mais recentemente. Está a ver ainda à 2 anos que este trabalho foi apresentado. Há 2 anos no Porto, está a ver? O meu primeiro trabalho eu lembro-me perfeitamente foi em 1981, um trabalho sobre a Xerorradiografia... em 1981, passados estes anos em 2003 eu apresentei o meu ultimo trabalho sobre a incidência da anca, quer dizer, tudo isto, apesar de tudo tenho acompanhado sempre esta evolução. (Então procurou sempre fazer um bocadinho de tudo, ao fim ao cabo, foi a jornadas, congressos, fez cursos, artigos e investigação...) sim, porque eu acho que, mas acho uma coisa, uma pessoa, mesmo que vá a um Congresso, é evidente que não vou a todos, a gente deve seleccionar, não é? Mas aprende-se sempre qualquer coisa. Há sempre qualquer coisa, mesmo já ao fim destes anos todos, a gente aprende sempre qualquer coisinha quando vai a Jornadas ou a Congressos. Evidentemente, que selecciono, que faço a selecção daqueles que me interessam e vou, mas aprende-se sempre qualquer coisa. Aprende-se mesmo e ao fim destes anos todos há sempre qualquer coisinha que a gente traz e que não sabia e que sabe, passa a saber que é feito assim e que a tecnologia esta constantemente a evoluir e até algumas incidências a modificarem-se...

- Este investimento na formação foi por motivos de auto-realização ou por questões de necessidade do Serviço?

Não. Foi mais por iniciativa própria, quer dizer, não, não... nos sítios por onde passei a trabalhar não me pagaram qualquer tipo de formação. Foi sempre eu para, enfim, para evoluir, para ver, para aprender, para... enfim, para aprender novas tecnologias.

- Quais são as suas actuais expectativas profissionais neste momento?

Eu agora, olhe... as minhas expectativas já são poucas, eu ainda não estou no topo da carreira por questões burocráticas do hospital. Mas enfim, agora também... Olhe, agora ando a ensinar a digitalização, depois ando, enfim... olhe, neste momento, pediram-me para ser monitor, quer da Escola Egas Moniz, quer da Atlântica. Estou ali a preparar o exame sobre a Urografia para dar aos alunos brevemente porque eles agora estão fora e... pronto, olhe, talvez dedicar-me... ao ensino! Agora. Também o que me falta é dedicar-me ao ensino. É uma coisa que eu gosto, de ensinar. Eu curiosamente acho que gosto. Até há aqui pessoas que não são da nossa profissão, que quando lhes explico qualquer coisa já me disseram ao final: já deu aulas? E eu disse: não. Não dou aulas... mas dizem que realmente eu explico as coisas bem. Não sei se será assim...

- As suas expectativas profissionais mantiveram-se ou alteraram-se desde o primeiro dia que é Técnico de Radiologia?

Não. Se eu comparar aqueles 16 anos em que adorava a Radiologia, as expectativas não aumentaram. Mas mantiveram-se! Embora agora esteja um bocadinho mais desiludido, mas talvez já seja uma forma de cansaço, talvez... um bocadinho menos, mas mantiveram-se sempre...

- Como perspectiva o futuro da nossa profissão em Portugal, neste momento?

A nossa profissão futura, se eu fosse Ministro da Educação alterava. E alterava para isto... eu penso que para os nossos colegas que chegam aos hospitais... vêm mais mal preparados do que por exemplo, um arquitecto que chega ao seu local de... ao seu primeiro local de emprego ou um Engenheiro. Isso é uma questão que agora, enfim... a Escola ou as Escolas enfim, em reunião com o Ministério iam ficar... e a colega, enfim, que agora também é professora e lecciona sabe que eu acho que a nossa... eu não podia dizer que o nosso curso podia ser mais longo... eu acho é que isto não pode ser porque são 4 anos não se pode alongar mais o curso, mas havia de haver qualquer modificação porque havia disciplinas em que eu julgo... a disciplina de Ressonância são 2 semanas, o que é que se pode aprender em 2 semanas de Ressonância? Os conhecimentos, a densidade protónica... O TAC é 4 semanas... aí ainda vá lá! Enfim, e depois a Radiologia Convencional ela é tão vasta que as semanas, nós não temos quase tempo para estar a explicar muito bem o que eles deviam saber. Por isso havia de haver uma estruturação do curso e havia cadeiras, que sei lá, como a Técnica Radiológica, a Anatomia Descritiva serem um bocadinho mais alongadas do que eu vejo agora. As outras não sei. Mas eu acho que sobretudo estas eu achava que deviam ter. O estágio é muito curto! Uma pessoa vai daqui, se ele for integrado no grupo de trabalho o colega dá-lhe uma ajuda e tal, o tipo vai para um sitio onde está sozinho, ele muitas vezes tem dificuldades... eu vejo já os nossos colegas Técnicos que chegam aqui e alguns deles, uns mais do que outros, isso é perfeitamente natural aqui em todas as profissões, mas eu julgo que devia de haver uma estruturação e certas cadeiras, não sei se poderei chamar as nucleares, serem um bocadinho mais alongadas o tempo de estudo.

- Qual tem sido na sua opinião, o papel da ATARP no desenvolvimento da nossa profissão?

Fraco. A ATARP o que é que ela pode fazer? Foi ela que começou por organizar as primeiras Jornadas, os primeiros Congressos em 1981, penso que foi o primeiro, onde eu apresentei também o meu primeiro trabalho. E depois, quer dizer a ATARP pouco mais tem feito que apresentar as Jornadas e os Congressos, quer dizer, tem feito agora uns cursinhos, tem feito agora uns cursos, mas eu sou sócio, sou o sócio 277, já é um número antigo e isto não é a querer dizer mal da ATARP,

mas eu julgo que há aqui ás vezes aqueles cursinhos que a ATARP faz mais para ganhar dinheiro do que propriamente para ensinar. Isto a minha opinião. Não sei... e hoje sabe foi a ATARP que começou realmente a organizar as Jornadas e os Congressos, mas hoje o Hospital e nós já organizámos Jornadas, o Santa Maria, penso que os Capuchos, são os alunos que também já organizam o Terceiro encontro de Jornadas, em Viana do Castelo, no Alentejo, hoje já se fazem tantas Jornadas que penso que neste momento a ATARP pouco utilidade tem no ensino. Julgo que a ATARP nesse aspecto... (e na identidade profissional? E na Acção directa na profissão?) Muito pouco... começou por falar nos classificados, que dava jeito e que se mantiveram... de vez em quando, enfim... umas entrevistazinhas que aparecem na televisão não resolvem nada...

Entrevista com o Técnico de Radiologia Filipe

Local de Trabalho: ESTeSL.

Vínculo à Instituição: Quadro

Sexo: Masculino

Idade: 52 anos

Categoria Profissional: Técnico de Radiologia Especialista

Anos de Serviço: 14 anos

- Exerceu alguma profissão antes de ser Técnico de Radiologia?

...Profissões anteriores fui... administrativo, era a profissão que tinha imediatamente antes de ser profissional de Radiologia. A... para trás tive outras actividades, mas que aqui não importa muito realçar.

- Quais são as suas habilitações literárias?

Licenciatura.

- Tem outra formação académica ou profissional? Se tem, qual a sua duração, onde decorreu, como decorreu...

A... sobretudo formação na área profissional, mas... em cursos mais ou menos de curta duração não... nenhuma formação muito especializada muito aprofundada.

- Durante algum período da sua vida possuiu duplo emprego, o tão falado duplo emprego na área da Radiologia?

A... trabalhei em dois locais, em que o meu local principal era o Hospital de Santa Marta, portanto estamos a falar da profissão de Radiologia obviamente, e trabalhei durante cerca de sete anos numa clínica privada, a meio tempo, portanto a actividade principal no Hospital de Santa Marta a tempo completo e, de 1985 até mil novecentos e noventa e... dois, até 1992, trabalhei numa clínica a meio tempo.

- Em que valência exerceu mais as suas actividades no segundo emprego?

Era fundamentalmente Radiologia Geral, toda a Radiologia Geral e onde tinha também nesse segundo, nessa segunda ocupação tinha noções de coordenação da própria... da própria clínica, do próprio consultório. Portanto, para além da minha actividade como Técnico de Radiologia tinha também funções de coordenação na clínica.

- Quais foram as vantagens e desvantagens que encontrou ao longo desse período que teve estes dois empregos?

A desvantagem, e começamos por aí, é naturalmente a... não nos deixar tanto tempo liberto eventualmente para a... aprofundar os conhecimentos, manter uma formação sistemática contínua, chamada formação ao longo da vida que esta profissão tanto exige. Mas teve muitas vantagens do ponto de vista do desenvolvimento técnico e científico. Aquilo que eu aprendi durante o tempo que trabalhei durante aquela clínica foi extremamente útil a... e acabava por potenciar também a minha actividade no próprio hospital onde trabalhava a tempo completo.

- Nessa altura que implicações mais relevante é que sentiu ao longo da sua vida de duplo emprego?

Foram mais as vantagens a... nunca deixei de trabalhar, de cumprir a... enfim com o mínimo de zelo tenho algum... tenho alguma... dizemos assim... alguma moralidade para o dizer, a minha actividade principal que era o Hospital de Santa Marta, nunca foi prejudicada a... em detrimento da actividade que tinha privada e, a... isso... portanto o que quer dizer é que, não vi desvantagens

nisso, mas pelo contrário a... estas duas actividades potenciavam-se uma à outra e penso que, quer a nível da minha actividade como Técnico de Radiologia, quer como ligação ao ensino que foi muito cedo também no hospital a... apoiando os alunos da Escola, isso foi para mim muito vantajoso.

- Como é que conseguiu conciliar esta vida de duplo emprego com a sua família e a sua vida pessoal?

A... Eu habituei-me desde muito novo por... razões... da minha vida porque não tinha outros meios de subsistência a... a ter que trabalhar muito e a trabalhar muitas horas por dia... a minha formação académica foi toda feita, sempre a trabalhar, portanto era trabalhador/estudante e habituei-me a ritmos de trabalho, muito intenso, muitas horas por dia. Desde há muito tempo que eu trabalho cerca de... 16, 18 horas, chegando mesmo por vezes às 20 horas por dia. A... naturalmente, que sob o ponto de vista familiar algumas coisas não tiveram a... a mesma presença, não tiveram o mesmo acompanhamento de que poderiam ter se só tivesse uma só actividade como era natural. No entanto acho que... consegui sempre, apesar de tudo, a... fazer uma gestão do tempo e uma utilização, uma optimização do pouco tempo que tinha livre para poder corresponder a essas responsabilidades que é a vida familiar. Quando, ainda durante o tempo que estudava, já era casado, tinha duas filhas e não era por isso que eu... mesmo estudando era eu que normalmente as levava ao colégio e era eu que as ia buscar e portanto procurava no pouco tempo que tinha disponível a... a presença mínima, digamos assim, em termos familiares.

- Chegando a esta altura da sua vida, da sua carreira, o que é para si ser Técnico de Radiologia? E quais os aspectos que considera mais importantes que o caracterizam como tal?

A minha carreira nesta altura, como já perceberam, já estou noutra carreira (risos), no entanto, a génese é esta e continuo a ser Técnico de Radiologia e tenho que ver a Radiologia nesta perspectiva e não tanto, apenas como docente e sobretudo com um cargo de gestão que eu tenho portanto, não perdi de facto essa noção que... penso ter ainda muito, muito próxima do que é estar na parte clínica junto ao doente no dia-a-dia. A... ser Técnico de Radiologia é... hoje e temos que aqui a... recordarmos de alguma maneira perante os nossos colegas que iniciaram esta profissão porque muitos deles sofreram a... as consequências das radiações que todos nós conhecemos para que hoje possamos estar ao nível em que estamos. A... tudo está mais facilitado sob o ponto de vista do desenvolvimento da actividade porque a tecnologia evoluiu, a ciência evoluiu, no entanto, a... ser Técnico de Radiologia é naturalmente uma actividade que tem que ter presentes permanentemente as três dimensões que compõem qualquer profissão: o saber a... o saber-saber, o saber estar e o saber fazer. A... qualquer profissão sem estas três dimensões não... não poderá ser profissão. Trabalhando com pessoas que sofrem, pessoas que estão diminuídas física psicologicamente, muitas

vezes estas três dimensões têm que estar permanentemente presentes a... portanto, o Técnico de Radiologia hoje deve ser um indivíduo que contribui com todo o seu saber para uma prestação de cuidados de saúde que se quer dum mais elevado nível de exigência, conviver com a tecnologia existente é para além de um desafio, é uma dupla responsabilidade perante o doente porquê? A... quando a tecnologia era muito mais rudimentar os nossos colegas, mesmo assim fizeram tudo para que os cuidados de saúde fossem bons, os cuidados de saúde prestados fossem bons para as populações. Hoje a responsabilidade é muito maior porque a tecnologia esta muito mais evoluída e portanto, estando isso muito mais facilitado, é outra dimensão sobretudo aquilo que é a dimensão do, do seu bem-estar, da dimensão daquilo que é relacional, daquilo que é do... do atendimento, a... temos obrigação que estar mais disponíveis para isso porque a parte tecnológica está mais facilitada.

- Inicialmente como é que teve conhecimento desta profissão? E quando é que foi o seu primeiro contacto com a mesma?

A... o meu primeiro contacto com esta profissão foi... foi como funcionário administrativo no Serviço de Radiologia no Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil em Lisboa. Foi exactamente quando deixei o serviço militar em 1975, a... estive durante algum tempo a trabalhar como administrativo no Serviço de Radiologia e aí comecei a perceber que era uma área que me podia interessar. Como sabemos em 1980 surgiram estas escolas e, daí a minha atenção de algum modo e... a minha apetência digamos assim, a minha a... vontade de poder ingressar num destes cursos, é que me candidatei e entrei no primeiro curso e, mais tarde, penso que exerci durante o tempo que estive no hospital com... a... alguma responsabilidade e daquilo que fiz com alguma qualidade.

- Na sua opinião quais são as competências do Técnico de Radiologia numa equipa de saúde multidisciplinar?

O Técnico de Radiologia tem hoje, e voltamo-nos a referir-nos hoje, e cada vez será mais um papel... cada vez mais importante a... Tudo o que diz respeito à tecnologia e é com isso que ele trabalha, sem obviamente a... sem perder de vista aquilo que é científico, mas sobretudo a parte tecnológica, hoje é da inteira responsabilidade do Técnico de Radiologia. Ele conhece naturalmente a... enquanto durante a sua formação, teve aprendizagens nas várias áreas do saber a... e que lhe permitem naturalmente entender o contexto em que actua dentro de uma equipa a... mas como na área da Radiologia é sobretudo a tecnologia que funciona, ele domina essa tecnologia. Portanto, ele tem um papel importantíssimo, tem que saber o seu limite de competências como é natural, não deve interferir com profissões que estão muito próximas como sabemos a... no entanto, ele, ele tem

hoje um papel que, no futuro me parece ainda mais decisivo naquilo que é tanto o diagnóstico radiológico como a intervenção terapêutica que cada vez mais se faz na Radiologia.

- Para se ser um bom Técnico de Radiologia, este facto está associado ao facto de se ser homem ou mulher na profissão? Na sua opinião...

A minha opinião não tem rigorosamente nada a ver! A maneira como as pessoas estão na profissão, a maneira como abraçam a profissão, a... trabalhar em saúde, em todas as profissões assim será, mas trabalhar em saúde é uma responsabilidade acrescida como, como sabemos. Quando as pessoas vêm para estas profissões a... ou abraçam a profissão com, mesmo com paixão ou duvido que alguma vez possam fazer um bom percurso, tanto sob o ponto de vista da realização pessoal como profissional, mas sobretudo a... pela qualidade dos trabalhos que prestam aos outros, aos doentes. Neste sentido, não importa ser homem ou mulher para que, tenha bom sucesso na profissão ou tenha inêxitos na profissão, portanto, depende apenas como as pessoas encaram a profissão e a maneira como a, no dia-a-dia, e estas coisas são no dia-a-dia, eu... de um modo geral, nem sequer era no dia-a-dia, procurava funcionar minuto a minuto. Quero isto dizer que, a... cada gesto, cada atitude, cada a... ela tem que ser medida, tem que ser ponderada, temos que constituir exemplo profissional, temos dentro da própria profissão, mas temos de constituir exemplo também para os outros que estão ao nosso lado, isso só se consegue com sentido de responsabilidade e de um grande empenhamento que as pessoas têm que ter porque todos os dias precisam de aprender mais, todos os dias precisam de ter uma atitude de humildade, não estou a dizer que é de subserviência, mas dizer que é de humildade porque, quanto mais sabemos, mais humildes devemos ser a... ter uma relação de... tão próxima quanto possível, respeitando as autonomias, mas uma relação tão próxima quanto possível, com os outros profissionais que estão ao lado; é com eles que aprendemos, eles certamente aprendem alguma coisa connosco e sobretudo se formos competentes, eles aprendem a respeitar-nos.

- Agora falando de um tema delicado que é o exercício inqualificado... O que pensa acerca do exercício inqualificado em Portugal?

Numa retrospectiva... relativamente a esse assunto hoje, felizmente que, o panorama se modificou muito e... com sentido. O que é que isto quer dizer, quer dizer que, naturalmente desde que estas escolas existem e desde que, em 1993 foi publicada a legislação que impedia o exercício da actividade por pessoas que possuíssem a respectiva habilitação... a... portanto, desde essa altura que as coisas melhoraram extraordinariamente, no entanto, quando eu comecei a minha actividade e durante o tempo que passei pela associação de Radiologia que foram ainda... uns largos anos a... tive oportunidade de constatar essa realidade. A... temos de compreender o contexto histórico deste

processo e sabemos que a formação que existia, particularmente até à década de 60, do século passado, era uma formação muito rudimentar, uma formação feita a... dentro das próprias instituições de saúde, naquele processo quase de reprodução de saberes, isto é, o indivíduo observa o que o outro faz e depois reproduz o que ele faz. Porquê? Porque não havia ensino estruturado e ensino... a... devidamente organizado. A... portanto dizia eu que, até à década de 60, portanto, a... a formação era de facto muito rudimentar porque não haviam estruturas, não haviam instituições, onde a formação estivesse organizada. Em 1960, através duma Portaria que é a 18523, ainda que, continuando a ser administrada nos hospitais, mas... estruturou-se uma formação que, no caso da Radiologia, tinha uma duração de 9 meses para os chamados encarregados de câmara escura, e uma formação de cerca de 15 meses para os Técnicos de Radiologia. A... é a partir só desta altura que existe alguma formação estruturada e assim que vamos até 1990. Só nesta data são criados em Portugal, três centros de formação que mais tarde viram dar origem às Escolas Técnicas de Serviços de Saúde, que era de Lisboa, Porto e Coimbra. E... portanto, a... existem já instituições fisicamente estruturadas, ainda com algumas deficiências, mas onde o ensino se organiza, existe uma escola, onde existem professores, onde existem estudantes, independentemente de todas as precariedades com que o processo começa, mas existe, e portanto, a partir daí começa a não fazer sentido que de facto continue a graçar neste país a actividade inqualificada, dado que, a... sobretudo na área em que trabalhamos, o problema das radiações, que como sabemos é uma arma de dois gumes porque... a... elas são tão benéficas quanto maléficas, isto é, nós temos que tirar delas o partido que nos interessa, que é no diagnóstico, obter melhor imagem possível com o mínimo de dose e no caso do tratamento, na Radioterapia que é a... digamos assim aniquilar uma determinada colónia de células, poupando os tecidos que estão à volta. Para isto, é preciso ter conhecimentos, é preciso ter saber, caso contrário estamos, enfim a..., irradiar uma população, sem necessidade e portanto, de uma grande responsabilidade. Isto, sistematizando, a... fiz o que pude enquanto estive na Associação de Radiologia, enquanto pedagogia, enquanto efeito dissuasor para que as instituições não admittissem pessoas inqualificadas ao serviço a... explicando sempre quais as vantagens e os inconvenientes desse processo. Hoje, como disse no início, as coisas estão extraordinariamente melhores.

- Na sua passagem na associação e perante este problema, como é que tentaram lutar contra este facto?

A... como disse a... procurei ter um papel de alguma maneira de pedagogia a, sabendo que até 1993, não havendo nenhum diploma legal que pusesse fim, digamos assim, estabelecesse uma barreira entre a... quem estava antes para quem vem a seguir depois, a associação não tinha grandes mecanismos, digamos assim, para impor às instituições que, a... substituíssem as pessoas inqualificadas que tinham lá por pessoas qualificadas. Portanto, as pessoas que lá estavam tiveram

que continuar, que vinham antes de 1993, não pude nunca aceitar que, depois de 1993, alguém admitisse pessoas ao seu serviço de forma inqualificada. E... o que pedíamos aos associados quando nós não sabíamos, era que, obviamente, nos dessem contas se tivessem conhecimento que existiam instituições a funcionar com pessoas inqualificadas, admitidas depois de 1993, que nos informassem porque nós contactaríamos essas instituições, no sentido de lhes fazermos ver que estavam ilegalmente! E devo dizer que foram bastantes os casos em que conseguimos a... resolver determinadas situações, e o último dos quais enquanto era Presidente da Associação, já na fase quase final que... em que passei, por lá a... foi em uma clínica muito conhecida aqui de Lisboa, onde tive que resolver o problema duma pseudo-técnica que foi retirada do secretariado para executar Mamografias, portanto tive que envolver o Ministério, a Direcção Geral de Saúde, a Inspeção Geral de Saúde, mas a situação resolveu-se, porque não tinha sentido. E não tem sentido! Espero que a Associação ainda hoje mantenha esse mesmo... essa mesma função, que é manter a responsabilidade dela.

- Seguindo deste contexto, então qual será a importância da Certificação e creditação das funções do Técnico de Radiologia no mercado de trabalho?

Essa é uma medida indispensável para, de uma vez por todas clarificarmos este assunto. Só com as pessoas devidamente certificadas e para que sejam certificadas como sabemos devem... existir organizações de direito público que, como são as Ordens ou os Colégios, em que as pessoas devem estar inscritas a... nalguns países os nossos colegas quando terminam o seu curso, elas fazem mesmo, os nossos colegas fazem mesmo um exame, o chamado exame à Ordem ou o exame de Colégio, um exame Nacional e só depois lhes é passado um certificado e a partir daí estão habilitados para trabalhar a... sabemos que, com todo o processo que o Ministério da Saúde teve através do Departamento de Recursos Humanos para regularizar estas situações ainda não está, ainda não estão todas as situações resolvidas a, relativamente a pessoas que não conseguiram obter a qualificação. A... também compreendemos que, pessoas que trabalham em Radiologia há 20 anos, à 30 anos que, de um momento para o outro ser afastadas a... ou só se for de livre vontade. Essas pessoas podem, de algum modo, e são as chamadas situações a extinguir quando vagar, isto é, essas pessoas é para saírem quando terminarem, mas mesmo assim nesta altura, essas pessoas devem trabalhar enquadradas por profissionais devidamente habilitados. Porventura, a, desenvolvendo algumas actividades ou estando impedidas de só por si desenvolverem algumas actividades com alguma complexidade ou de maior risco, portanto elas devem funcionar enquadradas, é necessário e, é urgente que em Portugal se regularizem estas situações e para isso é preciso certificar as pessoas que trabalham com radiações. Não podemos ignorar que são os Técnicos de Radiologia, que hoje, que mais sabem do efeito das radiações, da interacção das radiações com a matéria e

portanto, só tendo esse conhecimento se podem defender a eles próprios, defender os doentes e defender os outros profissionais que trabalham integrados na equipa e que não têm conhecimento para isto. Ora se não há este conhecimento, as pessoas não podem... não devem assumir responsabilidades de actividades mais complexas.

- Na sua passagem pela Associação, o que é que na altura foi feito para que isto que referiu caminhasse nesta direcção?

A... muitas... a... reuniões, muitas exposições, muitas preocupações manifestadas, sempre à tutela. Os processos são muito lentos, foram muitas décadas de... actividade que não é possível por cobro de um momento para o outro, a... situação tem vindo a melhorar muito por a... razão também da própria qualificação académica destes profissionais. A evolução que o ensino teve nas nossas escolas é hoje paradigma desta a... do resultado destas melhorias, mas durante o tempo que lá estive, uma das minhas preocupações naturalmente dos outros elementos que constituíam os órgãos dirigentes da associação, era uma permanente preocupação em irmos resolvendo esta questão. A... propusemos várias soluções, nomeadamente para essas pessoas mais antigas como menos formação, puderem até ir à escola e eventualmente fazer e aprofundar alguns conhecimentos, a... mas nunca houve um plano devidamente estruturado para esse efeito e quem tinha a possibilidade de o fazer era o Ministério da Saúde que, juntamente com o Ministério da Educação e mais tarde com o Ministério da Ciência e do Ensino Superior. A... nossa própria formação passou de uma formação técnica, para depois um bacharelato em 93, e passou para Licenciatura em 99. Portanto, se repararmos há aqui uma, uma década em que se dá uma evolução extraordinária, no que diz respeito ao ensino que, infelizmente não teve o mesmo desenvolvimento no exercício. O exercício não acompanhou da mesma maneira, mas obviamente que... houve francas melhorias. Portanto, durante o tempo em que eu passei pela Associação a minha preocupação constante, como dos meus colegas era de facto pormos cobro a esta prática de trabalho inqualificado que nas nossas áreas se verificavam muito. As outras profissões não têm. Não há médicos a... em princípio que sejam devidamente qualificados a exercer Medicina. É suposto que não haja! Como não há engenheiros a construir pontes ou arranha-céus que não sejam licenciados em Engenharia. Portanto, porque é que há-de haver e ainda por cima, numa área em que utilizamos um meio físico, que é tão útil quanto prejudicial para a saúde e para isso é preciso haver conhecimento.

- Passando para a parte do desenvolvimento profissional. Enquanto Técnico de Radiologia assistiu a evoluções tecnológicas como já aqui falámos. Em que circunstâncias aconteceram no seu local de trabalho, no Hospital de Santa Marta? E se estas evoluções modificaram os seus objectivos profissionais?

A... a maior modificação que ocorreu no meu... na Radiologia pode-se dizer que é na década de 60 em que há um grande desenvolvimento muito importante. E... naturalmente que isto vem se reflectir em Portugal mais tarde. E ela ocorre para nós na década de 80, no Hospital de Santa Marta que, é um Hospital de vertente Cardiovascular como sabemos, mas que obviamente tinha outras valências. Tínhamos o Serviço de Radiologia Geral de Convencional a... normal, mas na década de 80, ali por volta de 80 e... cinco, oitenta e seis, a... foi instalado lá um equipamento de Angiografia Digital, que foi dos primeiros a serem instalados no País. De resto, o Hospital de Santa Marta, até pelo nosso saudoso Egas Moniz foi o Hospital sempre de referência, no que diz respeito à escola da Angiografia em Portugal e no mundo. A... portanto, com a instalação desse equipamento, o equipamento digital que era dos primeiros, obrigou-me a outros desenvolvimentos e a outras responsabilidades a... por acaso fui eu que assumi a responsabilidade do Departamento de Angiografia Digital a partir da altura em que o equipamento foi instalado e obviamente que tive de fazer progressos, tive de fazer aprendizagens porque a minha aprendizagem tinha sido muito no âmbito da Radiologia Convencional que era o que existia. E aí obrigou-me a um desenvolvimento que, mais tarde me veio dar a... obviamente outra capacidade no que diz respeito à, à parte... da Angiologia, da parte da Angiografia que nós muito... acabámos por desenvolver naquele hospital. Portanto, neste ponto de vista, a... para nós em Santa Marta concretamente, o grande impulso do serviço foi a instalação deste equipamento de Angiografia Digital.

- A... qual a importância da formação para o desenvolvimento profissional do Técnico de Radiologia? E que tipo de actualizações de formação efectuou até à actualidade direccionado para a profissão? E se esse investimento foi por motivos de auto-realização profissional ou por questões de necessidade do Serviço?

Relativamente às necessidades de formação e à pertinência da formação, não é? (Sim a importância...) A importância na formação... A... naturalmente que, que quando eu fiz a minha formação aqui, a minha formação inicial o que é que... se preocupava em transmitir? Aquilo que se fazia na altura! Não havia Tomografia Computorizada, não havia Ressonância Magnética, Angiografia fazia-se alguma coisa, mas era convencional. O que eu aprendi foi na área da Radiologia Clássica, na Radiologia Convencional. Surgiu a Angiografia. Não podia ficar indiferente. Eu, a esse método de estudo, sendo instalado no meu Serviço, portanto tinha de acompanhar esse progresso e fi-lo com alguma humildade, também penso eu, e... fi-lo com alguma... com qualidade e responsabilidade. Mais tarde, fui confrontado com outra situação na, na parte da Radiologia privada onde eu trabalhava, que foi a instalação de um equipamento de Ressonância Magnética, com que ainda trabalhei. Só deixei de trabalhar lá porque depois fui chamado aqui para a Escola, e obviamente que com a instalação desse equipamento, eu tive que

aprender Ressonância Magnética. A... independentemente, nestes dois casos foi porque forçosamente, passo a expressão, Santa Marta a Angiografia tinha de aprender para fazer; a... no privado, a instalação da Ressonância Magnética, tenho que aprender para fazer! Era quase obrigação. Se isto não tivesse ocorrido, tinha que me sentir responsabilizado na mesma... mesmo que não fosse exercer estas duas a... actividades, destas duas técnicas digamos assim, destes dois métodos, eu, mesmo que continuasse na Radiologia Convencional eu tinha obrigação de acompanhar este desenvolvimento como qualquer Técnico deve ter. Obviamente que, aperfeiçoa-se fazendo, praticando como é natural, mas há uma aprendizagem mínima de saber como é que as coisas acontecem e as pessoas todas têm obrigação de fazer. Por exemplo, a área de TC é a área que eu domino menos porque já não tive oportunidade, curiosamente, porque não tinha no Hospital e no local, no privado onde eu trabalhava também não tinha e acabei por ir para a Ressonância Magnética primeiro... a... não tive a mesma oportunidade de, de, de fazer a mesma aprendizagem. No entanto, fiz uma aprendizagem de conceitos mínimos, mas não tenho o mesmo conhecimento, tenho que o reconhecer, como tenho nestas duas áreas e na Radiologia Convencional. Agora, se eu continuasse no Hospital e na, na clínica não... não tinha qualquer possibilidade de hoje não estar tão aperfeiçoado como nas outras áreas. Só ficou um pouco mais para trás porque não exerci e depois vim para a Escola e aí obviamente que vou sabendo mais a teoria e o que é importante nas nossas profissões não é, não é só a teoria, e portanto é teoria sim, mas sim, saber fazer, portanto é estarmos e convivermos com o doente, convivermos com o equipamento, resolver as situações, sermos capazes de, de planear, de estruturar, de avaliar, de realizar... isso tudo. Portanto, é... essa parte eu acho que é da responsabilidade de qualquer Técnico de Radiologia, estar permanentemente a actualizar-se, caso contrário, ele fica ultrapassado.

- Finalizando... a... falando nas expectativas profissionais... o professor fale-me das suas expectativas profissionais desde o início até aqui. As expectativas mantiveram-se ou alteraram-se desde que foi ou que foi Técnico de Radiologia, a trabalhar directamente no terreno se, mudaram se, se modificaram ou agora estar deste lado no ensino... o que é que mudou?

A... as minhas expectativas ao longo da minha carreira, quer no Hospital, quer aqui já na Escola, onde estou a tempo completo desde 96 porque até 96 eu estava num regime de acumulação entre a Escola e o Hospital, a... na minha carreira não... as coisas foram acontecendo, isto é, nunca fiz rigorosamente nada sem qualquer espécie de sofisma para estar onde estou, nem sequer para vir para a Escola nada disso. Quando comecei a trabalhar no Hospital de Santa Marta a... minha visão era trabalhar no dia-a-dia, preocupava-me em fazer naturalmente no dia seguir um pouco melhor do que tinha feito no dia, no dia anterior. Mas depois as coisas vão acontecendo, foram acontecendo... fui solicitado para ir para a tal clínica, depois para a instalação da Ressonância Magnética, depois

veio, quando veio a Angiografia para o próprio Serviço fui destacado para a Angiografia a... fui, foram-me buscar para integrar os órgãos da Associação de Radiologia, onde eu achava que havia outras pessoas mais competentes para estarem, mas foram-me buscar... depois as coisas foram sucedendo, a Escola foi-me... perguntou-me se eu queria ficar, poderia ficar com estudantes lá de aulas práticas e a acompanhar os estágios, mais tarde em 93 depois de ter feito o curso em Ensino e Administração fui solicitado para vir coordenar o curso a... portanto, onde substituí o nosso saudoso Dr. Martins da Silva, que era um Médico Radiologista que coordenava o curso a... continuei assim, coordenando aqui o curso a 50%, mantendo o Hospital a tempo completo, vamos até 96 em que a Escola entra numa crise grande de gestão e depois decidem que eu devia... nessa altura integrar a Direcção da Escola que era uma das condições que, porque se lutava cá dentro. E mais uma vez eu disse, mas há tanta gente na Escola a tempo inteiro, porque é que essas pessoas não, não integram a Direcção? Não, acharam que não e que tinha que vir. Nessa altura, já não era compatível manter o Hospital de Santa Marta a tempo completo e aqui a Escola a meio tempo porque a Escola estava muito... numa situação muito crítica era preciso reorganizar, era preciso estabilizar e era preciso desenvolver. E vim com o Director Dr. Isáú Diniz para cá nessa altura, onde até agora. Muito rapidamente a... foi este o circuito. A minha perspectiva e a minha expectativa desde quando comecei, quando comecei... não fazia sequer a mínima ideia de que alguma vez sairia do Hospital de Santa Marta onde na minha na minha actividade normal, portanto as coisas foram acontecendo assim... A expectativa em si relativamente à profissão, no meu caso, é que... nunca, nunca deixaria de ter objectivos a cumprir, isto é, eu tinha sempre coisas, teria sempre coisas que fazer, como ainda tenho, até que a gente aprenda o mais possível, chegue mais à frente, domine a tecnologia, domine a... anatomia, domine a física, domine isso tudo. Porque eu acho que isso é que é a responsabilidade de alguém que está numa profissão destas. Tem que ser assim! Não pode estar de outra maneira! Quem estiver de outra maneira está completamente... ele não está enganado, se calhar conscientemente ele esta a fazer isso, está é a enganar os outros... e está a enganar a sociedade porque não foi para isso que ele foi preparado, senão tinha ido fazer parafusos para uma fábrica ou uma coisa qualquer que não, que não isto que é de demasiada responsabilidade. Portanto, a minha expectativa, não era nunca a... ter cargos ou coisas desse género. Não. A minha expectativa era fundamentalmente ligado à clínica, mas dentro dessa área a... cada vez mais saber coisas, saber mais para a frente, era a única expectativa que eu tinha o resto não tinha, e passar de Técnico de Radiologia de 2ª classe... para Técnico de Radiologia de 1ª classe, de 1ª classe a principal, de principal a especialista, passei por isso tudo, como é natural, fazendo-o de uma maneira natural. Depois parei em especialista e vim para aqui.

- Com o cargo de Presidente da ATARP e com o cargo de coordenador do Curso de Radiologia, a... o que é que lhe trouxe de novo e de enriquecedor para a sua vida profissional?

A... são apenas responsabilizações! A... de novo, obviamente que... sou convidado, chego a estes cargos, aceito, ninguém me obriga a aceitar naturalmente, mas aceito, numa única perspectiva, a partir da altura que aceito, que foi a mesma coisa que fiz quando vim para a Direcção a... ou aceito ou não aceito! Aceito! Só tenho que fazer o meu melhor, que posso e sei. Estando como Presidente da Associação de Radiologia, obviamente que, tenho uma responsabilidade não dos, dos Técnicos de Radiologia formados na Escola de Lisboa, dos Técnicos de Radiologia de todo o País! E, e portanto tenho, tem que se ver nesta perspectiva e tenho que ver na perspectiva da melhoria e da... visibilidade social da profissão. Tenho que elevar, preocupar-me com a identidade profissional dos Técnicos de Radiologia e assim sucessivamente. A... quanto a ser coordenador do curso de Radiologia, obviamente que foi uma, foi uma responsabilidade enorme sobretudo numa fase em que venho substituir um homem que era Médico Radiologista, era o Director da Escola, era a... portanto, um homem com uma história na Radiologia enorme e isso obviamente que acarretava enormes responsabilidades. A... penso que, a... procurei fazer daquilo que era possível melhor, também aqui, que podia e sabia, sempre com uma, com um horizonte na minha mente, que é o ensino progredir sistematicamente. E eu acho que isso a gente foi conseguindo, se calhar não tão bem, não tão depressa quanto desejaríamos, mas acho que, hoje o ensino a... está francamente melhor mesmo em termos de visibilidade social a... das, das capacidades dos alunos aqui desenvolvem e que são enormes, muitas vezes não parecem traduzir-se nos locais de trabalho quando eles chegam, mas temos que reconhecer que, hoje estes estudantes têm uma capacidade de resolver problemas, que nós não tínhamos na altura da minha formação porque a... os meios também são outros obviamente, os desafios são outros, a informática naturalmente que resolve metade das coisas e portanto, o... as capacidades que eles aqui desenvolvem, permitem-lhes no terreno a... resolver problemas que, na nossa altura não era possível, e isso deixa-nos com alguma tranquilidade. Podem dizer-nos que não, não têm tanto saber prático e isso a gente tem que reconhecer, mas o problema é que não, não... o tempo de formação inicial tem uma duração e essa duração tem que ser otimizada a... em cada momento, conforme aquilo que são as exigências principais no exercício. Quando eu estudava no meu tempo, não tinha que ter preocupações com a Ressonância Magnética nem Tomografia Computorizada. Não existiam. Portanto, eu centrava-me em quê? Em Radiologia Convencional. Obviamente que sabia que, acho que um bocadinho de Radiologia Convencional. Eles hoje...os, os colegas que daqui saem não, não pode ser nesta perspectiva porque eles têm que fazer, têm que aprender Angiografia, tem que aprender Ressonância, têm que aprender TC, têm que aprender essas coisas todas e obviamente que não pode ser dedicado o mesmo tempo. Agora, eles levam o mínimo de conhecimentos que rapidamente lhes

permitem desenvolver-se e consolida-los e estruturá-los. É preciso é que os próprios Serviços, muitas vezes saibam fazer essa gestão. E o que eu temo é que uma boa parte dos Serviços não sabe fazer a gestão, nem tirar partido dos saberes que os estudantes levam daqui.

Duração: 45min e 09 seg

Entrevista com o Técnico de Radiologia Miguel

Local de Trabalho: Serviço de Imagiologia do Hospital Santo António dos Capuchos (Centro Hospitalar – Zona Central)

Vínculo à Instituição: Contrato em termo certo (renovável de 3 +3 meses)

Sexo: Masculino

Idade: 21 anos

Categoria Profissional: Técnico de Radiologia de 2ª Classe

Anos de Serviço: 8 meses

- Exerceste alguma actividade antes de seres Técnico de Radiologia?

Não.

- És sócio da ATARP?

Sim.

- Quais as tuas habilitações literárias?

Bacharelato.

- Possuis mais alguma formação académico-profissional para além desta?

Não.

- Possuis duplo emprego?

Não.

- Nem nunca tiveste nestes 8 meses?

Não.

- O que é que pensas que a situação de duplo emprego na nossa profissão? Quais pensas ser as vantagens e as desvantagem dessa situação?

A... começando pelas desvantagens. A... penso que é uma situação que... que faz com que nós... nos apliquemos pouco numa forma geral, não quer dizer que sejam todos assim, mas... que a gente não deu o máximo no... no sítio onde trabalha e supostamente devíamos dar o máximo em todos os sítios, mas como temos que cumprir horários e devido a outras razões que... pronto, não são para aqui chamadas. Penso que a gente não dá o máximo e isso contribui para outros assuntos que a gente certamente vai falar.

- Que implicações é que achas que este tipo de vida traz na vida do Técnico?

Do duplo emprego? Ah... implicações... Como é que eu hei-de dizer... não sei... (...consequências). Consequências. A... Eu acho que de uma forma geral... o facto de nós não... termos de cumprir horários e por consequência não darmos o máximo, leva a algum descrédito... na imagem profissional Técnico de Radiologia e a... e isso é uma grande desvantagem, a... vantagens? (risos) só, só posso pensar na mais valia em termos experiência, apesar disso não ser correcto assim

porque é pouco tempo num lado e pouco tempo no outro... e além disso em termos monetários que... hoje em dia é muito importante.

- O que é para ti ser Técnico de Radiologia?

A... Técnico de Radiologia para mim é... um elemento de uma equipe que está inserido numa instituição, no caso do hospital e... no meu ponto de vista é um elemento que contribui tanto ou mais ou o mesmo... mais não pronto, contribui de igual forma para a saúde e para o bem-estar geral da população.

- Quais então são os aspectos que apontas serem mais importantes na caracterização da nossa profissão?

Na caracterização da nossa profissão... Bem a nossa profissão caracterizada por nós a... basicamente nós caracterizamos como sendo um... meio para que outros consigam atingir os seus fins, para os médicos por exemplo, conseguirem atingir os fins a que eles se propõem, diagnóstico e terapêutica. Hoje em dia basicamente eles apoiam-se em quase tudo nos nossos exames a... em termos de caracterização externa, de outras pessoas... se calhar saindo do hospital e partindo para a população em geral, penso que ainda nem sequer estamos caracterizados.

- Como é que tiveste conhecimento então desta profissão?

A... Tenho alguns parentes directos e indirectos na saúde a... tanto desde cedo que lido com hospitais, apesar de não ser uma pessoa doente, que lido com os hospitais pelo lado bom e... isso, não sei se isso influenciou ou não, em principio sim, a gostar desta área e a partir daí desde pequeno quando comecei, entrei na escola, ciclo, comecei a pensar que... o meu futuro seria qualquer coisa relacionado no campo da saúde, mas na altura não sabia que seria Técnico de Radiologia, mas qualquer coisa relacionado no campo da saúde.

- Quando é que tiveste então o teu 1º contacto com a profissão?

A... O contacto com a profissão Técnico de Radiologia já tenho há... tenho 21 anos, por isso já tenho há... 18! Isto porque... a minha mãe é Técnica de Radiologia e esta realidade faz parte do meu dia-a-dia praticamente há 18 anos, 17 anos então e... desde essa altura tenho conhecimento, cada vez mais aprofundado sobre a realidade da profissão.

- Falando agora nas qualificações e nas competências do profissional Técnico de Radiologia, na tua opinião, quais são as competências deste profissional numa equipa de saúde multidisciplinar?

A... as competências... a nossa função basicamente, de uma forma geral a... nos exames que nós desempenhamos é atribuir, conseguir imagens para fazer um diagnóstico. Eu penso que será essa a função principal... a nossa e se calhar com os outros os que estão... dentro dessa equipa pensam de nós a... o que eu penso também é que apesar de nós não podermos contribuir efectivamente para discernir o que é que é patológico do que não é patológico, ou seja estabelecer diagnóstico, eu penso que a nossa colaboração a... deverá ser tida em conta pelos outros membros da equipa.

- Na tua opinião ser bom Técnico de Radiologia está ligado ao facto de se ser Homem ou Mulher na profissão?

Ah... Não... penso que não... mesmo pensando nas várias áreas que há... pensando na mamografia, pensando em intransportáveis... penso que não... que a qualidade de ser bom ou mau Técnico de Radiologia a... homens e mulheres têm capacidade para o atingir. Não há... o sexo penso que não interfere.

- O que pensas acerca do exercício inqualificado na nossa profissão? E se na tua opinião este panorama mudou ou se manteve em Portugal?

A... o exercício inqualificado a... o que é inqualificado agora... foi o primeiro passo para o crescimento da nossa profissão, apesar de eu agora obviamente que não posso estar de acordo com o exercício inqualificado tenho de pensar que trabalho com pessoas que tiraram o curso há muito tempo, na altura as qualificações foram evoluindo, já não são iguais, mas tenho de pensar que essas pessoas foram... foram... o potencial que deu origem ao que nós somos agora e que havemos de ser, ou seja, não concordo com o exercício inqualificado, mas de for ver do ponto de vista que as primeiras formações de Técnicos de Radiologia, Técnicos ou pessoas que trabalhavam em radiologia tiveram qualificações primárias direccionadas para a Radiologia Convencional a... se considerar isso exercício inqualificado fico um bocado na dúvida... em relação a pessoas que não têm formação nenhuma no curso obviamente que não concordo.

- Já assististe a algumas evoluções tecnológicas no seio da profissão. Em que circunstâncias é que ocorreram estas evoluções no teu local de trabalho?

Ora a... a minha experiência no meu local de trabalho é muito pouca, 8 meses... esses processos de mudança de equipamentos a... em 8 meses... não sei... é difícil acontecerem, mas... a... já tenho, já... nestes 8 meses tive oportunidade de assistir à mudança de uma sala de radiologia convencional que foi um passo à frente em relação ao equipamento que nós tínhamos ainda que, não foi um passo para o sítio onde deveria ter sido que... que é da imagem convencional para a imagem digital mas, a... assisti a esse avanço tecnológico a... ainda que com algumas reticências pois se sei que não é

esse o caminho, o caminho é um pouco mais à frente que é a digitalização da imagem. Em todo o caso acho extremamente importante.

- E em que circunstâncias é que achas que essas evoluções aconteceram?

As circunstâncias a... (porque é que aconteceu?...) O porquê... a... a gente pensa nas vantagens a... de... que se enumeram para essa evolução em termos de poupança de películas e uma menor utilização de consumíveis e essas coisas a... mas não sei se a razão para a aquisição do equipamento terá sido mesmo essa porque nesta altura fomos gastar dinheiro com um equipamento novo, mas continuamos basicamente com os mesmos problemas. Há sempre as películas inutilizadas, apesar de termos tido um avanço com as câmaras de ionização, mas temos, continuamos com os mesmos problemas, continuamos se calhar a gastar o mesmo dinheiro e fizemos um investimento que neste momento a... não está a ter rendimento, ou seja, as circunstâncias se calhar foram um bocado... não foram as melhores.

- Estas evoluções modificaram os teus objectivos profissionais?

A... não, não... penso que não porque esta evolução aconteceu no serviço apesar de eu já estar a par delas a... o facto de ter acontecido neste serviço não modificou os meus objectivos, mas eles mantêm-se que... é ser um bom Técnico de Radiologia, para isso, ser um bom praticante de técnica, não esquecer as relações humanas, tentar contribuir para o desenvolvimento da profissão, nomeadamente a nível académico... portanto eu penso que o equipamento não interferiu na minha definição de objectivos.

- Qual a importância que atribuis à formação no desenvolvimento da nossa profissão? (as necessidades de formação...)

A... para mim é o elemento mais...mais importante para o desenvolvimento da nossa profissão, mais importante ainda que a divulgação a nível social, antes penso que, antes disso devemos ainda evoluir em termos de formação e eu penso que essa será a... uma meta mais primária do que a nossa, o nosso conhecimento a nível da sociedade, ou seja, eu penso que a formação nos dará a... muito mais... primeiro, muito mais reconhecimento dentro do meio hospitalar e depois muito mais competências para conseguir... levar a cabo essa... como é que eu hei-de dizer... levar a cabo o reconhecimento social, que a gente depois passamos a ser... reconhecidos pelas pessoas. Eu penso que a formação nesse campo será um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento da nossa profissão.

- Que tipo de actualizações já efectuaste até ao dia de hoje? Actualizações na tua formação.

A... eu neste momento estou... ainda não, não concluí a minha formação não é... estou neste... neste... estou a trabalhar, mas estou a concluir a formação, entretanto tenho ido a algumas formações nomeadamente congressos a... apesar de não serem muito específicos, considero que... que trazem sempre uma mais valia, para além disso fiz estágios, estágios não é profissionais, estágios com os equipamentos para evoluir um bocado mais em relação ao que aprendi no estágio da escola.

- Esse investimento que fizeste foi por motivos de auto-realização ou por questões de necessidades do Serviço?

A... um deles foi por... por auto-realização e outro foi por necessidades do serviço, ainda que... (ainda que...) por necessidades do serviço ainda que... a... não tenha sido a... esse estágio então foi, foi um estágio feito, relacionado com o serviço, não por... só por motivação própria, mas também havia as necessidades de serviço ainda que não tenha sido a... como hei-de dizer... como se fosse patrocinado pelo serviço, foi por... por iniciativa própria mas tendo por objectivos algo relacionado com o serviço.

- Quais são as tuas actuais expectativas profissionais?

A... as minhas expectativas profissionais a... separando das académicas que... por enquanto é terminar... o curso, as minhas expectativas profissionais é a... primeiro de tudo ser integrado no quadro do hospital a que pertença, hospital público, pertencer ao quadro de hospital a... depois disso, as minhas expectativas profissionais são evoluir o máximo que conseguir em termos de conhecimentos a... para conseguir estar, estar apto a desempenhar tarefas que para mim sejam consideradas... se não for de ponta na medicina a... tarefas o mais úteis possíveis no seio da medicina a... penso que sejam estes os meus objectivos profissionais... é evoluir o máximo que conseguir.

- Estas expectativas mantiveram-se ou alteraram-se desde que começaste a exercer a profissão?

A... mantiveram-se a... apesar de agora ter uma perspectiva mais... mais real não é? Antes conhecia a realidade, mas não estando eu a exercer a profissão... as expectativas mantêm-se a... por um lado vi que vai ser difícil vou, vou ter que ter formação, vou ter de apostar na formação basicamente a... por outro lado, estes poucos meses de desempenho prático que já tive motivaram-me a... não só pelo contacto com os colegas, mas pelo contacto com as técnicas que, que tenho feito, pelos casos clínicos que tenho... tenho tido a oportunidade de conhecer, tudo isso me tem dado, apesar de ter percebido que ia ser um caminho difícil, tudo isso me tem trazido mais motivação.

- Como perspectivas o futuro da nossa profissão em Portugal?

O futuro da nossa profissão a... começando pela base que, que é a parte académica a nossa profissão dentro de pouco tempo a... irá sofrer uma evolução, quanto a mim positiva. Essa evolução vai contribuir para que... para que a profissão propriamente dita, seja no aspecto prático a... eu penso que...que vai também ser beneficiada por isso, vamos ter Técnicos com uma formação mais consistente, essa formação mais consistente vai favorecer que esses mesmos Técnicos avancem para formações mais avançadas que antes não estavam ao nosso alcance a... e isso tudo contribuirá para o reconhecimento, mais uma vez, interno da equipa multidisciplinar dentro do hospital e penso que, que vai, vai ser um processo mais demorado, mas vai contribuir dentro de pouco tempo para o reconhecimento social.

- Qual é que achas que tem sido o papel da ATARP ao serviço do desenvolvimento da nossa profissão em Portugal?

A... os poucos meses que eu tenho estado ligado à ATARP não tem dado para ter uma perspectiva muito, muito consistente sobre o papel da ATARP. A... neste período de tempo, eu sinceramente não tenho visto muita coisa. Não sei se será por eu não estar muito ainda dentro do, como é que eu hei-de dizer... dos meandros da profissão não sei se será por isso, mas... eu tenho visto algumas coisas importantes, algum... algumas denúncias de exercício inqualificado, mas a... a nível de criação, por exemplo, criação da Ordem ou trabalhar para a construção da Ordem a... ou lutar para que nossa formação avance para o que deve ser, não tenho visto muito, muito trabalho.

(Duração: 20Min 55 Seg.)

Entrevista com Técnico de Radiologia Pedro

Local de Trabalho: Serviço de Imagiologia do Hospital Militar de Lisboa

Vínculo à Instituição: Quadro

Sexo: Masculino

Idade: 49 anos

Categoria Profissional: Técnico de Radiologia Especialista

Anos de Serviço: 22 anos

- Quais as suas habilitações literárias?

12º ano.

- Possui mais alguma informação académico-profissional para além desta?

Não.

- Em alguma altura da sua vida possuiu duplo emprego?

(Risos) Sim.

- Onde, em que valências, quanto tempo?...

Trabalhei em Santa Maria, vários anos. Fiz tudo no Santa Maria, portanto, fiz a Radiologia como toda a Urgência geral, central, tudo. Depois trabalhei em clínicas privadas, em Radiologia geral, há, sempre. E em hospitais fui para o Amadora-Sintra, depois numa segunda fase Amadora-Sintra, depois iniciei um projecto privado de medicina do trabalho, e por aí a fora e as valências, pronto, passei pela TAC, passei pela Radiologia geral, nunca passei pela Ressonância, nunca fiz Ressonância.

- Quais são as vantagens e as desvantagens que consegue apontar na situação...

Dos duplos empregos? Nenhumas. (Risos) É assim: É um bocado ilusório, é um bocado ilusão. A pessoa trabalha, pensa que ganha muito dinheiro, e ganha-se muito dinheiro, mas é uma vida não boa. (Risos). É uma vida não boa, não faz ninguém feliz de certeza absoluta. (Risos).

- E vantagens? Não consegue apontar nenhuma vantagem?

A vantagem, a única vantagem é um intercâmbio de pessoal e com o conhecimento do que se passa noutras Instituições. É a única grande vantagem que tem. Porque quando eu entrei para a Radiologia eram meios mesmo muito fechados. Os Hospitais eram fechados em si. O São José era fechado, o São José em São José, o Santa Maria em Santa Maria, era tudo muito fechado. Não havia comunicação quase a não ser quando se encontravam num Congresso que havia poucos.

- Nessa altura como é que conseguiu conciliar a sua vida de duplo emprego entre si e a sua vida, a sua família?

Mal. Mal. Mal que levou quase à ruptura. Porque não é fácil passar muitas noites fora, não é fácil estar os fins de semana ocupados, não é fácil não ter tempo para a família, não ver os filhos, não é fácil.

- Em resumo, que implicações é que esta experiência teve na sua vida?

Implicações negativas a nível de família? Sim. É assim: a mim, houve uma altura, houve uma fase que me levou quase à ruptura do casamento. Houve. Depois, pois claro, uma pessoa tem de reorganizar tudo. Essa foi a grande desvantagem de tudo isto. Do meu filho faltei muitas vezes à... Tive muitas vezes ausente. Muitas vezes ausente e quando devia estar mais presente provavelmente.

- Passando para outra dimensão. Vamos caracterizar o perfil profissional. O que é para si, ao fim destes anos todos, ser Técnico de Radiologia?

Agora ia dizer uma asneira. (Risos) Eu penso que para mim é uma paixão. Para mim, ha... e penso que para a maioria dos Técnicos. É uma coisa que se desconhece quando se vai para lá, para a profissão, mas depois de se abraçar a profissão, a maior parte das pessoas, não todos, mas a maior parte das pessoas acaba por apaixonar-se pelo que faz. É uma profissão muito linda.

- Como é que teve conhecimento da profissão?

Por acaso. Por acaso. Desconhecia totalmente e, entre duas opções possíveis, tive que escolher uma e escolhi a Radiologia. Ou era farmácia ou Radiologia e não tinha outras opções.

- Quando é que teve o primeiro contacto com a profissão?

Quando? Precisamente quando entrei no curso. Quando, quando iniciei o curso.

- Quais os aspectos que considera mais importantes para caracterizar o Técnico de Radiologia? Como é que você explicaria a uma pessoa o que é um Técnico de Radiologia?

O que é ou o que eu acho que devia ser? O que eu acho que devia ser? Pode ser. É assim, o que eu acho que devia ser o Técnico de Radiologia, devia ser uma pessoa dedicada, ha... e não uma pessoa... a tempo parcial e a fugira dum lado para o outro. É o que eu acho. E o Técnico de Radiologia é uma pessoa que, devido ao contacto que tem com os doentes, tem que ser uma pessoa extremamente humana, extremamente atenta aos aspectos sociais, aspectos... familiares das pessoas, inclusive a tudo, portanto, é o que eu acho. É uma pessoa muito virada para a parte sociabilizante da sociedade, digamos.

- Passando para as qualificações e competências. Quais as competências dum Técnico de Radiologia numa equipa multi-disciplinar? Qual é o papel do Técnico numa equipa?

É um papel de igualdade com os outros. Penso que não há diferença. Somos tão necessários como os outros. O nosso papel é essencial, muitas vezes sem nós não funciona, portanto, provavelmente os outros dirão o mesmo, mas nós sabemos isso. Sem nós não funciona. Portanto, temos que estar lá, sabemos que temos um papel importante e temos um papel importante na... no bem estar da sociedade porque contribuimos para o diagnóstico e para a cura à posteriori.

- Para se ser bom Técnico de Radiologia importa o facto de ser homem ou mulher na profissão?

Rigorosamente não. Porquê? A... porque acho que podemos fazer, desempenhar, quer uns quer outros, da mesma forma embora eu aceito que há algumas limitações que são as normais duma mulher quando tem filhos, está grávida, sei lá, algumas limitações. Há uma coisa que eu sempre... me preocupou muito foi que a nossa sociedade não pode, a nossa profissão não pode engravidar. A... nós Técnicos de Radiologia não podemos engravidar porque ficamos fora de tudo o que é lei, fora de tudo o que é norma, fora de tudo o que é leis laborais acima de tudo. Portanto, não podemos engravidar. Temos de fazer a profissão toda sem passar pela gravidez. É complicado, é muito complicado e penso que devia se criar legislação muito própria para isso. E é uma legislação que abrange muito pouca gente, porque não somos muitos, mas que tinha de ter uma legislação muito própria, inclusivamente de paragem absoluta. Defendo isso a todo o custo. Paragem sem perda de direitos nem de... lugar nas carreiras nem de lugar, pronto. Mas de paragem absoluta.

- O que pensa sobre o exercício inqualificado na nossa profissão?

Condeno totalmente. Sempre fui contra, sempre foi uma bandeira que andei com ela no ar, e é um... e sempre me insurji contra isso. Já inclusivamente entrei em muitas guerras com instituições e com médicos e com... com Ministérios e tudo... Portanto, como membro da ATARP durante 15 anos deu-me para isso tudo.

- Na sua opinião este panorama mudou ou manteve-se em Portugal?

Lamento dizer mas mantêm-se. Ou agravou-se. Ou agravou-se. Em que sentido? É assim, antigamente fazia-se, havia exercício inqualificado porque não havia pessoal. Porque não havia ninguém qualificado. Neste momento há pessoal qualificado e há exercício qualificado porque se paga muito menos do que se paga a um Técnico. E porque não há fiscalização suficiente para isso. As leis existem mas não há fiscalização. Nem a denúncia que devia haver... da parte dos Técnicos qualificados. Muitas vezes ensinam os não qualificados a trabalhar. Somos nós os grandes culpados.

- Agora, relativamente às formas de desenvolvimento da profissão, assistiu a evoluções tecnológicas ao longo destes 20 anos. Em que circunstâncias é que ocorreram essas evoluções no seu local de trabalho? Quais foram os factores que foram importantes para haver a aquisição de novos equipamentos, para haver essa evolução?

É assim, no início, eu sou do início... Eu acabei o curso quando havia uma ou duas TAC's em Portugal. Portanto, para nós a TAC era um tabu. Nem sequer nos falavam dela no curso. Havia já uns Técnicos a fazer TAC, havia outros que já tinham ouvido falar mas era um tabu. Inclusivamente não nos deixavam entrar nas salas de TAC. Era uma coisa maluca. Nós não éramos para entrar. Espreitar e de longe, muito longe. Era assim. Mas agora... eu assisti à evolução total e foi realmente... os Técnicos foram ganhando muito terreno e ganhando... por ter poder por terem ganho o "know-how". É assim, os Técnicos só evoluíram porque ganharam conhecimentos. E quando mais conhecimentos conseguirem, mais terreno vão ganhar. A todos os níveis. É o que nos falta é ter conhecimentos, por exemplo na Ecografia. O dia que soubermos fazê-la seremos nós a fazê-la de certeza absoluta. Só não fazemos porque não... porque não sabemos fazê-la.

- Estas evoluções ao longo destes anos modificaram os seus objectivos profissionais?

Sim, sim, de alguma forma sim. Em que sentido? A... a partir do momento em que uma pessoa deixa de se... acomodar... num determinado local de trabalho porque, não tem mais evolução, digamos, estagnou, e vê, vislumbra noutros locais de trabalho uma evolução tecnológica que não tem no seu próprio local, portanto a pessoa acaba por ter objectivos de mudança, de evolução para outros sítios. E uma procura constante de... aliás, eu penso que a rotação dos Técnicos começou precisamente por causa de... da aprendizagem das novas tecnologias.

- Qual a importância da formação para o desenvolvimento da nossa profissão?

Toda. Toda. Sem formação é impossível. Nós, nós somos uma profissão em movimento. Se nós não tivermos formação contínua, constante... paramos. Paramos. E não há hipótese. Porque a nossa profissão foi das que mais evoluiu nos últimos tempos, nas duas últimas décadas. Eu arrisco-me mesmo a dizer que foi a que mais evoluiu nas últimas duas décadas. A... e portanto, se... se nós pararmos na formação... não há hipótese nenhuma. Somos ultrapassados pelo tempo e pelas circunstâncias.

- Que tipo de actualizações ou formação realizou ao longo da sua vida profissional até ao dia de hoje?

Eu sempre estive muito na vanguarda da formação contínua. A... em tempos minimamente ligado à escola mas muito pouco, a... foi uma ligação muito efémera. E sempre estive muito ligado a cursos, estágios, a... a congressos, a tudo e inclusivamente estive na génese da aplicação em Portugal do programa Erasmus. Portanto, os primeiros estudantes portugueses que participaram no programa Erasmus foi com a minha colaboração e com a do Manuel Correia.

- Esse investimento na formação foi por motivos de auto-realização profissional ou por questões de necessidade do serviço?

Auto-realização nitidamente mas o serviço nunca necessitou de mim para nada. (Risos)

- Relativamente às expectativas e perspectivas da profissão, quais são as suas actuais expectativas profissionais? Neste momento reformou-se. Atingiu, não atingiu?...

Mas não parei. É assim, eu reformei-me, talvez mais cedo devido à minha situação militar. Nenhum Técnico de Radiologia se reforma com a minha idade. Eu tinha uma situação paralela de militar, portanto, e por isso é que me reformei, senão tinha de andar lá como os outros até aos 65 anos, não é? A... entretanto, eu também tive uma carreira um bocado fulgurante, diferente de toda a gente. Devido mais uma vez à carreira de militar. Mas não quero parar e inclusivamente tenho uns projectos na Radiologia. Projectos... pessoais, de... de investimento pessoal. Em áreas do país onde não existe Radiologia, tipo Sabugal. (Risos) ainda ontem houve uns crâneos partidos e não havia Radiologia. Tiveram de ir para a Guarda ou não sei para onde.

- Desde o primeiro dia que é Técnico de Radiologia até hoje, as suas expectativas mantiveram-se ou alteraram-se? Pensou chegar onde chegou?...

Pensei sempre. Sempre. Aliás, sempre foi... eu... desde sempre... nunca na vida me contentei com o número dois. Ou é o um ou nada. Ou primeiro ou nada. Portanto foi sempre o meu objectivo.

- Como perspectiva o futuro da nossa profissão em Portugal? Neste momento?

Muito bom em termos de... de... digamos... de utilidade para a sociedade muito bom. Em termos de... laborais vamos ter problemas. E muito graves. Porque com o “boom” da formação, com o aparecimento de novos cursos de, ou novas Universidades a atribuir cursos, vai haver problemas e começam já em 2005. portanto, aí vejo o futuro um bocado negro.

- Qual tem sido o serviço da ATARP para o serviço do desenvolvimento da nossa profissão?

A... eu queria dar uma palavra bombástica. Eu queria dizer uma palavra bombástica. Mas eu, quer seja antigamente, ou à muito pouco tempo, ou actualmente ou num futuro eu penso que a ATARP é essencial para a profissão. Esteja ela mais dinamizada ou menos dinamizada. Esteja ela mais visível ou menos visível. Sem a ATARP a profissão de Radiologia não era o que é hoje. Não tínhamos tido ligações internacionais, não tínhamos evoluído para a formação de Licenciaturas, não tínhamos evoluído a... pronto, não tínhamos sido integrados no ensino Superior com certeza absoluta sem a ATARP. E não, e não tínhamos inclusivamente tido contacto com as técnicas de Ecografia, e muitas outras. Portanto, a ATARP tem um papel essencial e não tínhamos tido... a... isto é um papel que já não é nosso ATARP, é dos Sindicatos, mas não tínhamos tido a legislação que temos. A legislação que existe foi fruto do trabalho da ATARP embora invisível. Muitas vezes é um trabalho invisível. Posso dizer que, por exemplo, a Licenciatura foi um trabalho de seis anos, com idas constantes ao Ministério. Eu passei seis meses a ir todos os dias ao Ministério. Todos os dias. Eu, o Manuel Correia e o Henrique. Mais uma vez os três. E o Jorge Moura também. Houve mais. Mas na altura éramos os três maiores. Mais... mais activos digamos. Íamos ao Ministério todos os dias dizer: “Como é, onde é que está o processo?” até que rebentou um dia e a Beleza, a Leonor Beleza que era a Ministra da Saúde recebeu-nos e achou que tinha pernas para andar e vamos em frente. Depois ainda demorou uns anos. Foi um processo que demorou dez anos. Desde que dissemos que queríamos ser do Ensino Superior até chegarmos lá demorou dez anos. E os sindicatos puxavam para o contrário. Queriam formação profissional. Nono ano mais uma escola profissional qualquer. Os sindicatos puxavam ao contrário porque era do interesse deles para passarem eles as carteiras profissionais. Portanto, digamos, foi uma luta de titãs, uns a puxar para um lado, outros para outro, mas nós na altura conseguimos a união de todos os Técnicos, não só de Radiologia mas de todas as 19 profissões que eram na altura, agora já são menos, acho eu, na altura éramos 19, conseguimos a união de todos por um objectivo que foi a Licenciatura, ou a integração no Ensino Superior, na altura foi mais pelo Bacharelato. Mas foi uma luta de titãs, digamos, e é uma bandeira que

levantamos como a ATARP, é a bandeira da ATARP. Sem ela não tínhamos lá. Portanto, se muitas vezes gastam dinheiro mal gasto, se não sei quê... são coisas da vida. Se aparecem mais, se não aparecem, se... se eles é que vivem só a fechar-se neles próprios, tem todas as críticas possíveis. Mas quem lá estiver, vai receber sempre críticas. Mas tem de se ver o trabalho invisível que existe por trás. Neste momento o Graciano não se vê, mas a ATARP não se nota. Só aparece para nos pedirem cotas. A... mas tem um trabalho invisível. Muito grande. O Graciano está nas reuniões do Ministério, está nas reuniões... existe um grande trabalho invisível que é a Ordem, pronto, um objectivo e que foi sempre o nosso grande objectivo e só não fomos Ordem primeiro que os enfermeiros porque... não nos entendemos nós entre nós. Entre nós criámos quezílias de tal... tão grandes... eu posso dizer quem foi entre nós, os Fisioterapeutas e Ortóptica. Houve... um choque, um choque de conceitos... os Fisioterapeutas quiseram a independência, portanto, formaram Sindicato próprio, quiseram ser independentes. Pensaram que tinham, sozinhos, um campo próprio e não tinham. Ou estão connosco ou não estão. Porque eles não têm um campo próprio para eles. A começar porque eles recusaram sempre o nome Técnico. É terapeuta, terapeuta, terapeuta e não querem o nome de Técnico. Isso é uma recusa deles que mantêm, mas pronto, têm todo o direito. Nós também andamos anos a tentar arranjar um nome para a nossa profissão, não conseguimos. Não é fácil. Os espanhóis têm um que acho bom, mas em Portugal soa mal, que é o radiólogo. Mas em Portugal se nos chamassem de radiólogos ficava tudo escandalizado. Não podemos adoptá-lo. (Risos) É, esse não soa bem. Sobre a ATARP podia dizer muito mais. Foram 15 anos de luta constante. E o papel dos antigos, quem fundou, formou, teve um papel preponderante. Numa altura em que era proibida a o associativismo em Portugal, eles fizeram as primeiras reuniões com a PIDE dentro das salas, há fotografias disso, com dois PIDE's dentro da sala para assistir às reuniões e fundaram uma associação com estatutos altamente progressivos para a época. Muito progressivos. Quem ler aqueles estatutos, e eu já o ouvi de muitas bocas entendidas, tem uns estatutos muito progressivos para a época, inclusivamente... inclusivamente falava-se já na independência das colónias nos estatutos da ATARP. Que era uma coisa impensável. Eram muito progressivos para a época. E foi uma conquista que eles tiveram. Havia um grupo muito grande, muito bom de Radiologistas, de Técnicos Radiologistas em Portugal, que depois... por... por circunstâncias adversas e de... foi a seguir ao 25 de Abril que ele se desmoronou. Depois houve alguém que a reconstruiu e depois houve alguém que tomou conta dela pessoalmente, levou para casa, não sei se tens conhecimento disso, era a Dona Alice Corte-Real levou a associação para casa dela, recebeu cotas durante anos, ela era secretária, tesoureira, presidente, fazia tudo... era dona e senhora da associação e foi contra essa senhora que nos insurgimos quando acabámos o curso. Nós acabámos o curso em 83, e... e o grupo, esse grupo do primeiro ano, decidimos conquistar a ATARP. E foi só em 88 que conseguimos. 83 a 88 andámos numa guerra que nem te passa pela cabeça. O primeiro

congresso a que fui foi em 86 nas Caldas e nós fomos para lá, conseguimos que as pessoas se levantassem todas do jantar de gala do congresso e saíssem. E nesse dia ficou decidido que íamos ter a direcção da ATARP só que queríamos eleições mas não sabíamos como fazê-las, queríamos não sei quê... não sabíamos! Como é que a gente vai lá entrar... Mas depois conseguimos.

(Duração: 25 Min 46 Seg.)

Entrevista com o Técnico de Radiologia Rui

Idade: 73 anos.

- Categoria Profissional?

Eu reformei-me com a categoria... que... na altura que era a máxima... porque as carreiras tinham saído há pouco tempo... foi como técnico principal no escalão máximo.

- E quantos anos de serviço cumpriu?

Cumpri 36 anos aproximadamente.

Exerceu alguma actividade antes de ser técnico de radiologia?

Tirei um curso comercial e fui empregado de escritório. Aliás este curso de empregado de escritório serviu-me quando cheguei à chefia do serviço, organizar o serviço... a esse nível, não é? À retaguarda...

- Escusado será dizer se é sócio da ATARP, não é?

Eh... sócio fundador mas com muita pena minha quando foi da atribuição dos números de sócio da ATARP fui esquecido. Então sou o número 108 quando na minha óptica devia ser o número 2, porque havia o presidente e havia o secretário e só depois é q havia as vogais. Não é? Fiquei muito zangado com isso. (E com razão?!) Claro! E fiquei zangado com isso.

- Diga-me uma coisa, quais são as suas habilitações literárias?

É... é o curso comercial.

- A formação por parte dos técnicos, qual foi a duração do seu curso?

A duração do meu curso demorou cerca de... 2 anos aproximadamente. Começou em... nos finais de 59, 59/60, e o meu exame final foi em 61. Aproximadamente 2 anos, mais ou menos.

- E onde é que decorreu?

No Hospital de S. José. No Hospital de S. José que era... Só havia dois hospitais que faziam cursos era este e em S. Maria.

- E como é que decorreu? Foi sempre teórico, era teórico-prático...

Bem, eu até tenho isso descrito naquilo que estou a escrever. O curso decorreu, quer dizer, tínhamos o programa, e... deram-nos o programa, nós fomos arrançando livros e tudo o que era relacionado com o programa, e... o curso era orientado pela turma do Dr. Martins da Silva, que se limitava a fazer provas escritas para saber como é que, enfim... como é que nos estava a correr. Tirávamos notas nesse curso mas essas notas não eram válidas para o exame final. A nota do exame final é que era a nota válida para a passagem.

- E diga-me outra coisa...

E outra coisa que quero acrescentar. Durante o curso, durante esse tempo e passado poucos meses...ah... alguns dos Técnicos começámos a tomar conta de salas, aquelas salas mais acessíveis. E ao mesmo tempo que trabalhávamos nas salas com os exames mais acessíveis, mais fáceis, íamos vendo o que é que se passava nas outras mais difíceis, que era onde trabalhavam os Técnicos mais... com mais... o Técnico mesmo, do hospital. Fazia perguntas, como é q faziam, como é que não faziam, e uma boa parte das vezes não tinha a resposta, não tinha a resposta que desejava e então ia aos livros a ver como é que era. (E...) Reparei que na prática eles eram extraordinários. Não digo todos, alguns sabiam mas pouco. Tudo o que se possa descrever eram extraordinários, mas teoricamente eram um bocadinho... era mais difícil. Era mais fácil ir aos livros (riu-se).

- E a componente prática como é que foi na frequência do curso, como é que foi? Fez estágio, não fez...

O estágio era feito juntamente, o curso demorou esse tempo todo, não é? Cerca de 2 anos. E o estágio era feito à medida que estávamos a fazer... o curso era praticamente era o... o estágio. Depois era avaliado, o Dr. Martins da Silva fazia o... “Olha daqui por 15 dias no refeitório” – que era uma sala que havia lá grande – no refeitório vamos fazer uma prova escrita. E então ele fazia as perguntas da praxe e era sempre num domingo. Levávamos por ai 1 hora ou 2 para fazer o ponto escrito, e depois dava-nos uma nota para ver como é que estávamos, como é que não estávamos fazia as perguntas e nós respondíamos. Passado alguns dias dava-nos as respostas. Ele gostava de fazer isso. E era bom também, pelo menos durante a... quando ele avisava com 15 dias de antecedência aquilo era só para estudar.

Pois...

Mas não havia aulas dadas por alguém... não havia... Aqueles que podiam dar e ajudar eram os Técnicos do serviço eram pouco de... tinham credibilidade para o dar, sabiam fazer. Eu até ficava admirado depois mais tarde, quando eu comecei a fazer muito a sério, não é? Com tudo incluído, teoria e tudo, e mais alguma coisa. Via como é que era possível, via que como é que era possível, pá... quer dizer, a pessoa na prática pode saber fazer, mas também tem de saber quando é que está bem e quando está mal porquê, porque é que não ficou bem, porquê, etc....

- Durante a sua vida profissional como Técnico, possuiu duplo emprego ou durante algum período da sua vida profissional...?

Tive muita sorte nesse aspecto, emprego paralelo, não é? Tive muita sorte nesse aspecto. Porque tinha e tenho um... já não trabalho agora com ele... um primo que é engenheiro civil e como eu tinha sido empregado de escritório, e sabia escrever bem à máquina, sabia de contabilidade, sabia uma série de coisas, ele nunca prescindiu dos meus serviços. Quando ele viu, viu... quer dizer, na altura em que eu tirei o curso de Técnico, ah ele também abriu um gabinete de engenharia, e eu saía do hospital e ia trabalhar para ele. E quando eu lhe dizia “Olha vou para CUF!” convidaram-me para ir para CUF, “Eu vou sair do hospital para ir para CUF”, (primo)“Mas vais porquê?”, “Porque vou ganhar mais algum, pá! Já vou ganhar mais.”, (primo)“Quanto é que vais ganhar?”, “Vou para lá, vou para ganhar... aqui estão a pagar-me 2 ou 3”. Naquela altura os ordenados eram (mais pequenos?) diferentes. Eu não sei se eram mais pequenos, se não eram.

Eram diferentes.

Eram diferentes, não era? Também as coisas eram mais baratas. Era noutro contexto.

As coisas eram mais baratas. “Vão-me pagar 4, pá”, e ele pagava-me só 2 e meio ou 3. (primo) “Então eu também te pago 4”. Ele nunca me deixava sair. Fui prejudicado por isso. Porque se eu tivesse ido para a CUF, como foram outros colegas meus, hoje tinha uma boa reforma da CUF e a reforma do hospital. Fui prejudicado porque eu com ele não descontava. Foi uma estupidez da minha parte. Esta foi a minha... foi o meu trabalho paralelo. Daí a escola também ganhou com isso e os alunos... eu dizia-lhes, tinha confiança para isso... dizia, eu tenho aí umas coisas a fazer pá, mas há 2 dias por semana pelo menos em que eu vou ficar aqui como alunos mais tempo e ficava. Ah... porque tenho de dedicar mais algum tempo porque durante a hora do serviço é difícil, é difícil transmitir os meus conhecimentos todos... todos aqueles que eu desejo transmitir, e os alunos assim ficam a ganhar e eu também fico mais, mais... contente com isso. Quer dizer, tentei dar aos outros aquilo que não me deram a mim.

- Com a sua vida, com extensos anos na profissão e com a passagem pela associação, como é que define a nossa profissão, o que é ser técnico de radiologia para si?

Bem, é uma paixão, hei... bem declarada é uma paixão. Começou logo de princípio quando eu tentei, ... quando eu entreguei o meu requerimento para ser aceite ao curso de Técnico de Radiologia, o director, o meu director do serviço Dr. Martins da Silva fez tudo para que eu não... para não aceitar o requerimento, mas eu disse “Nem pense nisso, nem pense nisso!”. Naquela altura eu já tinha como escriturário do serviço, como secretário, já tinha alguns meses e já estava dentro e bem dentro do que era a profissão de Técnico de Radiologia. Até que podia ir para Fisioterapia na altura, podia ir para outras profissões auxiliares de diagnóstico e terapêutica. E escolhi a Radiologia porque dentro de todas elas, realmente é... é Física, é Química, é... é uma série de disciplinas que as outras não têm, que me animaram, quer dizer, como é que é possível. A única coisa que me chateei assim um bocado, enfim... que me deu mais que pensar, foi as radiações, porque o Serviço de Radiologia do Hospital de S. José tinha lá alguns Técnicos cheios com mazelas. Com mazelas não tinham dedos, pá, o Constantino Ribeiro, pá, quer dizer, as fotografias das mãos dele serviram de cartaz, pá, para uma data de reivindicações que nós fizemos ah... ainda fui apanhar o Prof. Carlos Santos que era um homem extraordinário, um médico que era cientista que extraía corpos estranhos com uma categoria, com um aparelho inventado por ele, com bisturi especial, com um sistema de ampolas que o aparelho tinha, pá, eu sei que quando sentava dentro da sala onde ele extraía os corpos estranhos, o nosso... dá-me impressão que os nossos cabelos ficavam em pé, quer dizer, a radiação era tanta... O aparelho era extraordinário e ele extraía os corpos estranhos com uma rapidez fantástica, todos eles. Ainda apanhou os primeiros meses da guerra de Angola e todo o doente que ia ao banco com corpos estranhos mandavam-nos ao raio X para retirar. Já com ele reformado ia lá 2 vezes por semana extrair corpos estranhos até que acabou. E por curiosidade minha, ele era um senhor que gostava muito de conversar e era um autêntico gentleman, disse: “Ó senhor professor, uma coisa que me tem feito, tem feito, eu sei lá... eu tenho a impressão, o senhor não é canhoto, tem a mão esquerda que é uma desgraça em relação, a direita não está boa” disse eu “mas a esquerda está que é uma desgraça”. Ele olhou para mim e disse: “É como está, você está a fazer uma pergunta que só eu é que fiz a mim. Também fiz essa pergunta a mim próprio”. Quer dizer, além dele só eu é que fiz essa pergunta. Eu fiquei assim: “Mas porquê, senhor doutor?” Fiz a pergunta a mim próprio, porque é que a esquerda está assim e a direita não está. Então fui radiografar as placas de chumbo que protegiam à volta do aparelho”. Ele tinha umas placas junto ao aparelho a forrar, de chumbo. “Fui radiografar aquilo tudo e descobriu uma fenda do lado esquerdo que aquilo apanhava radiação directa nessa mão”. Nem era radiação secundária, era directa durante não sei quantos anos. Ora como nós sabemos, a radiação é acumulativa, é irreversível, só sai em forma de doença. Quando começou a aparecer as mazelas já era tarde. Embora ele tivesse tapado logo a fenda, mas as radiações foi uma coisa sempre que... mas também lia muito sobre as radiações. “De qualquer das maneiras, quer dizer, as radiações fazem mal, mas é preciso que uma

pessoa, sobretudo o Técnico que a manipula, se tiver cuidado com ela não faz mal a ninguém. É preciso é ter cuidado. Eu nunca segurei a mão de um doente, nem de um bebé, nem de ninguém para fazer radiografias. Chamava o pai ou a mãe, ia sempre acompanhado, faça aquilo ou aqueloutro, era assim”. Até os empregados auxiliares eu dispensava. Todos os dias era assim, se o senhor não consegue segurar a mão do bebé com força, tem de ser com força, tem de chamar alguém que faça isso e é chato se não for o senhor a fazer”. Estimulava-os de tal maneira que eles o faziam mesmo e depois aplicava a técnica Alta-kiloVoltagem, que era uma coisa que me fazia uma confusão, os mais antigos faziam as radiografias com pouca, diziam eles que ficavam muito bonitas. O contrário! A técnica de Baixa-kiloVoltagem, as radiografias não têm a leitura nem a décima, não digo uma décima, não têm 50% da leitura de uma de Alta-kiloVoltagem. E todos nós sabemos que os kilovolts altos, radiação menor. E o tempo de exposição tem que ser menor. Um doente médio do tórax, mudámos imediatamente, se soubermos a capacidade da ampola, sabemos que a ampola era uma ampola de 120, 150 kV, eram à volta de 120, passámos a fazer entre 100, 110, e com 3 centésimos de segundo. Eles não faziam nada disso, faziam era com 3 décimos. Era tudo assim. Utilizando a técnica e depois o próprio director dizia “Não gosto disto assim tão escuro”, “Ai não?!” Quantas vezes o Dr. Martins da Silva era especialista em fazer Mastóides. Gostava muito! (Risos) Eu tive muito tempo numa sala em que os outros não queriam lá ir. Faziam-se mastóides, tomografias, seios perinasais, falar com os outros, tudo isso, aquilo para mim ou para outro qualquer, quando nós fazíamos demasiado tempo a mesma coisa acabava por ser um exame de rotina. Custa muito a fazer o primeiro mês, vamos lá, mas ao fim de nove meses ou 1 ano a fazer a mesma coisa ...

Já faz de olhos fechados quase...

Aquilo é... pode-se levantar e pode-se ir embora. Não é bem assim mas é quase. Nunca mandei ninguém embora sem ter a certeza quase absoluta que estava bem, sem ver se estava mesmo bem. Não se deve fazer isso, seja que exames forem, pode acontecer um percalço e é aborrecido, pá. Isto tem a ver com a técnica de Alta-kiloVoltagem. E depois disso disse-lhe “Tome lá, esta é com a técnica que o Técnico X fazia, e esta é a que eu faço! Agora diga-me lá, o senhor como Médico de Radiologia e Director de Serviço, quem é que tem mais leitura?”. Ele ficou a olhar para mim e disse: “Pois é, aqui vê-se os canículos todos, vê-se tudo e mais alguma coisa”. “Pois vê-se, e aqui? Aqui está tudo branco, pá!”. Quer dizer, a radiação não chegou a penetrar como deve ser nessa zona. Estão habituados ao preto e branco, esqueceram-se do cinzento.

- E diga-me 1 coisa: se tivesse que definir por 1 conjunto de palavras, como é que descreveria então a nossa profissão, o técnico de radiologia?

Um conjunto de palavras? Eu sei lá... é a profissão? É a profissão mais bonita do mundo!

Eu também concordo!

Sabe porquê? Eu vou-lhe dizer: além das disciplinas, mais nenhuma tem como a nossa. Não há outra como a nossa. Se formos a ver em relação a nível das disciplinas, o técnico tem muito mais, a nível profissional, sabedoria nesse aspecto. Se formos comparar com outras profissões que agora não quero dizer, enfermagem, etc..... O quadro do pessoal técnico dos Hospitais Cívicos de Lisboa era assim: Médicos, Técnicos de Diagnóstico e Terapêutica e depois é que era os Enfermeiros, e depois os empregados auxiliares. Isto depois deu uma reviravolta, que eles organizaram-se e nós vimos isso e por isso é que temos que ter uma Associação ou Sindicato. E esses 5 elementos, pelo menos 2 já cá não estão, e gostava que eles vissem a volta que deu a profissão, para ficarem tão contentes como eu, ao ver a escola tal e qual ela agora está, a ser gerida por Técnicos da especialidade, as aulas a serem dadas por Técnicos da especialidade, tudo isso nós ambicionámos e batemo-nos e fomos trabalhar como monitores para que a escola avançasse. De certa maneira foi isso que nós fizemos. Era preciso avançar de qualquer maneira, não nos podíamos prejudicar, depois havíamos de conquistar esse... Felizmente foi conquistado por gerações a seguir que compreenderam que tinha que ser assim. Quanto mais nós evoluíssemos a nível profissional, os outros senhores que nos davam as aulas, etc., iam desaparecendo. ‘Cada um...’ como é que é?!... ‘Cada macaco no seu galho’

‘Cada macaco no seu galho’ exactamente!

- Queria que relembrasse, para ficar registado, como é que teve conhecimento desta profissão?

Como é que eu tive conhecimento? A minha mulher, eu sou viúvo há 7 anos, foi um dia muito triste, e continua a ser, continuo a não aceitar. A minha mulher era Técnica de Cardiologia e eu era empregado de escritório, eu estava na secretaria, eu ia ter com ela, ela trabalhava no Hospital de Arroios, ia ter com ela, ia buscá-la, ia levá-la. Trabalhávamos nos Hospitais, íamos para os Hospitais, íamos para o trabalho juntos, saíamos juntos, quer dizer, andávamos sempre juntos. Foram anos a fio assim. Eu ia ter com ela e entrava no Hospital e logo de princípio, eu entrava e ficava ‘doido’, “Isto é uma coisa extraordinária!” e tive uma crise de ciúmezitos. Logo ao princípio de casamento tive uma crise de ciúmezitos. Ela levou-me ao Médico de Fisioterapia. O Médico de Fisioterapia disse: “Leva o teu marido a fazer um RX aos seios perinasais”. Ela levou-me ao pai do Dr. Santos Coelho, que é um Médico de Radiologia, quer dizer são 2 irmãos que são Médicos de Radiologia e que um foi até há pouco tempo Director do Hospital dos Capuchos. Eu não sabia o que era, ele foi e disse que ia fazer a radiografia. Entrei no serviço de radiologia do Hospital do Desterro, eles fizeram-me a radiografia, entregou-me ainda molhada no porta-película (por incrível que pareça ainda tenho essa radiografia em meu poder, já tem uma data de anos, tem quase 50 anos). Eu depois fui ao Fisioterapeuta. “Tem uma sinusite maxilar”. Eu tive a coragem de dizer: ”Ó

Sr. Dr., desculpe, mas como é que se sabe que se tem uma sinusite maxilar?” Eu que não estava ligado a nada e ele esteve-me a dizer: “Isto aqui é os seios maxilares. Este está aqui mais escuro do que este, vê? Este aqui tem líquido. Está infectado.” Aquele dedo a apontar para a radiografia, conquistou-me e não só! Quer dizer... O ambiente, o ir buscar a mulher, etc. Isso foi... tem que haver sempre uma raiz, não é? Tem que haver sempre uma raiz para uma pessoa gostar de uma coisa, tem que haver qualquer coisa, não se escolhe uma profissão... Eu acho que não se deve escolher uma profissão sem mais nem menos, tem que haver uma certa... e depois é ver se tem vocação ou não. Mas o princípio foi esse. Depois foi arranjar maneira de conseguir tirar o curso. Entrei para os Hospitais para a Secretaria, etc., para tentar fazer o curso. E consegui, acumulando, quer dizer, eu tive o privilégio de tirar o curso e estar a ganhar como escriturário. Tirei o curso na hora de serviço, não é? Era casado. Os outros meus colegas não. Andaram a tirar o curso e não ganharam um tostão. E faziam o horário. O chefe começou a contar, a partir, dos 6 meses do curso, 6-7 meses, começou a contar com eles para fazer a aula, as extremidades, para fazer os tóraxes. Havia no Serviço Central de Radiologia uma sala com 3 postos de trabalho, um aparelho comum aos 3 postos de trabalho, quer dizer, mudava-se para a mesa 1, para a mesa em frente, que era o 2, para os tóraxes, tinha um potter vertical e para a mesa do lado esquerdo, que era para fazer colunas, bacias, etc., coisas assim deste género, com mais espessura e eram normalmente 2 técnicos a trabalhar nessa sala. Os mais velhos, o que estava fazia o tórax, por exemplo, ou então faziam assim, punham lá um aluno e depois “Olha, tu fazes aqui os tóraxes, e depois se tiveres dificuldade, chama-me”, que antigamente era raro o tórax que não se fizesse em oblíquas. Era uma mania: o tórax e oblíqua, o tórax e oblíqua. Fazia-se a oblíqua anterior direita, a oblíqua anterior esquerda e o tórax. E muitos com perfil também. Ia-se fazendo. E olhe que no exame final, os alunos a que calhou ter que fazer o tórax com oblíqua foi os que calharam com a nota mais baixa, porque é um exame que é fácil de fazer quando a gente conhece bem a anatomia, faz a de frente que é igual para todos, mas as oblíquas é preciso saber. Se tem um tronco que é estreito, se é largo, etc. Quando a técnica diz que é de tantos em tantos graus, por alguma razão é. Como os crânios, se é longilíneo, se ovilíneo, quando se faz uma técnica, quando se escreve uma técnica que é de X em X graus, mas porquê? Tem de haver uma razão, e a razão é essa. E depois é a anatomia radiológica. Não é fácil. Eu cheguei ao ponto de, com o tempo que eu usava de saber ler bem o raio X do tórax, de saber se o tórax tinha metástases e qual era a origem delas pela imagem. E houve um ou outro médico que “Oh Fernandes, o que é que tu achas?”. Porque gostava muito de anatomia.

Eu pessoalmente acho muito complexa.

Pois é, fazer um exame não é brincadeira nenhuma e fazer o exame como deve ser, com a obliquidade correcta é preciso olhar para o tronco, para o tórax e ver como é. 45 a 60 graus, como é que é por 45, como é que é por 60. É preciso saber.

- Numa equipa de saúde multidisciplinar, qual é o papel do técnico? Quais são as competências do técnico de radiologia no seio de uma equipa? Como seja numa urgência e trabalhar no bloco...

Eu costumava dizer e disse aos meus alunos que o Técnico quando está a trabalhar na urgência ou seja onde for, é o dono da sala. Talvez seja uma palavra um bocado rija mas é o dono da sala. Pode admitir uma outra observação dum colega dele, agora outro traço aí parou! Colaborar com os outros extractos profissionais, isso sim, é fundamental. Eu tive casos interessantíssimos que colaborei imenso com os outros extractos profissionais. Tenho 2 casos que foram realmente extraordinários: um dos casos foi um médico mandou fazer um raio X no cotovelo a um doente que apareceu no banco com fortes dores no cotovelo. Fez-se a radiografia do cotovelo e daí por um bocadinho apareceu ele “Eu não consigo ver nada”. Fez-se as radiografias clássicas, a de frente e a de perfil. Este Médico era na altura o director dos serviços médicos da Guarda Republicana em Lisboa. Era ortopedista. “Oh Fernandes, eu com este exame não consigo ver nada”. “Este exame, como o senhor sabe, clássico de perfil. Há outras incidências. Mas realmente a gente olha para ele e não vê nada. O que não quer dizer que não tenha”. “Ah pois!” Era uma tomografia. É raro também fazer-se uma tomografia linear. Naquela altura havia só a linear. Mas o banco, por incrível que pareça, não tinha nem tem. Agora quem quiser fazer uma tomografia vai fazer ao raio X central que está ligado. Naquela altura não tinha. Fechavam o outro serviço, acabou-se. Ninguém podia lá entrar. Podia-se ir só ali mas está fechado. Eram já não sei quantas horas da noite, 10 ou 11 horas da noite. “Mas eu gostava tanto de uma tomografia porque o doente queixa-se e o doente não é nenhum ‘mariconço’. O doente queixa-se, ele tem alguma coisa, e eu também apalpo e encontro.” “Eu vou tentar fazer mais um exame que tenho conhecimento dele mas que é muito raro. Só preciso de saber qual o sitio que o senhor apalpou e que tem dúvidas que o doente tem alguma coisa. É fácil” – disse eu para ele. “Onde eu lhe apalpei é na tacícula radial.” “Ai é?! Então ainda bem. Então vamos lá ver, traga o doente se faz favor.” Ele trouxe o doente e eu fui fazer a radiografia axial para a tacícula radial, que foi muito comentado, os colegas que estavam de serviço nunca tinham ouvido falar na axial da tacícula radial mas eu tinha conhecimento dessa coisa e tinha até escrito já. E fiz a axial da tacícula radial. Apanhando a tacícula topo. Para espanto nosso, tinha uma fractura da tacícula radial. “Aquele senhor, assim é que é, assim é que é colaborar!” Pois, a gente não está cá para outra coisa. Desde que a gente saiba que existe mais alguma coisa é para isso que nós existimos. Quem está agradecido agora sou eu porque era recorrido pelos meus conhecimentos. A gente não está cá para outra coisa. Isto é um exemplo do que é. Fora disto há outros casos. Houve tantos. Vou contar, porque merece a pena contar. O serviço 4 do Hospital de S. José tinha um director que metia respeito a toda a gente. Fui chamá-lo ao serviço para fazer uma Pielografia Ascendente. A chefe da enfermagem: “Ele hoje não vem grande coisa”. “Ai não?! Também eu” – foi a minha resposta. Mas

o que é que eu tenho a ver com isso. Ela avisava logo, metia medo às pessoas. Eu cheguei lá “Como está, Sr. Dr.?” Já era quase uma hora da tarde, eu ia chateado, era hora de ir comer alguma coisa. Fez-se a Pielografia Ascendente e quando eles estavam a ver o exame, falou. Eu olhei bem também para o exame. Esperei foi que ele dissesse alguma coisa. “Que diabo, pá! As queixas são umas e a radiografia é outra!” Foi o que ele me disse. E eu disse: “Dá-me licença que eu dê a minha opinião?”. Olhou para mim e disse: “Com certeza”. “O Senhor não se importa de repetir o exame? E nós vamos fazer o mesmo exame mas ligeiramente obliquado. Bastam 10 – 15 graus.” “Mas porquê?” Disse-lhe eu: “Porque eu tenho suspeita que esta manchinha aqui que está sobreposta à coluna (e acontece muitas vezes o uréter vir junto à coluna) e nesta apófise transversa, aqui, dá-me a impressão que isto é um cálculo. Mas eu só lhe posso dizer se eu obliquar o doente.” Ele olhou para mim “Vamos embora.” O que eu fui arranjar! Fomos repetir o exame obliquado, que era revelado numa sala à parte onde havia, todos os blocos operatórios tinham câmaras escuras ao lado. A gente aquecia o banho à temperatura de 26 – 28 graus, revelava-se com 18, a frio, mas para ser rápido aquecia-se com 28 graus aproximadamente. Eu revelei, trouxe a radiografia (era feito com prato térmico) ficava que era uma maravilha. Fomos ver a radiografia, ele olhou para mim “Sim, senhor, você tinha razão. Cá está! Muito obrigado!”. Saí dali inchado... O pior foi o resto. Cada vez que precisava de uma pielografia ascendente perguntava: “Está aí o Fernandes?” Queria-me a mim. “Mas não sou eu que estou de...” E o chefe: “Vá lá, vá lá, que qualquer dia ele é que vai ser o Enfermeiro-Mor (nunca chegou a ser), faz-me esse favor.” E os colegas também tinham medo de lá ir. E lá ia eu, fazia uma festa muito grande, mas também quando eram doentes dos quartos particulares pagavam-me. Ele era o director dos quartos particulares do Hospital de S. José, que tinha clientela fantástica em Lisboa. Eram os melhores quartos particulares que havia em Lisboa, era difícil arranjar lá vaga. As pessoas que estavam a ser lá operadas, porque se houvesse algum problema, tinham o banco logo em baixo. Os quartos particulares ficavam por cima do banco um andar acima. Qualquer problema que houvesse ali era o 115. 115 Ou 112, não é? Chamava os doentes dos quartos particulares, fazia as Pielografias ascendentes, dava 300 escudos ao enfermeiro e dava 100 escudos ao empregado auxiliar. E ao técnico eu não dava nada mas eu não sabia. Um dia um empregado auxiliar perguntou-me: “Oh Sr. Fernandes, quanto é que ele lhe dá a você?” “A mim nunca me deu nada.” “Não me diga uma coisa dessas. Ao enfermeiro dá-lhe 300 escudos, a mim dá-me 100”. Mas quem pagava era o doente. Até que um dia fui ao gabinete dele, eu não fui lá pedir nada. “Oh Sr. Dr., desculpe-me, pode-me atender?” “Posso.” “Se o enfermeiro faltar numa pielografia ascendente, nós podemos fazer a Pielografia Ascendente?” “Com certeza. Aquilo que ele faz também o faz você ou faço eu. Mas que conversa é essa? Então, nós de pois não podemos fazer a Pielografia Ascendente?!” “Ó Sr. Dr., desculpe. Eu fiz a pergunta de certa maneira estúpida. Mas agora vou-lhe fazer uma que se calhar vai ficar muito mais intrigado. Então e se eu faltar?” “Se

“você faltar ou eu não podemos fazer a pielografia ascendente. Então, mas porque é que me está a fazer essa pergunta?” “É que eu tive conhecimento que com os doentes dos quartos particulares, o Sr. Dr. dá 300 escudos de gratificação ao enfermeiro e dá 100 ao empregado auxiliar.” “Não diga mais nada. Que injustiça a minha, que eu tenho estado a fazer. Você vai levar 500 paus.” Num mês fui 4 vezes, deu para comprar um fato, gravata e camisa e tudo e mais alguma coisa. Mas eu não fui por causa do dinheiro, fui para chamar a atenção dele, como chamei a atenção a toda a gente que a nossa profissão tinha uma palavra a dizer, quer dizer, era calada mas não era uma profissão qualquer. Era substituível como as outras. Não éramos os melhores do mundo mas era substituível numa equipa como as outras. Mas há certas situações, como naquele caso, em que o médico e o técnico eram insubstituíveis. Num grupo de uma geração, que eu chamo a geração de 60, a pouco e pouco fomos injectando em doses maciças prestígio. Não fui só eu, foram todos, prestígio que evoluiu muito. Foi uma revolução.

- Para se ser bom técnico de radiologia está associado ao facto de se ser homem ou mulher na profissão?

Não. Pelo contrário, tive colegas minhas que, caramba, que foram e são boas profissionais. Qual é o problema? O problema é igual. Só que há situações, tanto num homem ou como numa mulher, um bocadinho difíceis para o homem e um bocadinho difíceis para a mulher. Depende, mas na profissão não. É o que eu costumo dizer, sendo um bom profissional, sabendo o que está a fazer, tanto faz ser homem ou mulher. Qual é o problema? Não tem nada uma coisa a ver com a outra. Não estou a ver o significado dessa pergunta.

(Tem a ver, por exemplo, sabe-se que uma mulher, hoje em dia já há ressonância, mas uma mulher que decide ter filhos, uma mulher técnica, profissionalmente pára. Hoje em dia tem a ressonância. Esta pergunta tem a ver com a igualdade de oportunidades profissionais).

Isso é outra conversa, é para as tais mentalidades tacanhas. Se a mulher está grávida tem de ser afastada da radiação, pois é evidente. Agora é outra coisa. Dentro do serviço de radiologia, depende. Se estiver dentro do serviço onde há radiação por todo o lado, ela vai mas é para casa. Agora se dentro do serviço de radiologia algum ou outro posto de trabalho em que ela possa dar uma ajuda, na marcação, não sei, possa dar uma ajuda, desde que não esteja em contacto com a radiação e desde que seja da vontade da própria dar essa ajuda. De acordo com a lei, tem de ser afastada de tudo o que diga radiologia não sei quantos metros. Mas também não é bem assim. Desde que o serviço, como deve ser, bem protegido, desde que ela esteja a fazer um trabalho não em contacto com radiação... Eu, por exemplo, fui para fazer uma ecografia há cerca de 3 semanas em Almada, onde no mesmo andar, ao lado fazia-se a mamografia, que é com tempo longo, embora os aparelhos sejam melhores, continua a ser com tempo longo, e havia também a tomografia axial

computorizada, e todo aquele pessoal que andava no corredor com batas brancas a passear de um lado para o outro, ninguém tinha dosímetro! Ninguém tinha dosímetro... E ao médico que me fez a ecografia (eu conheci-o ... de Lisboa, por isso é que eu lá vou) Eu disse “Aqui ninguém utiliza dosímetro” e ele riu-se.

Ainda por cima é um direito profissional.

É um direito profissional. E ele riu-se. Eu até pensei escrever tudo isto a uma entidade que tomasse providências. Foi por isso que foi feita a Associação. Esse foi um dos pontos que, nós quando a criámos a Associação, nos interessava. Não tenho dúvida, não gosto da palavra denúncia, mas indicar que determinados serviços, determinadas clínicas onde isso não é utilizado. Porque não?! E terem o poder ... de haver uma entidade governamental, de dizer à Associação “Fulanos não utilizam este controle, que é necessário para quem trabalha com radiações”.

- E o que é que pensa acerca do exercício inqualificado na nossa profissão?

Isso já não devia existir há não sei quantos anos! Inqualificado! São aqueles que trabalham sem terem formação para isso. Isso ao tempo que já devia ter acabado, porque, agora de memória não lhe posso dizer quais são as datas, mas fizeram-se exames de qualificação nos hospitais em determinada altura “A partir de agora não há mais nada para ninguém”. Depois voltou-se a fazer a mesma coisa não sei quantos anos depois “A partir de agora é mesmo só as escolas oficiais”. Continua a haver?! É porque não há controle. E devia de haver, até porque de acordo com a Comunidade Europeia é obrigatório ter qualificados. Ora estamos na União Europeia, temos estas leis todas a nosso favor, porque é que o Técnico, a Associação não mexe num problema tão grave como é esse?

(Inclusivamente em Inglaterra ...eu li artigos que dizem que há colégios de radiologia que são regidos por uma Ordem ou Associação e, além de credenciar os profissionais, os profissionais são obrigados ou levados a fazer exames de X em X tempo para garantir a certificação dos conhecimentos profissionais).

Nós fizemos isso. Nós fazíamos isso. Nós, para subir de categoria, em Portugal, para ser Técnico tive de fazer exame, tive de dar aquelas disciplinas todas e fiz exame. Mal ou bem, mal acompanhado, que eu fui muito mal acompanhado, mas no meu caso e no caso de alguns colegas meus teve um lado positivo: é que muitas coisas estudámos demais, não fazia parte estudarmos tanta coisa, o motivo é que não ia acompanhado, isso não interessa, fomos, alguns, outros não interpretaram as coisas assim e estudaram de menos. Não havia um controle como deve ser. No meu caso e de alguns colegas, como eu ia a dizer, isso resultou. Fui como um quase autodidacta. Não é bem assim, mas é quase. Eu andei a estudar coisas que quase não valia a pena. Isto tem a ver com a pergunta de pessoal inqualificado... É isso, quer dizer... Não percebo como é que isso ainda existe

no ano de 2005. Não percebo. Já morreram, já se reformaram todas as pessoas que se formaram a seguir ao 25 de Abril, isso começou mais nos anos 80, 1982, quando começou a Escola até 1990, tudo isso foi o prazo para acabar com isso tudo, porque de acordo com os conhecimentos que nós tínhamos, quase todos estavam quase com idade para ir para a reforma e havia muito poucos já sem qualificação. Como é que ainda hoje há, não percebo! E como é que isso não é denunciado e os próprios serviços onde eles trabalham, as clínicas, etc., conseguem ter um indivíduos desses a trabalharem... a fazer isso. A propósito ainda disso: tenho um neto com 10 anos, fui com ele a uma clínica na Charneca da Caparica que tem lá de tudo, com um pedido do médico assistente, radiografia do cavum de perfil. Fui com ele fazer a radiografia, o miúdo tem 10 anos, entrei no serviço, apareceu-me uma pequena e um pequeno, eram novos. Aparentemente parecia ter 20 anos e ele também à volta disso. Pegou no miúdo, pôs o miúdo de perfil, colocou a ampola a uma pequena distância, e quando ele ia para mesa de comando, “Alto aí, o que é isto?!” – disse-lhe eu. “O que é que o Sr. vai fazer?” Ele ficou muito admirado – “Vou fazer o RX do Cavum.” “Não, não! Para já vou-me identificar.” E identifiquei-me. A radiografia do cavum é uma teleradiografia. “O Sr. O não vai fazer uma teleradiografia. Da maneira como o Sr. vai fazer o cavum vai-lhe ali aparecer com o dobro do tamanho.” “Você é Técnico de Radiologia?” perguntei-lhe. “Não sei quê, sou.” “Em que escola?” Começou-se a engasgar. “Então, faça lá uma teleradiografia. E localizada, se faz favor! Ele é pequenino, tem de ser localizada e ... diafragmada o mais possível.” E foi. Ele fez a radiografia e vim-me embora. Mas eles ficaram muito intrigados. E salvo erro, ainda estive para escrever, mas ia escrever para quem? O mal está aí. Essas denúncias deviam ser... Ele ia fazer um exame com uma imagem completamente errada. Assim como uma, ainda a propósito dos Técnicos que não sabem, apareceu-me uma miúda, um pai de uma miúda intrigadíssimo, aqui o médico que fez o relatório precisava de uns açoites. A filha de um vizinho meu, apareceu-me o pai intrigadíssimo com o RX do crânio da filha e com o relatório, que além do mais falava da anatomia radiológica do exame e que aparecia uma imagem do tamanho de uma moeda de 5 escudos ou 10 escudos, agora já não me lembro do tamanho da moeda, com suspeita de não sei de quê. Olhei para a miúda, olhei para o pai e disse-lhe eu: “Este médico é maluco! Olha lá, ó Mariazinha, o Técnico quando fez a radiografia (ela tinha rabo-de-cavalo com elástico) ele mandou-te desfazer o rabo-de-cavalo?” “Não, não.” “Então, o Sr. Dimas (que era o pai), amanhã leva lá a sua filha ao banco para eu fazer uma radiografia, que é para você não andar aí com...” Começou logo a pensar que era um tumor. Uma coisa com aquela configuração. Ainda por cima, redondinha, estava lá... É impossível um tumor assim. É impossível com aqueles contornos todos regulares, com um diâmetro tão regular, é impossível. Tinha que ser um corpo estranho. Foi lá, “Agora tire o rabo-de-cavalo.” Tirei, fiz a radiografia “Agora vá a esse gajo que fez, vá lá mostrar ao médico ...” “Vou mesmo.” E foi. Eu sei quem ele é, é um rapaz trabalhador, mas não interessa. Foi feito este RX ao crânio por uma pessoa

que não era Técnico. Toda a gente sabe que tudo quanto é corpos estranhos e o rabo-de-cavalo tem que se desmanchar, porque a compressão do cabelo ali é tanta que, com certeza, que depois aparece ali uma imagem que engana. E ainda por cima redonda.

- Assistiu a evoluções tecnológicas no seio da profissão? Em que circunstâncias é que essas evoluções tecnológicas aconteceram nos sítios por onde passou, nos sítios onde exerce?

As várias técnicas que apareceram?

(Sim.)

A primeira, que eu fiquei maravilhado, foi a tomografia axial. Nunca tinha visto mas houve um simpósio. Vieram médicos de todo o mundo ao Algarve, trouxeram o tomógrafo num carro, os alemães, trouxeram a tomografia num camião. Isso foi feito ali, os exames para nós vermos como é que eles faziam. E depois, era Radiologia de Intervenção, também. Tinha a ver com Radiologia de Intervenção. Ficou a Tomografia Axial Computorizada. Só podia ser feita com a Radiologia de Intervenção. Foi isso, a Radiologia de Intervenção com a Tomografia Axial Computorizada e também com a Angiografia. Foi uma semana. Foram convidados dos Hospitais Cívicos de Lisboa, 4 Técnicos principais, chefes de serviço. Fui eu, foi o Bruno, foi a D. Laura Mendonça e foi o Abel Cardoso. E... fomos cinco! Foi convidado um Técnico do Porto e outro de Coimbra. Foi uma semana em grande, com tudo pago. Mas não foi só o facto de ser tudo pago. Foi no Alvor. Foi uma semana realmente que me encheu de uma maneira fenomenal. Ficámos a conhecer in loco como é que aquilo funcionava e a revolução que isso ia ter. Já tínhamos a ecografia, ainda um bocado rudimentar, havia na Maternidade Magalhães Coutinho. Antes de haver a Tomografia os exames eram feitos no RX. Era rara a grávida que aos 5-6 meses não fazia radiografia. Era mesmo exame de rotina. E às vezes mandavam pedir-me para fazer nas enfermarias intransportáveis. Fomos nós que alertámos os médicos que era um crime aquilo que eles estavam a fazer! A partir daí, começaram a pedir ecografias e a insistir com as ecografias. Mas fiz ainda umas boas centenas de radiografias a grávidas. Portanto, essa semana foi maravilhosa. E depois, é claro, a continuação. Veio depois a Ressonância. Aí, é que como era possível aquelas imagens serem RX! Foi uma coisa... E apercebemo-nos que a nossa profissão cada vez era mais... Porque apareciam estas técnicas novas ao mesmo tempo que se conservava o RX convencional. A propósito de ter falado da ecografia que fiz à pouco tempo, fiquei um bocado admirado um doente que estava lá a marcar uma Tomografia Axial Computorizada aos seios perinasais. Eu não resisti à tentação, quando ele saiu perguntei-lhe: "O senhor desculpe-me. Eu fui Técnico de Radiologia. O senhor já fez algum RX aos seios perinasais normal?" "Não, nunca fiz. A médica agora é que mandou fazer isto." E eu fiquei... então, mas há necessidade de fazer um TAC aos seios perinasais sem primeiro fazer uma radiografia normal? Numa radiografia normal, a gente vê logo se tem ou não... Agora fazer um TAC aos seios

perinasais, então realmente se vê que existe qualquer coisa que não está bem e que no TAC é visível a 100%. Até aconteceu, com uns alunos no banco (eu dei aulas no banco no primeiro curso), que quando apareceu um doente com um RX do crânio com suspeita de fractura dos ossos próprios do nariz ou coisa assim parecida, aproveitava esse doente, sem abusar, fazia mais uma incidência... só mais uma! Não aproveitava o doente para o encher de radiação. Era só mais uma com os alunos. Então, houve um que levou um murro ou caiu ou coisa parecida e tinha suspeita de..., era um rapaz aí dos seus 20 anos. E eu disse a um dos alunos “Vais fazer a incidência de Waters.” E ele foi. Foi fazer, estava com um bocado de dificuldades, eu lá o pus como deve ser, não queria que fosse repetido, dei-lhe as indicações técnicas, fez a radiografia e depois fiquei assustado com o que vi. Vi o malar do lado..., quer ele foi lá por causa de uma coisa e ao fazer uma radiografia para o aluno aprender, reparei que um dos malar estava quase subido. Ainda por cima, vim a saber mais tarde, 24h depois, que o rapaz era sobrinho de uma funcionária do hospital. Fui ao balcão, lá está a tal colaboração que o Técnico deve ter, e disse “O doutor pediu um RX ao topo do nariz. Está aqui. Não tem nada partido. No entanto, mande para o otorrino, faça o que entender, mas vai mandar mesmo.” “Mas porquê?” “Porque eu tenho ali os alunos e aproveitei e fiz também uma de frente.” Não lhe disse o que era. “Ao fazer uma de frente, que normalmente não se faz, veja bem esta radiografia, está a ver o malar do lado direito? E agora do lado esquerdo?” “Eh, pá! Tem um tumor.” “Pois tem.” Parte do malar estava obscurecido o osso. Sem querer... Achei que aquela radiografia não devia ir para..., devia continuar, mesmo que me dissessem que eu não devia ter feito isso. Nos ossos próprios do nariz posso fazer mais outra incidência, posso fazer o perfil, posso fazer a axial e posso fazer também esta, arranjava uma desculpa. Mas achei que aquilo devia continuar e até colaborar. Mais tarde é que vim a saber que aquilo foi um desastre, mas foi por acaso. Por isso, é a radiografia, um TAC é onerar, nalguns casos é onerar o exame. Se fizer os seios perinasais, não tem nada, não vale a pena fazer um TAC. Agora pedem um TAC por tudo e por nada. Aqui há gato. É que o TAC fica em trinta e tal contos e uma radiografia é mais barato. Cala-te boca! ...

- Estas evoluções que aconteceram na parte tecnológica na nossa profissão, modificaram os seus objectivos profissionais?

De maneira nenhuma! Pelo contrário, cada vez que aparecia uma nova técnica, eu dava dois pulos. É preciso ver as coisas por esse prisma. Profissionalmente era mais uma vitória. Em relação às outras profissões que nunca acontece nada, quer dizer, ficavam cheios de inveja, os outros, com certeza. Nunca acontece nada, acontece, sei lá, na Enfermagem, na Fisioterapia, é muito raro acontecer qualquer coisa, é quase sempre a mesma coisa. Mas esta profissão foi a que mais avanços teve. Já reparou foi a nossa profissão que, de todas as profissões, Técnicos, Fisioterapeutas e não só,

até mesmo Médicos e Enfermagem, etc., foi a que mais avanços teve. E depois, ainda tem outra coisa, não fazem nada sem nós. Eles não prescindem de nós de maneira nenhuma. Por isso é que me custa imenso, mas custa mesmo do fundo, ir, por exemplo, onde fui este ano à entrega dos diplomas na escola... Ou foi o ano passado?

Foi este ano, em Janeiro...

Este ano, em Janeiro, fui convidado e fui lá. Custa-me imenso ver aquela plateia enorme, cheia de gente, o espectáculo que aquilo foi e, depois, no outro dia, nem na televisão nem nos jornais nem nada. Não foi para isso que nós fizemos a Associação. Ainda por cima as nossas televisões, agora há tantas, andam à procura de assuntos para transmitirem como sei lá quê, porque não têm. Antigamente era difícil. Havia só uma, era difícil. E a gente só tinha não sei quantos segundos no Natal para desejar Boas Festas aos colegas. Agora, eles andam todos à procura de assunto. E depois fala-se da qualidade da saúde, sobre qualidade dos Enfermeiros, dos Médicos, não sei quê, e nunca aparece lá Técnicos. Ninguém, nem do RX nem de análises, não aparece nada. E isso custa-me imenso, porque é preciso aparecer e é preciso falar, porque eles falam aí da saúde, dos hospitais, como é que as coisas funcionam, como é que não funcionam. Mas depois veio a notícia noutra jornal que um indivíduo morreu porque o hospital não funcionava, não havia RX nem havia análises a partir de uma determinada hora, ou teve que ir fazer a radiografia a 50km ou 100km de distância, e não funciona. Ninguém funciona sem RX e análises. Especialmente RX. Eu no banco tinha uma estatística e chegámos à conclusão que em cerca de 70%, que é muito, 70% das pessoas que entravam no banco iam fazer RX. A maior parte era coisas pulmonares e não sei que mais, era RX do tórax, e era fracturas, era não sei que mais. Uma fractura não precisa de análise. Um tipo que partir um dedo ou uma perna não vai fazer uma análise. E até tenho um caso que se passou no banco engraçadíssimo, mas isso se calhar demora um bocadinho para contar. Mas era engraçado...

- Mas pode contar.

Posso? No banco. Tem ainda a ver com o que disse atrás, o prestígio. É preciso sempre agir, não é, mas sempre protegendo a classe, porque se por tabela seca houve um ou outro até colegas que custarem o valor que o outro tem o que interessa sobretudo é a classe e o doente. O doente é fundamental e, por isso, é que me apaixonei. Bateram-me à porta do gabinete no banco, um Major do Exército. O homem ia completamente perdido. A mãe tinha entrado no banco. “A minha mãezinha entrou no banco, eu quero saber, diz que fez uma fractura e eu lembrei-me de vir logo aqui ao RX.” O homem lá tinha entrado no banco e conseguiu. “Oh homem tenha calma.” - Disse eu. A primeira coisa... No lugar dele tinha feito o mesmo, pensei eu. Ele nunca devia ter ido bater ali, devia ir saber para onde é que ela tinha entrado, se tinha sido observada ou não, mas bateu-me ali, pá! Alguém o mandou por ali não sei porquê. E eu: “Mas então o que é foi?” “A minha

mãezinha teve um acidente e eu estou muito ralado. O que é que lhe teria acontecido?"; "Calma, tenha calma. Porque é que você vem aqui bater?"; "Disseram-me que ela, se calhar, que ia fazer RX."; "Então, vamos embora." - Levantei-me, fui com ele à sala, a gente trabalhava com 2 salas, e vários aparelhos portáteis espalhados pela cirurgia, enfim, por vários postos de trabalho. Mas ali era só 2 salas. Fui e, logo por sorte para mim, e também para ele, a mãe dele estava numa maca à entrada da sala. A mãe estava à entrada de uma sala, eu olhei a senhora, agarrou-se à mãe aos beijos. O senhor estava descontrolado. Era uma adoração, uma adoração que devem ter às mães e aos pais. Mas ele... Há pessoas mais contidas, e ele não. Eu olhei para a perna da senhora e vi logo. A perna direita tinha o pé voltado para fora. Parecia ter mais um colo de fémur ou fémur partido. "Tenha calma. Como vê a senhora teve um acidente (caiu pela escada abaixo) mas assim que a sala estiver livre, a gente chama." E foi. Eu próprio fui lá dentro ao Técnico e disse: "Quando estiver livre, avisa, se faz favor." Ele foi ali bater à minha porta "Agora venho também colaborar." Como eu colaborava tanto. Os meus colegas, quando eu estava de serviço, adoravam-me, porque eu não era pessoa para estar agarrado a uma secretária. Nunca! Tanto em Santa Marta, nos Capuchos e em S. José, quando chegava, 20% do tempo era dedicado à escrita, 80% era na sala de trabalho, ao lado deles, a ver se estava bem, estava mal, a colaborar. "É pá, já é segunda vez que faço e não fica bem." "Onde é que está o doente?" "Está na sala tal." "Põe lá o doente na posição em que fizeste." Nunca ao pé do doente "Pois tem que sair mal. Então o doente é ovalíneo. Tens que o rodar mesmo, se não nunca mais apanhas. Roda menos um bocadinho." O gajo ia e, pumba, saia. Era a prática. É a tal coisa que eu dizia há bocadinho. Fui fazer a radiografia. "Aparentemente tem fractura do colo do fémur." Fui fazer a radiografia e, pumba, estava a fractura. Levei-o ao balcão. "Ah, o médico que a viu não está. Ele já vem." "Então," – disse à enfermeira: "está aqui a radiografia. Tem fractura do colo do fémur. Agora fica aqui, quando o médico vier..." "Ah, eu não quero que ela cá fique, não quero que ela cá fique." "Isso é consigo e com o médico. Muito obrigado, muito agradecido, e não sei que mais." Quis a sorte que eu, cerca de 5 minutos, 7 minutos ou o que é que foi, o porteiro foi ter comigo: "Ó Sr. Fernandes, tem uma pessoa à entrada do banco que quer falar consigo." É um senhor que estava à minha procura. Ninguém lá podia entrar. Quando eu chego à entrada do banco, o que é que eu vejo? A senhora sentada numa cadeira! Eu olhei para a senhora e disse: "O que é que a senhora está aqui a fazer sentada? Onde é que está o seu filho?" "O meu filho foi à procura de um táxi." "Então, porquê?" "O médico disse que eu não tinha nada." "O quê?!" Eu fui lá fora, disse à pessoa que estava à minha procura para esperar, fui ter com ele e disse: "Não chame táxi nenhum. Venha cá comigo, se faz favor." Levei-o ao cirurgião-chefe, não quis saber quem foi o médico (ainda hoje estou para saber), que era o Dr. Balcão Reis, que era conhecidíssimo, era um chefe. Peguei na radiografia, chamei-o: "O Sr. Dr. É capaz de chegar lá fora? Isto aqui é uma coisa urgente. Vá ali ao RX, se faz favor. Se não, rebenta aqui uma bomba desgraçada e o melhor é o

senhor lá ir.” Ele foi, viu o RX, à frente do filho, e disse: “O Sr. Dr. olhe aqui para esta radiografia, se faz favor.” “Então, pá é uma fractura do colo do fémur.” “Então, olhe, eu disse a mesma coisa aqui ao filho da senhora e o médico que está aí no balcão, agora não sei quem é, disse que não tinha nada e a senhora saiu da maca e agora está numa cadeira.” “O quê?! Eu vou já. Venha cá.” Saiu. Daí a um quarto de hora o senhor major foi-me agradecer e foi-me dizer que o Dr. Balcão Reis a ia operar numa clínica não da onde, que ele já não queria nada...

Com aquele hospital...

Não queria que fosse lá operada. Já viu? É uma maneira de colaborar. O que houve... E o Major deve ter saído de lá a dizer: “Os Técnicos lá são bons.” Não estou a dizer isso por minha causa. Toda gente sabe e vê quando o colo do fémur partido! Ele viu e já não a deixou sair. O médico é que foi um banana! É prestigiar a classe, não é? Quando as pessoas olham para uma coisa e “Isto está mal feito, pá.” E foi feito no serviço tal, é o serviço todo que está em jogo. É tudo, há desde o melhor ao pior, sem lugar a diferenças entre eles. Por isso, quando a gente se bate, é por todos e não por um. Que vá arranjando prestígio, a pouco e pouco ao fim duns anos, é outra conversa. Isso é com o trabalho, sem querer, não é por tabela seca nem... Eu gosto muito de falar...

- Qual a importância da formação para o desenvolvimento profissional? Na sua opinião...

Ó pá é fundamental. É fundamental! É fundamental andarmos em todas. Eu fiz 26 cursos daqueles que aparecem, que apareciam... Uns feitos pela Associação, outros por laboratórios, sei lá... A AGFA fez vários, sobre câmara escura, etc. Ao todo fiz 26. Tudo quanto aparecia de interesse para a profissão, só se eu não pudesse de todo, mas eu ia a todas. Mas as coisas agora podem ser articuladas de outra maneira, não é? Com a escola, eu ainda continuo na escola, a escola agora além de administrar os cursos propriamente dito, cada vez que há uma inovação, digo eu, devia reciclar para todos irem lá actualizarem-se. Agora existe a escola e a Associação continua a ter um papel muito importante nesse aspecto. É fundamental. Então, tem alguma graça estarmos a trabalhar num serviço e aparecer um colega novo que, entre aspas, sabe mais do que nós? É errado, a todos os níveis, incluindo a chefia. Como é que eu podia chefiar um serviço em que um Técnico, ou um aluno, como foi o meu caso, viesse ter comigo “Ó Sr. Fernandes, como é que faz isto?” e dissesse “Vou ali ao livro ver como é que se faz que eu não sei.” Acho que não batia certo, por isso me deu tanto trabalho, quando a escola começou e aparecerem-me aqueles alunos extraordinários que me apareceram, hoje é a nata da Radiologia, estão todos bem colocados com certo nível e que apareceram-me aqueles alunos com umas bases extraordinárias que, ávidos de aprender, com necessidade de saber, porque vinham da escola. A escola não era o suficiente mas eu também tinha que estar à altura para tirar dúvidas. Ao fim e ao cabo essa história de monitor é uma palavra que, quer dizer, não é bem aplicada. Quando o monitor está a fazer um exame com o aluno, tem que

falar, tem que dizer como é que se faz, como é que não faz. É mais difícil do que ser o professor, porque depois de fazer vai ver ao negatoscópio, vai ver o exame e vai dizer se está bem, se está mal, porque é que ficou bem, porque é que ficou mal, etc. É por isso que têm que estar preparados à altura. Mas isso, sempre, a vida inteira. Cada vez que aparece uma coisa nova, isso deve aparecer.

- E esse investimento na formação foi auto-realização ou por necessidades de serviço?

Foi pelas duas coisas. Primeiro pela paixão e, segundo, por necessidade. Por aquilo que acabei agora de dizer, pelas necessidades de serviço. A primeira coisa que um Técnico, por exemplo, no meu caso, um colega meu, faz quando tem dificuldade, não é ir ter com o Espírito Santo, vai ir ter com o Técnico, vai ter é com o chefe “Ó chefe, tenho ali um problema e tenho dificuldade em resolver.” “O que é?” Normalmente eu sentia-me bem quando podia resolver esses problemas, sentia-me bem, punha a pessoa bem disposta mas é preciso também cuidado. É preciso ter cuidado ao transmitir conhecimentos, sabê-los transmitir, ser correcto e não dar a entender que “Eu é que sou bom.” Arranjar ambiente para ser sempre um consultor, porque quando se gosta e quando transmite, é muito bonito e quando se vê que a pessoa recebeu e que aprendeu, é uma coisa muito bonita. Tenho vaidade, é claro.

Ao princípio, na minha profissão, quando me dirigia a um Técnico mais velho, das outras gerações antes da minha, estavam a funcionar pelo menos 3 gerações: uma com mais de 60 anos (só se reformavam com 70 anos ou então nas últimas), outra entre 40 e 50 e alguns já a atingir os 40, trinta e tal. E depois surgiu a minha, com vinte e tal anos, entre os 22 até aos 27, mais ou menos, 28 anos, foi a minha geração. Mas quando nos dirigíamos aos mais velhos, víamos o exame bem feito, etc., e perguntávamos. A gente pensava que eles faziam caixinha. Levou-me algum tempo, também não andamos aqui de eléctrico, passo a expressão, levou-me algum tempo a ver que nalguns casos, na grande maioria dos casos, sabiam fazer mas não sabiam descrever e aí a fuga. Mas muitas vezes dizia: “Estão a fazer ‘caixinha’.” Porque nunca se deve fazer. A maior alegria que eu tinha era quando um colega meu me vinha pedir para radiografar o filho ou a mulher ou a mãe. Porque gostava tanto daquilo que fazia que eu radiografava o meu filho, a minha mulher, o meu avô, a minha avó, radiografava todos, injectava, fazia tudo. Mas eles para fazer uma radiografia não se sentiam bem a fazer. E eu ficava contente “Então não fazes?” “Então, vai lá tu.” Admiravam e isso era um alegria, dentro da nossa amizade para sempre. Tenho a certeza que arranjei mais amigos que inimigos, se se pode dizer. Se arranjei algum, foi sem querer.

- Como é que perspectiva o futuro da profissão em Portugal, neste momento?

Então, ela tem avançado tanto que perspectivou os Himalaias. Vocês já passaram a Serra da Estrela, passaram tudo e mais alguma coisa. Agora são os Himalaias. Por mim só falta uma coisa, é aquilo

que batemos-nos também e, ainda não vi um Técnico com formação a fazer relatórios. Não faz sentido. Por amor de Deus! Comecem já por reivindicar isso, pá! Porque há determinado número de exames que não faz sentido. E depois ir para os outros. Porque não? Porque não ir para os outros, então uma ecografia, uma fractura dos ossos do esqueleto, é preciso um médico para fazer um relatório de uma coisa dessas? Há determinado número de exames que é preciso um estudo especial, mas também só aí, porque as bases são quase todas as mesmas entre uns e outros. O Técnico tem tal maneira que se valorizar que eles têm receio. Ora, vou-lhe contar um caso. A nossa Associação, nos consultórios e clínicas onde trabalhavam os Médicos de Radiologia, onde quase todos eram meus amigos, mas não posso deixar de não dizer isso, porque acabaram por me dar razão mas têm sido um travão, fizeram apostas, na altura tivemos conhecimento disso, que a nossa Associação não ia ser uma realidade. Pode escrever isto! Eles não tinham nenhum interesse que a gente fosse para a frente. Viram o perigo. A Associação foi um grito, como é que hei-de dizer, de alarme. Um grito qualquer, daqueles gritos “Estamos aqui, a gente não é aquilo que vocês pensam.” E foi uma geração que só tenho pena é de não poder continuar. Tenho muitas saudades de uma geração que foi a transição do nada para o que é agora, muito. Sem querer estar a pedir que nos agradeçam, eu não posso falar pelos outros mas sei que é assim, eu penso que sem a nossa revolta... é que atrás de nós apareceram dos outros. A nossa Associação foi a primeira a aparecer, depois é que apareceram as Análises Clínicas e os outros a fazerem associações porque viram que nós estávamos a ter uma projecção muito grande. Portanto, Himalaias se façam favor!

- Pegando na Associação e como produto nacional, e acho que é de certa forma uma pergunta delicada, como sócio fundador e até ao dia de hoje, o que é que acha que tem sido o papel da Associação ao serviço da profissão no nosso país?

Ai que é tão difícil...

(Até respira fundo...)

Pois, até respirei fundo. É tão difícil, nós quando nos reunimos na Casa do Pessoal dos Hospitais Civis de Lisboa no dia 29 de Abril de 1966, tínhamos certas dúvidas, não muitas, que para ser Sindicato, em 1966 tinha que ser um Sindicato fantoche como eram os Sindicatos da ditadura naquela altura, dominados pelo estado, pela PIDE... Era impensável quando nos reuníamos mas pusemos essa ideia nessa reunião porque já tinha havido uma tentativa cerca de 7 ou 8 anos antes, ou mais talvez, 10 anos, aonde fazia parte o Sr. Mateus, o Joaquim Mateus dos Santos, o primeiro presidente da Associação, por isso nós fomos ter com ele ao banco, 4 elementos do Serviço Central foram ao Banco falar com ele. Sabíamos que ele tinha estado nisso, na formação do Sindicato, saber o que é que tinha acontecido, se havia papéis, se havia documentos, o que é que havia. Isto não podia continuar como estava, dissemos a ele. E ele virou-se para nós e disse: “Não fui só eu, foi

também o Jorge Rodrigues ‘das caixas’. Se vocês conseguirem que esse Jorge Rodrigues...”, depois de nós lhe termos posto o problema, e de ele nos ter visto, nos ter ouvido e ter ficado com a impressão que nós estávamos mesmo com vontade, com muita força, era aquilo que ele precisava. Fomos falar com o Jorge Rodrigues. Ele disse: “Se o Rodrigues entrar, eu também entro.” E foi assim que ao fazermos essa reunião, propusemos a todos os Técnicos que conseguimos que estivessem presentes, e foram muitos, foi uma data de Técnicos que encheram a sala da Casa do Pessoal dos Hospitais Cívicos de Lisboa, chegámos à conclusão que o Sindicato como eles queriam antigamente não dava, porque era um Sindicato fantoche, mas uma Associação, camuflada com determinados artigos na sua constituição era muito bem capaz de ser muito bom e sermos, enfim, um órgão representativo da classe. E foi isso que perdurou, foi isso que foi aceite. E foi nomeado naquela altura a Comissão que ia tratar dos estatutos e, depois, mais tarde, pôr os estatutos à votação, que foram votados. E essa Associação, da qual fiz parte como Secretário, o Presidente era o Sr. Mateus, o Jorge Rodrigues era o Vogal, e a D. Amélia Mendonça e o Zé Raposo e o António Lopes Ribeiro, tinha o nome do crítico de cinema e nós brincávamos muito com isso. Nessa reunião ficou, então, assente que era Associação e por maioria absoluta e por aclamação. Pusemo-nos ao trabalho e andámos em frente com a Associação e rapidamente arranjámos os Estatutos, reuníamos todas as sextas-feiras à noite ou ao sábado, durante alguns meses para fazer os Estatutos da Associação. Mas não foram tantos meses como isso. E logo no primeiro artigo ficou assente o que é que nos interessava que era promover cursos, ai não... Queria dizê-lo na íntegra porque era importante. Era o artigo dois: “competia à Associação promover cursos documentados e com referências culturais; criar e manter publicações periódicas de carácter informativo e cultural; fomentar o intercâmbio cultural e o convívio social entre técnicos portugueses e os de países com quem Portugal mantenha relações culturais; promover a criação de uma biblioteca; estudar as melhores condições de protecção contra as radiações ionizantes no trabalho dos seus associados”. E guardámos para o fim aquele que nos interessava mais, e que o Estado naquela altura, se fosse a primeira era capaz de os estatutos não passarem, que era agir como órgão informativo ou consultivo, sempre que solicitada pela entidades competentes, a pronunciar sobre assuntos profissionais. Isto era o artigo número dois e foram os primeiros itens que nos interessava que fossem aprovados e foram aprovados. Foi este o nosso espírito. Agora pergunta-me se isso tem sido, em parte, como disse à bocadinha, custa-me imenso que muita gente não saiba que a Associação existe. Até mesmo dentro dos próprios hospitais, dentro dos outros estratos profissionais, que não apareça na televisão, quando se fala de saúde, que os nossos governantes, quando falam em hospitais, só falam em Médicos e Enfermeiros. ‘Para abrir um hospital é preciso não sei quê, Médicos e Enfermeiros’ – não é não senhor, é preciso médicos e enfermeiros e é preciso Técnicos de Radiologia, de Fisioterapia, de Análises Clínicas, etc. Porque sem os Técnicos

de Diagnóstico e Terapêutica, principalmente os de Radiologia, não há hospital para ninguém. E nunca aparece, pá. Quer dizer, é pouco promovido. Fazem-se, por exemplo, a Associação tem, quase todos os anos, a Associação quase todos os anos faz congressos, se não faz todos os anos, faz de 2 em 2 anos, aparece a escola também, com tanta gente no dia da entrega dos diplomas. Os Enfermeiros no dia da entrega dos diplomas aparece lá a televisão, veio noutro dia na televisão. E com a nossa escola e com a nossa Associação, não aparece nada, não vejo nada. É pena! E uma das razões foi também essa, foi dar a conhecer ao país que existe a nossa profissão que é fundamental num serviço de saúde.

Duração: 91 min.